

Panteísta e espiritualista desenganado, Manoel de Barros percorre um caminho sinuoso entre "Compêndio para Uso dos Pássaros" e "Gramática Expositiva do Chão", que obteve o Prêmio da Fundação Cultural do Distrito Federal (1969). O poeta visitou o reino ilusório dos perversos polimorfos, onde há mais interrogações que respostas. Novo Job, personificou e transformou esse emblema hebraico para buscar no Oriente a tranquilidade sem opções, as vestes amarelas, a serenidade dos seres inanimados. Um ruralismo ora autêntico ora realmente evasivista, trouxe-lhe compensações, alguma beleza e muita lucidez, mas não a paz. Afinal, algo se sabe: os silogismos são alcapões que se abrem sobre abismos de bordos escorregadios, cheios de inteligentes que deblateram e não se irmanam nem na arte de exercer a infelicidade. Eis os frutos do aprendizado. Ergo, as coisas, como dizê-las?

A "Gramática Expositiva do Chão" desvenda e expõe a condição humana: o homem "na prática do limo", "acometido de lodo", "carregado por formigas", Ele é o "mal traçado", o "trilhão dorminhoco", o "irmão desaparecido de Chopin", o "homem de borracha", o "homem de lata", o "resto anuroso de pessoa" que se procura "na palavra rebotalho" e come o infimo com farinha. Em "Protocolo Vegetal" o poeta faz um inventário material e moral, relacionando mais de sessenta ob-

jetos díspares, sucata ou peças de um puz de que, armado, poderia ser parte da alma ou da consciência da gente. O homem e o lixo do mundo. A frase pode ser modificada com o descuido de um simples cisco diacrítico. Pobre homem!

Essa identidade com a escória já foi identidade com a natureza, já foi mansidão e canto de ave. Mas agora não é mais possível, a paz ou é de todos ou de ninguém. A enumeração caótica em Manoel de Barros é apocalíptica, na linha do desengano total, não oferecendo nenhuma liberação. O primeiro elenco apresentado é de coisas inservíveis ou escassamente utilizáveis, a não ser em caso de naufrágio em ilha deserta ou prisão celular solitária e perpétua. Já a segunda enumeração (com elementos surrealistas) inclui objetos úteis, apresentados alternadamente, em disparidade que denuncia a desordem e o absurdo do mundo, criador (ou propiciador) do homem de lata que "morre por não ter um pássaro em seus joelhos". O poema "O Homem de Lata", iterativo como uma litania barroca, faz a

UM POETA SEM PECADO (2)

(O compêndio e a gramática)

enumeração anafórica dos sofrimentos que acompanham sua existência (são, na verdade, as nossas fraquezas, as contingências da nossa carne corrupta e mortal) desde que, "resto anuroso de pessoa", perdeu a calma, a cauda e a dignidade porque se afastou da natureza (tal como aparece no Compêndio) e da espiritualidade para adorar o Grão-Porco, a ordem e o progresso.

No poema que, com seu título resumido, seria um "Conhecimento do Chão através de São Francisco de Assis", as técnicas enumerativas e anafóricas continuam a caracterizar a forte poesia de Manoel de Barros que age sem apelos ao lirismo, identificando o homem com seu espaço físico e formas elementares de vida que se fundem à imagem humana numa estranha mas nunca inoportuna tentativa de unicidade que poderia ser budista se o budismo fosse surrealista.

A mistura é instável e explosiva mas o poeta a maneja sem temor, com uma liberdade a um tempo, onírica e desperta, de

que quase todo o racional foi alijado. Assim são as suas duas "máquinas": a de chilrear (título de um quadro de Klee) e a "Máquina segundo H. V., o jornalista". Em Manoel de Barros a poesia está, por vezes, intimamente ligada a soluções tomadas às artes plásticas. É uma poesia apoiada na visualidade e que frequentemente faz pensar em Bosch, Brueghel, Arcimboldo, Utamaro, Hokusai, Miró e, a presença mais conspícua, surrealistas de expressões distintas, tendo em comum, é claro, as propostas tradicionais da escola.

O livro termina com os poemas "Desarticulados para Viola de Cocho". Note-se a extraordinária inventiva de Manoel de Barros na construção de seus títulos. A arte de dar títulos, reconhecidamente tão difícil, é uma oportunidade de mostrar talento que o poeta quase nunca desperdiça. Nesses "Desarticulados", o ilogismo presente em quase todo o volume (em quase todos os versos de Manoel de Barros, que sabe sempre aproveitar as vantagens do "encadeamento irracional" do dis-

curso) alcança bom nível de criatividade através das perguntas e respostas de Compadre Amaro Ventura, dois vaqueiros roseanos cruzados com monges zen.

Esses estranhos seres falam por caricaturas de koans ou koans caboclos (armados sob a deformação de uma lente joiceana) em que uma espécie de satori, quando se dá, é como deve: de súbito; ou então as associações verbais são talvez um tanto prejudicadas por um humorismo muito presente e a iluminação do sentido só vem sob forma de luz surda, pequeno vagalume que morre fosforescente.

Tentei, para explicar, desmontar dois poemas, desatarrachando seus audaciosos e simples vocábulos e agrupando-os por assonâncias, rimas, significados, sugestões, cheiros, gostos, conteúdos etc. Tudo conforme o figurino que sábios alemães ensinaram a sábios espanhóis e vice-versa. Pra que? Pra nada. As palavras reagem mal a essas ginásticas onanísticas. É melhor ler outra vez os poemas: "— E o que grota/greta/lapa e lura são? — São aonde o lobo/o goelho? e o erótico". Ou então este outro de mais longo alcance e melhor arquitetura: "— E martelo grama de castela móbi le estrela bridão lua e cambão vulva e pilão elisa valise nur se pulvis e aldrabas, que são? — PALABRAS."

ISMAEL CARDIM

Mato-Grosso é um Estado sem sorte. No tempo e no espaço, nos filhos e nas realizações, tudo em Mato-Grosso fica limitado ao âmbito ridículo do provincialismo sem consequências. A guerra do Paraguai ajudou um pouco o Estado e fê-lo entrar nos compêndios de História, mas antes disso não houve medalhão com capacidade para obrigá-lo a repetir a façanha. Ficámos mercadores de beira de rio, pobres e presunçosos, com a voz cansada de tanto anunciar gloriola de lantejoulas e fogo fátuo, como o venerando e respeitável d. Aquino Correia.

Na literatura, a primeira afirmação verdadeiramente positiva só apareceria em 1935 e 36. Foi um poeta nascido aí em Corumbá, criado nos barrancos da cidade, amando todos os caminhos e morros, portos e fazendas, foi esse poeta, Lobivar Matos, quem iria trazer Mato-Grosso para a literatura nacional. Lobivar foi a primeira penetração matogrossense no resto do Brasil, foi a primeira bandeira literária em sentido contrário. Sua poesia que já chegou a ser elemento de estudo e pesquisa para folclorista de renome, tem muito de regional e muito de nacional. Nenhuma imagam sua (e ele é poderosamente rico em imagens) fica no plano puramente provincial. Sua infância, reconstruída pelo poeta em cada poema, é a infância de uma multidão de meninos brasileiros. O rio, a pan-de-rosa, os tipos populares que a gurizada não perdoava, o negrinho,

a mulata, o menino-rico, as primeiras investidas sexuais de toda sorte, tudo o conduzia a uma posição singular entre os modernos poetas do Brasil. E foi o que aconteceu. Aos 22 anos chegou a ser um nome nacional. Viveu na opinião dominical dos grandes nomes da crítica brasileira, enquanto dois ou três imortais cuiababenses se contentavam com as seções "pedidos" dos jornais do Rio.

Mas não estou aqui para vos falar de Lobivar de Matos. Lobivar inaugurou um caminho e tem de ser sempre uma referência necessária no assunto. Minha intenção, hoje, é dizer alguma coisa dum outro poeta, outra figura que Mato-Grosso, sobretudo Corumbá, conhece muito bem. Este é, como o outro, um rapaz triste, solitário, magro, baixo, e tem a mais um bigode e uns óculos de tartaruga. Seu nome garantirá a sobrevivência da família, não em Corumbá ou Mato-Grosso, mas no Brasil. Muita gente, certamente, não dá importância a sua figura extraordinária. Menino rico, ele se vestia mal e chega a ser displicente demais. Filho de família poderosa pelo dinheiro e pelas terras, ninguém se sente menos que ele e ninguém se vê mais estranho a todos os lugares. Alguns o tem pelo doidinho da família, outros o desprezam pela sua geral inaptidão pelas coisas práticas, mas poucos sabem que sua voz tem um destino, destino que independe dele, de sua família, de sua cidade. Manuel de Barros nasceu da poesia, vive dela e ela é um dogma na sua vida. É precisamente seu único dogma, pois Manuel não é homem de verdades reveladas nem de pontos ou princípios fundamentais. Não sabe ele de religiões, nunca se fez membro de partidos políticos, e as coisas só lhe importam pelo seu conteúdo poético. Por isso, aquilo que sua poesia busca é apenas o que há de mágico e imanente em cada

homem. E vós sabeis que nada há de mais imanente e lógico em cada homem que o amor. O amor a compreender tudo: a infância vivida multiformemente, a menina e a mulher amadas em silêncio, o irmão que sofre em todos os países.

Todo hou em, para Manuel de Barros, é seu irmão, e será duas vezes seu irmão se for um sofrimento. Sua palavra se transforma e vai a pedir ajuda de todos, inclusive da amada, quando em sua frente um coração põe o sofrimento à mostra. Essa identificação com a dor e esse absoluto

aprofundamento no amor (no fundo, duas coisas ligadas logicamente) fazem de Manuel de Barros um poeta universal. Seus motivos, menos motivos que seu próprio "ser", têm uma amplitude que o leva para toda parte. Quem não concordará com a beleza integral daquele poema admirável, *Olhos Parados*, escrito em uma das mesas da Soreteria Americana, enquanto um disco de Chopin punha uma funda melancolia na manhã de domingo corumbaense? O poeta atin-

em toda poesia moderna do Brasil. Atentai às rimas internas de 1º e do 2º versos:

"Ela me encontrará sadio, apolítico,
anti-apocalíptico
anti-cristão e talvez campeão de xadrez.
Ela me encontrará forte, primitivo animal
como planta, cavalo, como água mineral".

Profundamente humano, o poeta Manuel de Barros é a mais alta e a mais pura voz da poesia em Mato-Grosso. A frase fica es-

Surrealista, primitivo. O cinema descobre Manoel de Barros.

Uma verdadeira confraria sul-mato-grossense tentará reproduzir em cinema o aspecto lúdico e surreal da poesia recém-descoberta de Manoel de Barros, natural de Cuiabá, com oito livros escritos em 50 anos de atividade poética. Sob direção do também mato-grossense Joel Pizzini, em novembro começará a ser filmado o curta **O Incrível Anonimato do Caramujo-Flor** ou **A/C de Manoel de Barros**. No elenco, Ney Matogrosso — caracterizado como nos tempos de seu primeiro LP Solo. **O Homem de Neanderthal** — Tetê Espíndola, Almir Sater, Aracy Balabanian e Rubens Corrêa, todos também do Planalto Central.

Este é o primeiro investimento da Embrafilme em um trabalho de autor mato-grossense (exemplo do descaso dos órgãos oficiais da Cultura pelo restante do País). Quase totalmente desconhecido Manoel de Barros odeia multidões e 'agitos', mas já conta com uma pequena e aguerrida legião de tientes, como Antonio Houaiss — que prefaciou **Arranjos Para Assobios**, último livro do autor — Washington Novaes (jornalista), Millôr Fernandes e até Carlos Drummond de Andrade (antes de morrer confessou a Pizzini sua admiração pelo poeta).

Natural de Cuiabá, onde nasceu em 1916, Manoel de Barros utilizou durante toda a vida recursos quase primitivos para a criação, resultado do contato com sua região de origem. De lá, herdou a tendência a mitificar aspectos nada comuns da natureza, como caramujos e outros seres rastejantes — "é no chão que as crianças brincam, onde sonham", diz. Esta volta no tempo teve outros incentivadores, como o pintor Paul Klee, e sua técnica de resgatar os erros do traço das crianças. De uma viagem a Nova York, em 47, Barros trouxe o gosto pelo cinema. Segundo Pizzini, "a obra de Barros é composta de fragmentos justapostos que encerram uma concepção cinematográfica de organização". Barros explica: "Pego um verbo enlouquecido e prego ao lado de um substantivo morto; subverto as regências, no colo de uma palavra elegante colo um esterco. De forma que minha técnica é de

colagem mesmo. Eu seria, em cinema, da escola de Einsenstein".

O caramujo-flor

"Este é um filme **sob poesia**", arrisca Pizzini, 26 anos, natural de Dourados, a 200 Km de Cuiabá. Assistente de direção de Sílvio Back no filme **Guerra do Brasil**, autor da pesquisa histórica para o filme **Brasil dos Tenentes**, de João Batista de Andrade, desta vez Pizzini procura recriar num curta colorido em 35 mm um pouco da poesia de Barros. Para tanto, usará planos fechados e aproximados com a câmara dirigida rente ao solo — "o chão era o auge para o poeta", explica o diretor.

Ney Matogrosso ficará durante um mês em Cuiabá, pronto para deslocar-se para qualquer locação — O Casario de o Porto, em Corumbá, o Pantanal, o interior da gruta do Lago Azul, em Bonito, a 3 horas de Cuiabá. Vestido com penas e máscaras, como no início de sua carreira-solo, Ney vai corporificar a poesia de Barros, só com gestos. Um projeto surreal, que Joel descreve utilizando um trecho de poesia do autor: "A gente é rascunho de pássaro/ não acabaram de fazer". As cenas serão pontuadas pela boca do Tetê, que "vai soltar os pássaros da garganta, numa espécie de jogral surreal". Rubens Corrêa fará o papel de Barros. Almir Sater, ao lado de Alzira Espíndola, interpretará o poeta e sua relação com a musa. O orçamento do filme gira em torno de Cz\$ 3 milhões, mas a Embrafilme arcará com apenas 40% dos custos. O restante provavelmente ficará a cargo do governo do Mato Grosso do Sul.

Enquanto isso, a poesia de Barros permanece desconhecida. Sua obra, totalmente esgotada, compõe-se dos seguintes títulos:

Poemas Concebidos Sem Pecado (1937), **Face Imóvel** (42), **Poesias** (56), **Compêndio para o Uso dos Pássaros** (61), **Gramática Expositiva do Chão** (69), **Matéria de Poesia** (74), **Arranjos Para Assobio** (82), e **Livro de Pre-Coisas** (85). Suas poesias mais recentes reunidas em **A Arte de Infantilizar Formigas**, ainda não foram publicadas.

Cristina Iori



A obra do poeta sul-mato-grossense Manoel de Barros será transformada num curta-metragem, com o cantor Ney Matogrosso no papel principal.



Manoel de Barros

sobreviver pela palavra

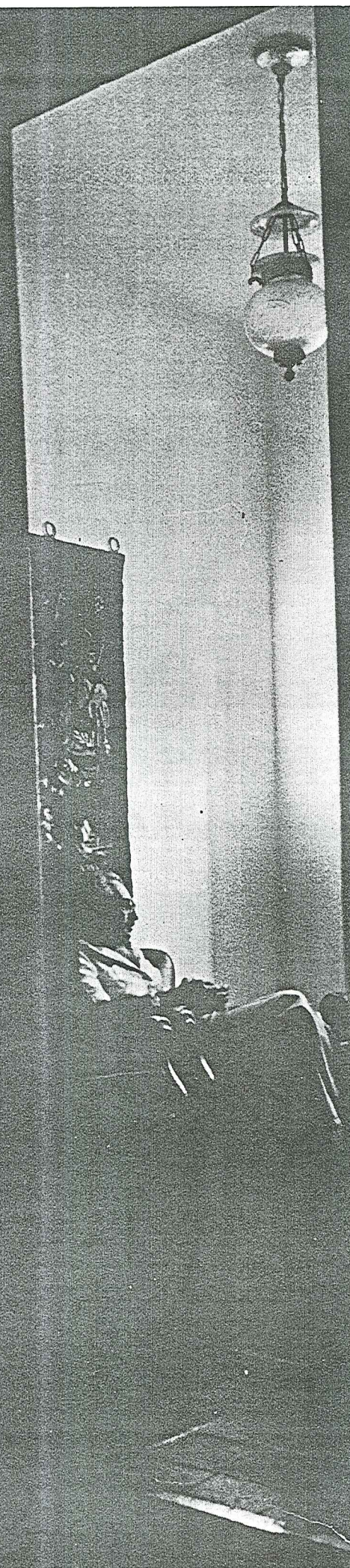
Embora de estatura mediana, Manoel de Barros, como diz Vinicius de Moraes, possui a "altitude mental dos altos pincaros". Ele não tem nem nunca teve pasta de correspondências expedidas e correspondências recebidas. Não é homem de auto-promover-se e muito menos de fazer da literatura um instrumento de picaretagens. É homem íntegro, afável, de sorriso solto, humor afilado. Seus cabelos começam a pratear; os óculos pendurados no nariz compõem a figura do intelectual honesto, de posições definidas e sobretudo avançadas. Mato Grosso possui poucos poetas e muitos poetastros. No entanto, a inversão de valores, no fundo mesmo, é apenas uma questão de aparências: os mediócras, apesar de todo o foguetório, no final dos tempos, irão para a vala comum dos inodoros ao passo que os bons restarão para todo o sempre. É só dar uma olhadinha na história para se ver que assim foi e assim será eternamente. Se os nossos homens públicos possuísem alguma clareza intelectual as obras de Manoel de Barros já deveriam de há muito estar reeditadas; frequentando as nossas bibliotecas; sendo estudadas pelos nossos jovens e a sua figura conhecida em seu Estado natal. Infelizmente a realidade não é essa.

Timido e circunspecto como todo bom poeta, Manoel de Barros é arredo às confrarias literárias. Sua carreira de homem de letras começa em 1937 quando financia a primeira edição de seu livro *Poemas concebidos sem pecado*. Mais tarde em 1942, a editora Século XX publica outro livro seu de poemas, *Face imóvel*; em 1956 edita pela Pongetti *Poesias* e em 1961 ganha o seu primeiro prêmio nacional de literatura, o prêmio Orlando Dantas, com o livro *Compêndio para uso dos pássaros*, e, em 1969, pela editora Tordos publica o seu *Gramática Expositiva do chão*, com o qual ganharia o Prêmio de Poesia do IV Encontro Nacional de Escritores, em Brasília. Recentemente publicou pela Livraria São José a sua última obra: *Matéria de poesia*.

Num Estado onde impera a ausência de realizações culturais, sufocando toda e qualquer motivação individual, Manoel de Barros se fez poeta pela simples razão de ter nascido poeta. Remando contra as correntes adversas ele se impôs unicamente pelo seu alto valor literário. No seu universo poético vê-se antes de mais nada a própria realidade matogrossense (principalmente a região do Pantanal corumbaense, onde o poeta passou grande parte de sua existência, principalmente a infância, magistralmente retratada), sente-se em cada verso (os da última fase, inclusive, com certas conotações surrealistas) o homem fincado em suas origens, em seu chão. Valho-me novamente de Vinicius para realçar a importância do trabalho de seu irmão Manoel: "ninguém é universal fora de seu quintal". Seus versos possuem muito de telúrico e de poder encantatório; de originalidade criativa e de força de comunicação.

Bem, mas eu não estou aqui para fazer um ensaio e sim um lead à matéria. E, tampouco, nem é justo que eu lhes roube mais tempo, espaço e prazer de conhecerem o poeta e sua poesia que ilustrando e enriquecendo essa entrevista, entre as perguntas/respostas, dão bem a medida de sua importância e beleza.

(José Octávio Guizzo)



Guizzo — *Como é que começou a fazer poesia; que elementos influenciaram a sua formação poética?*

Manoel — Acho que foi minha inaptidão para o diálogo que gerou o poeta. Sujeito complicado, se vou falar, uma coisa me bloqueia, me inibe, e eu corto a conversa no meio, como quem é pego defecando e o faz pela metade. Do que eu poderia dizer resta sempre um déficit de oitenta por cento. E os vinte por cento que consigo falar não correspondem senão ao que eu não gostaria de ter dito, o que me deixa um saldo mortal de angústia. Mesmo desde guri, no colégio, descobri essa barreira em mim que não posso vencer. Sou um bom escutador e um vedor melhor. Mas só trancado e sozinho é que consigo me expressar. Assim mesmo sem linearidade, por trancos, por sugestões, ambíguo — como requer a poesia.

Sobre elementos que influenciaram a minha formação, afora essa inaptidão para o diálogo, talvez um sentimento dentro de mim do fragmentário, laços rompidos, o esborão da crença ainda na adolescência, saudade de Deus e de casa, ancestralidade bugra, nostalgia da selva, sei lá. Necessidade de reunir esses pedaços decerto fez de mim um poeta. A incapacidade de agir também me mutila. Sou pela metade sempre ou menos da metade. A outra metade tenho que desforrar nas palavras. Ficar montando, em versos, pedacinhos de mim, ressentidos, caídos por aí para que tudo afinal não se disperse. Um esforço para ficar inteiro é que é essa atividade poética. Minha poesia é, hoje, e foi sempre, uma catação de eus perdidos e ofendidos. Sinto quase orgasmo nessa tarefa de refazer-me. Pegar certas palavras já muito usadas, como as velhas prostitutas, decaídas, sujas de sangue e esterco — pegar essas palavras e arrumá-las num poema, de forma que adquiram nova virgindade. Salvá-las assim da morte clichê. Não tenho outro gosto maior do que descobrir para algumas palavras relações dessuetas e até anômalas.

NOÇÕES DE RUA

As ruas inventam poetas que já nasceram tristes.

As ruas descobrem esses cachorros gentis puxando suas donas para debaixo dos postes.

De um modo geral os cachorros são bonitinhos e as donas não correspondem, o que é uma pena...

Há ruas que engendram casas onde teus joelhos crescem como nuvens...

Outras aguentam anos inteiros no subúrbio com a mesma pobreza e honradez de um homem só como Jó. Até que um dia chega um seresteiro, desonra uma colegial no e ela é encontrada no capim, de borco, terreno baldio, cheia de formiga nos olhos vidrados...

A rua pega fama e deita na cama.

Certa feita uma rua de subúrbio, há muitos anos, botou no meu encalço uma de suas casas com jardinzinho fronteiro só para me enternecer...

De fato: seu jardinzinho seu gato sua dona (os joelhos brancos à mostra) o pé de manacá

e mais aquelas grades tão roídas de ferrugem, quase me arrebatam de ternuras idiotas...

Que descontrole louco, meu Deus. Se não me agacho me casava naqueles joelhos...

Essas doces ruínas mortas ou alamedas esquecidas em sua tranquilidade de coisas anônimas, — cuidado com elas — são infestadas de lobos solitários...

Guizzo — *Basicamente você pertence à geração/45? Quantas fases atravessou sua poesia?*

Manoel — Acho que não pertencço à Geração/45 senão cronologicamente. Não sofri aquelas reações de retesar os versos frouxos ou endireitar sintaxes tortas. A mim não me beliscava a volta ao soneto. Achava e acho ainda que não é hora de reconstrução. Sou mais a palavra arrombada a ponto de escombros. Sou mais a palavra a ponto de entulho ou traste. Li em Chestov que a partir de Dostoevsky os escritores começam a luta por destruir a realidade. Agora a nossa realidade se desmorona. Despençam-se deuses, valores paredes... Estamos entre ruínas. A nós, poetas destes tempos, cabe falar dos morcegos que voam por dentro dessas ruínas. Dos restos humanos fazendo discursos sozinhos nas ruas. A nós cabe falar do lixo sobrado e dos rios podres que correm por dentro de nós e das casas. Aos poetas do futuro caberá a reconstrução — se houver reconstrução. Porém a nós, — a nós, sem dúvida — resta falar dos fragmentos, do homem fragmentado que, perdendo suas crenças, perdeu sua unidade interior. É dever dos poetas de hoje falar de tudo que sobrou das ruínas e está cego. Cego e torto e nutrido de cinzas. Portanto, não tenho nada em comum com a Geração/45. E, se alguma alteração tem sofrido a minha poesia, é a de tornar-se, em cada livro, mais fragmentária. Mais obtida pelo escombros. Sendo assim, cada vez mais, o aproveitamento de materiais e passarinhos de uma demolição...

DESARTICULADOS PARA VIOLA DE COCHO

Compadre Amaro: — Vai chuvê, irimão

Compadre Ventura: — Pruquê, irimão?

Compadre Amaro: — Saracura tá cantando

Compadre Ventura: — Uê, saracura é Deus? Se fosse imbui sim...

NETO BOTELHO, in Psicologia das mulatas do catete, o vaqueiro metafísico, rosa escalafóbica e outras estórias demais.

— Cumpadre antão me responde: quem coaxa exerce alguma raiz?

— Sapo, cumpadre, enraiza-se em estrumes de anta.

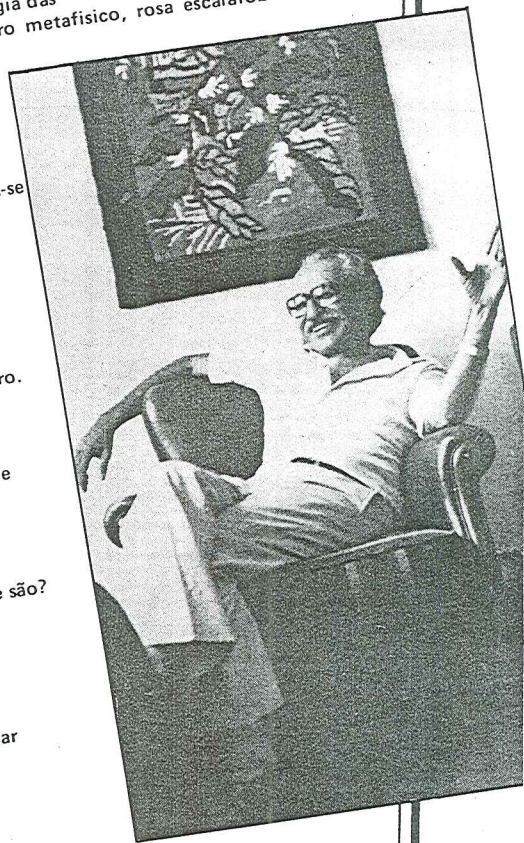
— E lagar tixa, que no muro anda come o que?

— Come a lagar tixa, o musgo que o muro. Senão.

— E martelo grama de castela mobile estrela bridão lua e campão vulva e pilão elisa valise nurse pulvis e aldrabas, que são?

— Palabras.

— E máquina de dor é de a vapor? brincar de amarelinha tem amarelo? as porteiras do mundo varas tem? →



— Têm conformes.

— E o que que greta greta lapa e lura são?

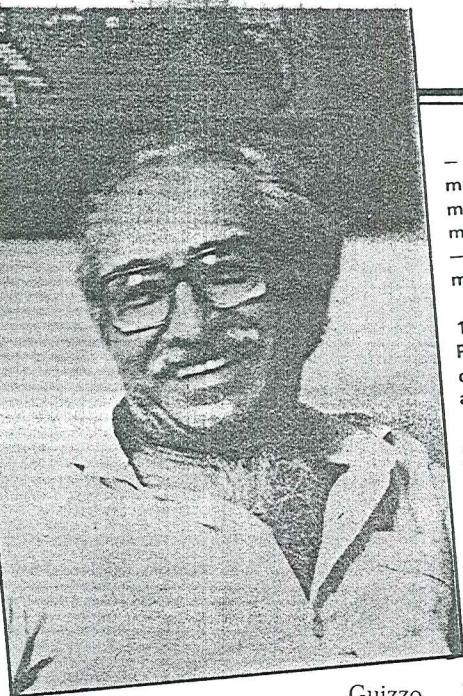
— São aonde o lobo o coelho e o erótico

— Cumpadre, e longe é lugar nenhum ou tem sitiante?

— Só se porém.

— E agora vuncê confirme: pardal é o esperto? roupa até usa dos espantalhos?

— É esperto, cumpadre, não cai do galho.



— Ai, entonces que reino é o teu, darling? me conta te dou fazenda me afundo deixo o cachimbo me conta que reino é o teu?

— Não mas pode pegar em mim que estou uma sodoma...

10
Pela rua deserta atravessa um bêbado comprido e oscilante como bambu assobiando...

Ao longo das calçadas algumas famílias ainda conversam Velhas passam fumo nos dentes mexericando... Nhanhá está aborrecida com o neto que foi estudar no Rio e voltou de ateu

— Se é prá desaprender não precisava mais estudar.

Pasta solitário um cavalo solto no fim escuro da rua O rio calmo lá em baixo pisca luzes de lanchas acordadas Nhanhá choramingava:

— Tá perdido, diz que negro é igual com branco.

Guizzo — *Mestre Drummond não acredita em inspiração e o célebre Mário de Andrade dizia: "Desapareceram os artistas do verso, e o que é pior, poesia virou inspiração". Como se dá em você o processo criativo de um poema?*

Manoel — Acho que inspiração é um entusiasmo, um estado anímico favorável à poesia, mas que não chega a ser arte. Seria, quando muito, uma erupção sentimental, esguicho romântico, soluço de dor de corno, etc., etc. Seria talvez material sobre que trabalhe o artista como para o oleiro é o barro. Poeta tem de imprimir sobre esse barro informe a sua técnica, escolhendo, provando, cortando as palavras, até que as coloque à sua feição e ganhe uma estrutura própria, com um sentido, um som e um ritmo. Poesia não é feita de sentimentos, mas de palavras, de palavras, de palavras — já se repetiu tanto.

POEMAS CONCEBIDOS SEM PECADO

5
No recreio havia um menino que não brincava com outros meninos
O padre teve um brilho de descobrimento nos olhos

— POETA

O padre foi até ele:

— Pequeno, porque não brinca com os seus colegas?

— É que estou com uma baíta dor de barriga desse feijão bichado

8
— Sou uma virtude conjugal adivinha qual é?

— Um jambo?

— Um jardim outonal?

— Não

— uma loucura as ruínas de pompéia?

— Não

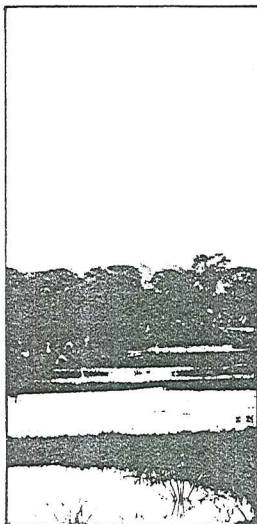
— És uma estátua de nuvem o muro das lamentações?

— Não

Guizzo — *Você acredita na falência das palavras como forma de comunicação? Que pensa a respeito da poesia semiótica?*

Manoel — Enquanto o mundo parir uns tipos hipobúlicos feito, por exemplo, Fernando Pessoa, resguardados pela timidez e incapazes de uma ação — as palavras não morrerão. Estas criaturas não têm outra forma de ação que em cima das palavras. Obsessiva e sadicamente as trabalha, dobrando-as até seus pés, arrastando-as no caco de vidro, até que elas sejam eles mesmos. Até que elas dêem testemunho da presença deles no mundo. Quase sempre as criaturas que nascem repositórios de chão e de estrelas, só sabem fabricar poesia com palavras. E ainda outras que moram ruínas viçosas por dentro, se agarram nas palavras para sobreviver.

PANTANAL



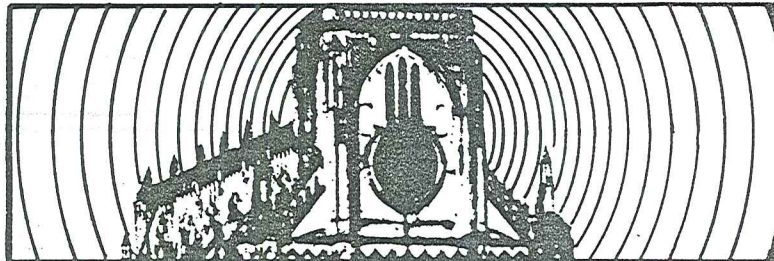
Viajando...
Apear à margem dos banhados
beber água dormida nos balcados
dos aguapezais...

Viajando...
Despir-se à margem dos corixos
dar cangapés nas águas virgens, na ferrugem
das pedras-cangas...

Viajando...
Apear descalço à margem de uma sanga
aberta no cerrado
e adormecer a um tronco recostado...

Viajando...
Curvar-se até o chão
para sorver a água que irrompe de olheiros
na estrada...

Viajando...
morder pitanga!



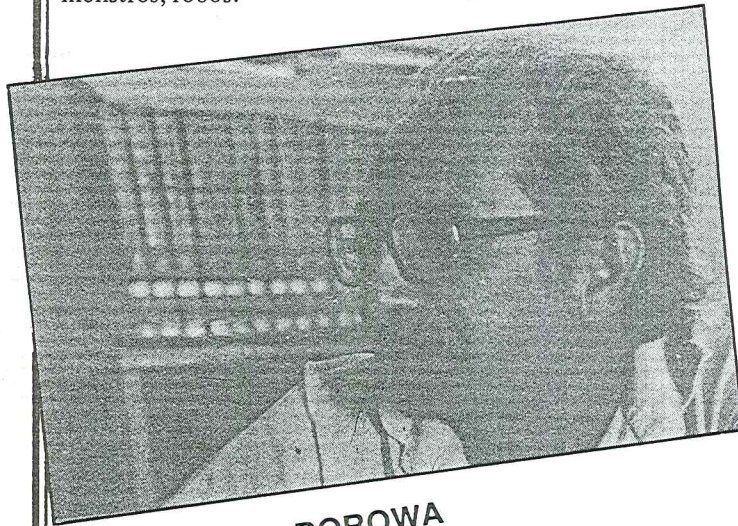
O melhor veículo para sua mensagem publicitária

Rádio Difusora Bom Jesus de Cuiabá
Praça do Seminário - Fone (065) 321.1012
Cuiabá-MT

Guizzo — *A poesia é necessária? Quais as funções da poesia no mundo atual?*

Manoel — A mim me parece que é mais do que nunca necessária a poesia. Para lembrar aos homens o valor das coisas desimportantes, das coisas gratuitas. Vendem-se hoje até vista para o mar, sapos com esquadrias de alumínio, luar com freio automático, estrelas em alta rotação, laminação de sabiás, etc. Há que ter umas coisas gratuitas pra alimentar os loucos de água e estandarte.

Quanto às funções da poesia... Creio que a principal é a de promover o arejamento das palavras, inventando para elas novos relacionamentos, para que os idiomas não morram a morte por fórmulas, por lugares comuns. Os governos mais sábios deveriam contratar os poetas para esse trabalho de restituir a virgindade a certas palavras ou expressões, que estão morrendo cariadas, corroidas pelo uso em clichês. Só os poetas podem salvar o idioma da esclerose. Além disso a poesia tem a função de pregar a prática da infância entre os homens. A prática do desnecessário e da cambalhota, desenvolvendo em cada um de nós o senso do lúdico. Se a poesia desaparecesse do mundo, todos os homens se transformariam em máquinas, monstros, robôs.



DOROWA

Homens bebem à mesa
de um cabaré de Curitiba.
A obesa Marcelle instalada
engole álcool de coxas flácidas.

A esquelada Lili
no fim da noite, exausta
fala mole e tomba
de grandes olheiras no chão.

Ó Dorowa teus 15 anos
entre ombros de homens bêbados
no cabaré de Curitiba.
Ó Dorowa teus 15 anos.

Lili, Marcelle, Dorowa.
Dorowa não, Doroty...

Ó vós que um dia chegades
ao cabaré de Curitiba,
dormi com Dorowa
que está dentro de Doroty

Dormi com Dorowa
ela está no fundo de Doroty.
Sabei arrancá-la de lá
na pureza dos 15 anos.

Não deixeis Dorowa morrer...
É a alma que sustenta os poetas.
Não deixeis Dorowa morrer
como rosa em peito de suicida.

Guizzo — *Qual a matéria de sua poesia?*

Manoel — Os nervos do entulho, como disse o poeta português José Gomes Ferreira. Tudo aquilo que a nossa civilização rejeita, pisa e mijá em cima, é também matéria de minha poesia, eu já disse. Só bato continência é para árvore, pedra, cisco. O cisco semovente e o propriamente cisco. Em

estudo sobre o Processo, de Kafka, o humanista Gunther Anders observa o amor de Leni pelos processados. Leni acha que a miséria da culpa os torna belos. Sua compaixão pelas vítimas é que a leva ao amor. De muita dessa compaixão é feita a poesia de nosso século. Um fundo amor pelos humilhados e ofendidos de nossa sociedade, banha quase toda a poesia de hoje. Esse vício de amar as coisas jogadas fora — eis minha incompetência. É por isso que eu sempre rogo pra Nossa Senhora da Minha Escuridão que me perdoe por gostar dos desheróis. Amém.

PEDIDO QUASE UMA PRECE

Senhor, ajudai-nos a construir a nossa casa
com janelas de aurora e árvores no quintal —
árvores que na primavera fiquem cobertas de flores
e ao crepúsculo fiquem cinzentas como a roupa dos pescadores.

O que desejo é apenas uma casa. Em verdade
não é necessário que seja azul, nem que tenha cortinas de renda.
Em verdade nem é necessário que tenha cortinas.
Quero apenas uma casa em uma rua sem nome.

Sem nome, porém honrada, Senhor. Só não dispense a árvore
porque é a mais bela coisa que nos destes e a menos amarga.
Quero de minha janela sentir os ventos pelos caminhos e ver o sol
dourando os cabelos negros e os olhos de minha amada.

Também a minha amada não dispense, meu Senhor.
Em verdade ela é a parte mais importante deste poema.
Em verdade vos digo e bastante constrangido
que sem ela a casa também eu não queria e voltava pra pensão.

Ao menos na pensão eu tenho meus amigos
e a dona é sempre uma senhora do interior que tem uma filha alegre,
Eu adoro menina alegre, e daí podeis muito bem deduzir
que para elas eu corro nas minhas horas de aflição.

Nas minhas solidões de amor e nas minhas solidões do pecado
sempre fujo para elas, quando não fujo delas, de noite,
e vou procurar prostitutas. Oh Senhor, Vós bem sabeis
como amarga a vida de um homem o carinho das prostitutas.

Vós sabeis como tudo amarga naquelas vestes amassadas
por tantas mãos truculentas ou tímidas ou cabeludas —
Vós bem sabeis tudo isso, e portanto permiti
que eu continue sonhando com a minha casinha azul.

Permiti que eu sonhe com a minha amada também, porque:
— de que me vale ter casa sem ter mulher amada dentro?
Permiti que eu sonhe com uma que ame andar sobre os montes descalça
e quando me vier beijar o faça como se vê nos cinemas...

O ideal seria uma que amasse fazer comparações de nuvens com vestidos
e peixe com avião;
que gostasse de passarinho pequeno, gostasse de escorregar no corrimão
da escada;
e na sombra das tardes viesse pousar
como a brisa nas varandas abertas...

O ideal seria uma menina boba, que gostasse de ver folha cair de tarde...
que só pensasse coisas leves que nem existem na terra
e ficasse assustada quando ao cair da noite
um homem lhe dissesse palavras misteriosas...

O ideal seria uma criança sem dono, que aparecesse como nuvem,
que não tivesse destino nem nome — senão um sorriso triste,
e que nesse sorriso estivessem encerrados
toda timidez e todo o espanto das crianças que não têm rumo...

Senhor, ajudai-nos a construir a nossa casa
com janelas de aurora e árvores no quintal —
árvores que na primavera fiquem cobertas de flores
e ao crepúsculo fiquem cinzentas como a roupa dos pescadores...

Brasileiros querem a poesia vital da lama

Na poesia de Manoel de Barros, na "Lata, pedra, rosa, sapo e nuvem" vemos os sinais de um Brasil profundo

ARNALDO JABOR
Da Equipe de Articulistas

"Os rios começam a dormir pela orla, vagalumes driblam a treva. Meu olho ganhou dejetos, vou nascendo de meu vazio, só narro meus nascimentos. Sei muitas coisas das coisas. Há muitas importâncias sem ciência. Sei que os rios influem na plumagem das aves. (...) Sapo nu tem voz de arauto. Flores engordadas nos detritos até falam. Bicho acostumado na toca, fica cego com estreita. Ovo de lobisomem não tem gema. Raiz de caracol, no lodo, dilui-se. Se tem pacu no rio, de manhã desventa."

Fujo em direção a Manoel de Barros, o grande poeta pantaneiro, fujo em busca da lama, fujo do lixo que parece lama, do lixo onde entrevejo asas da Vasp submersas, rituais lentos na Câmara, lixo onde vejo se levantar intacto o esquadrão da defesa do Mesmo. Lixo que certamente vai impedir o impeachment. Tá na cara.

"Nadifúndio" dos brejos

Fujo em busca da lama dourada da poesia. Desesperado de tantas "questões históricas" graves, é imenso nosso desejo pelo insignificante. Podemos ver no "nadifúndio dos brejos", nos nadas, nos detritos, no sossego do nada um sentido profundo. Num país onde todo adjetivo abstrato, grandioso é transformado em insignificâncias, só o ovo mínimo da natureza tem o essencial.

Manoel de Barros nos dá em sua poesia o descanso da gritaria brasileira. Precisamos ir para os buracos de brejo e descansar do Brasil.

Manoel de Barros tem a fecunda lama brasileira: "Penso nos embriões de atos. Uma boca disforme de rapa-canua começa a querer se grudar nas coisas. Rudimentos rombudos de um olho de árvore. Os indícios de ínfimas sociedades. Os liames primordiais entre paredes e lesmas. Também os germes das primeiras idéias de uma convivência entre lagartos e pedras. (...) Penso num comércio de frisos e asas, de sucos de sêmen e de pólen, de mudas de escamas, de pus e de sementes. Um comércio de cios e cantos virtuais, de gosma e de lêndas. (...) É pura inauguração de um novo universo. Que vai corromper, irromper, irrigar e recompor a natureza!"

Na poesia de Manoel de Barros vemos que a arte e a natureza estão esquecidas pelo vício da crise. Precisamos sair do lixo histórico e voltar a lama natural.

Lama contra o lixo

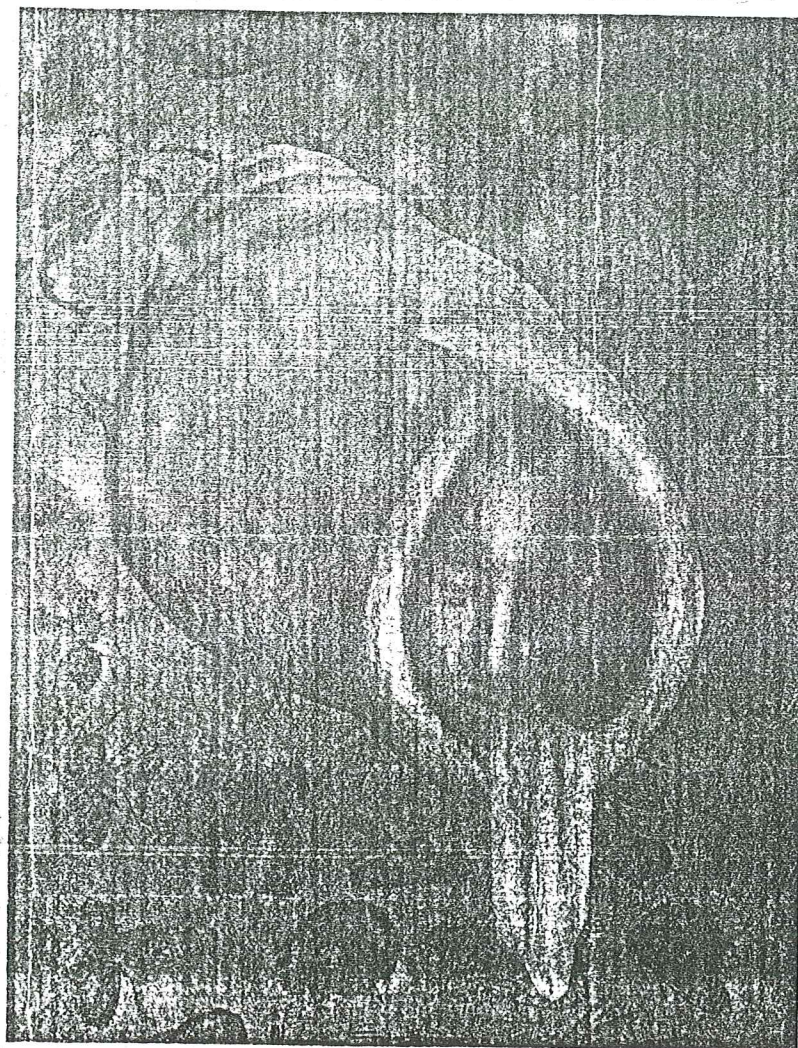
Há uma diferença grande entre lama e lixo. A lama vai nascer, o lixo é o que restou. Não há lama em Brasília, há lixo; há a transformação de 400 anos de malfeitos e equívocos em lixo anal; há a transformação do sólido em gosmento, em raspa, em restos de uma ilógica centenária. A lama é vida, o lixo é morte. O lixo grita: a lama é silenciosa. O lixo é conflito, detritos se entrecrocando; a lama é extensiva, ela se espalha em vizinhanças. "A raiz é que acha a lama pura. De tarde passarinho me descobre. A beleza e glória das coisas é o olho que põe. Bonito é o desnecessário", me diz Manoel de Barros do fundo do brejo. Há um infinito barulho na paisagem mental brasileira. Temos o absoluto desejo de silêncio, para fugir do "Collogarte", para fugir da colorida confusão de restos que a imprensa narra. Estamos com o supremo vício do lixo. Há alguma coisa loucamente nova acontecendo no país: há um destampamento antropológico; 400 anos de erro desembestaram. Nunca houve isso antes.

Desejo de avesso

Antes, havia uma lógica estabelecida no mundo do erro. Havia um erro calmo, aceito, remansoso. Collor tinha de acontecer. Collor era o nosso desejo de espantar o lixo e chegar à lama.

Há uma luta se travando que a sociologia não nomeia. É entre o desejo de erros "novos" e a inércia de erros velhos. Absurdos novos versus lógicas antigas. Há um desejo de avesso, de abismo, de "gênese" no Brasil. É a gênese não vem do lixo, vem da lama, vem da "lata pedra rosa sapo nuvem". O lixo é um detrito industrial, a lama é natureza.

Havia no Brasil uma lógica. Mesmo na lógica da ditadura, havia um sistema de valores de opressão. Havia a crença positiva no "bem" da pátria, havia um mundo orgânico de erros, em funcionamento pacífico. Collor lançou a psicopatia na política brasileira; lançou a loucura na harmonia do erro. Muito do que parece bem talvez seja mal, muito



do que pareça puro talvez seja o lixo. Assim, o que é pior para o país: o impeachment do presidente com a vitória da lógica de sentido ou a vitória de Collor e a convivência com a absoluta desmoralização dos anseios narrativos? A grande luta não é entre os crimes do governo e a pura manifestação das ruas. Há uma luta mais forte

entre a lama e o lixo. A lama é o resultado fecundo de uma ilógica do mundo, a lama pode estar no beco sem saída renovador; a lama pode nos levar a um silêncio reflexivo que o lixo não tem. Esta é a primeira vez na história do Brasil que a classe dominante corre o risco de perder o controle de si mesma. Não é um momento

precioso? Estamos vivendo uma política de detritos de um país antigo. O programa de um país sairá de um "nadifúndio". "Nadifúndio é o lugar em que nadas (...) e em que latas com vermes empilhados na boca. O nada deste nadifúndio existe e se escreve com letra maiúscula. Aqui parais descas-

cam larvas. Vê-se um relógio com o tempo enferrujado dentro. Aqui o luar desova. Insetos umedecem couros. E sapos batem palmas compridas. Aqui as palavras se esgarçam de lodo."

A única lógica que deve presidir nosso projeto de país é a de um ponto de vista de chão, de nossos pequenos limites, de nossos indícios de palha e barro, lógica de uma miséria. Só o ponto de vista raso da pobreza e fome pode indicar caminhos; caminhos simples de uma pequenez brasileira. Uma ideologia (ideolo: "jia") tem de sair da lama, de nossos limites. Precisamos aprender a lógica da lama, a lógica do insignificante, do nada brasileiro, do "nadifúndio"; depois dessa contemplação da tragédia, podemos sair para o novo.

Programa poético

Nos desvãos de Manoel de Barros há uma verdade perdida nos noticiários gritantes de hoje. Precisamos desta lama vital deste programa de governo que ele traça: "O que eu ajo é tarefa desnobre. De modo que existe um cerco de insignificâncias em torno de mim. Meu trabalho é cheio de nó pelas costas. Tenho de desfazer natureza. No meu serviço eu cuido de tudo quanto é mais desnecessário nesta fazenda. Cada ovo de formiga que alimenta a ferrugem dos pregos eu tenho de recolher com cuidado. Arrumo paredes esverdeadas para os caramujos fodarem. Cuido das larvas tortas. Tenho de ter em conta o limo e o erro. Dou comida para os porcos. Desencalho harpa dos brejos. E quando cessa o rumor das violetas, desabro. Derrubo folhas de tarde. Amo este trabalho. Todos os seres daqui têm fundo eterno."

Precisamos revisitar o Brasil pelos detritos de Manoel de Barros. Vejam se na morte desta lacraia furada de espinho não estamos todos nós:

"Chega de escambros, cento-pé antília. Estrepe enterrada no corpo, a lacraia se engrola e rabeja rebola suja-se na areia floresce como louca. Gerânios recolhem seus anelos. Está longe o horizonte para ela!"

Manoel de Barros

sobreviver pela palavra

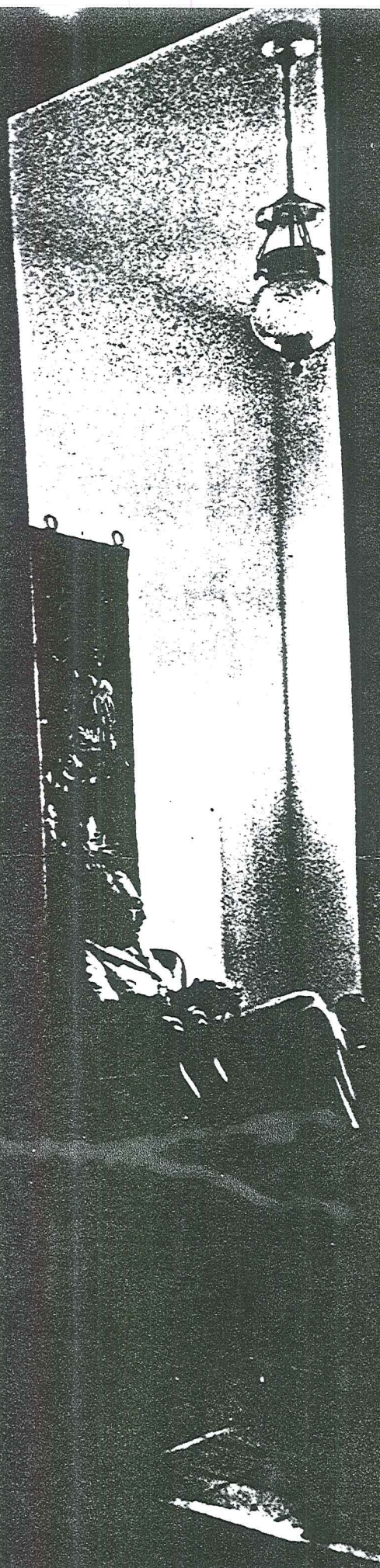
Embora de estatura mediana, Manoel de Barros, como diz Vinícius de Moraes, possui a "altitude mental dos altos pinheiros". Ele não tem nem nunca teve pasta de correspondências expedidas e correspondências recebidas. Não é homem de auto-promover-se e muito menos de fazer da literatura um instrumento de picaretagens. É homem íntegro, afável, de sorriso solto, humor afilado. Seus cabelos começam a pratear; os óculos dependurados no nariz compõem a figura do intelectual honesto, de posições definidas e sobretudo avançadas. Mato Grosso possui poucos poetas e muitos poetastros. No entanto, a inversão de valores, no fundo mesmo, é apenas uma questão de aparências: os mediocres, apesar de todo o foguetório, no final dos tempos, irão para a vala comum dos inodoros ao passo que os bons restarão para todo o sempre. É só dar uma olhadinha na história para se ver que assim foi e assim será eternamente. Se os nossos homens públicos possuísssem alguma clareza intelectual as obras de Manoel de Barros já deveriam de há muito estar reeditadas; frequentando as nossas bibliotecas; sendo estudadas pelos nossos jovens e a sua figura conhecida em seu Estado natal. Infelizmente a realidade não é essa.

Timido e circunspecto como todo bom poeta, Manoel de Barros é arredio às confrarias literárias. Sua carreira de homem de letras começa em 1937 quando financia a primeira edição de seu livro *Poemas concebidos sem pecado*. Mais tarde em 1942, a editora Século XX publica outro livro seu de poemas, *Face imóvel*; em 1956 edita pela Pongetti *Poesias* e em 1961 ganha o seu primeiro prêmio nacional de literatura, o prêmio Orlando Dantas, com o livro *Compêndio para uso dos pássaros*, e, em 1969, pela editora Tordos publica o seu *Gramática Expositiva do chão*, com o qual ganharia o Prêmio de Poesia do IV Encontro Nacional de Escritores, em Brasília. Recentemente publicou pela Livraria São José a sua última obra: *Matéria de poesia*.

Num Estado onde impera a ausência de realizações culturais, sufocando toda e qualquer motivação individual, Manoel de Barros se fez poeta pela simples razão de ter nascido poeta. Remando contra as correntes adversas ele se impôs unicamente pelo seu alto valor literário. No seu universo poético vê-se antes de mais nada a própria realidade matogrossense (principalmente a região do Pantanal corumbaense, onde o poeta passou grande parte de sua existência, principalmente a infância, magistralmente retratada), sente-se em cada verso (os da última fase, inclusive, com certas conotações surrealistas) o homem fincado em suas origens, em seu chão. Valho-me novamente de Vinícius para realçar a importância do trabalho de seu irmão Manoel: "ninguém é universal fora de seu quintal". Seus versos possuem muito de telúrico e de poder encantatório; de originalidade criativa e de força de comunicação.

Bem, mas eu não estou aqui para fazer um ensaio e sim um lead à matéria. E, tampouco, nem é justo que eu lhes roube mais tempo, espaço e prazer de conhecerem o poeta e sua poesia que ilustrando e enriquecendo essa entrevista, entre as perguntas/respostas, dão bem a medida de sua importância e beleza.

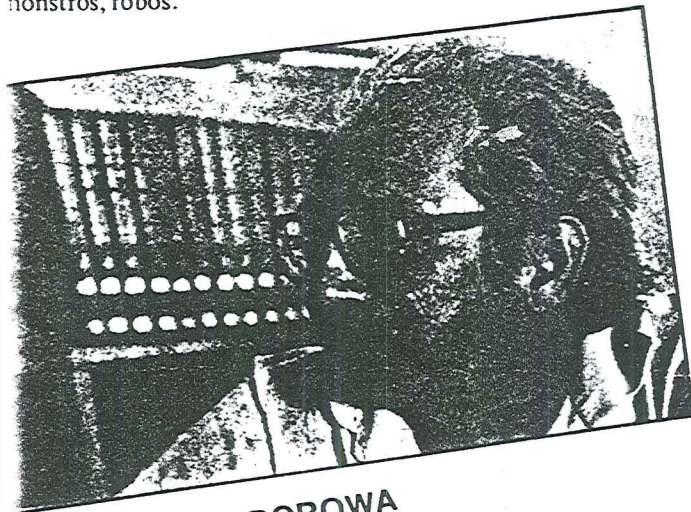
(José Octávio Guizzo)



Guizzo — *A poesia é necessária? Quais as funções da poesia no mundo atual?*

Manoel — A mim me parece que é mais do que nunca necessária a poesia. Para lembrar aos homens o valor das coisas desimportantes, das coisas gratuitas. Vendem-se hoje até vista para o mar, sapos com esquadrias de alumínio, luar com freio automático, estrelas em alta rotação, laminação de plásticos, etc. Há que ter umas coisas gratuitas pra alimentar os poucos de água e estandarte.

Quanto às funções da poesia... Creio que a principal é a de promover o arejamento das palavras, inventando para elas novos relacionamentos, para que os idiomas não morram a morte por fórmulas, por lugares comuns. Os governos mais sábios deveriam contratar os poetas para esse trabalho de restituir a virgindade a certas palavras ou expressões, que estão morrendo cariadas, corroidas pelo uso em clichês. Só os poetas podem salvar o idioma da esclerose. Além disso a poesia tem a função de pregar a prática da infância entre os homens. A prática do desnecessário e da cambalhota, desenvolvendo em cada um de nós o senso do lúdico. Se a poesia desaparecesse do mundo, todos os homens se transformariam em máquinas, monstros, robôs.



DOROWA

Homens bebem à mesa
de um cabaré de Curitiba.
A obesa Marcelle instalada
engole álcool de coxas flácidas.

A esquelada Lili
no fim da noite, exausta
fala mole e tomba
de grandes olheiras no chão.

Ó Dorowa teus 15 anos
entre ombros de homens bêbados
no cabaré de Curitiba.
Ó Dorowa teus 15 anos.

Lili, Marcelle, Dorowa.
Dorowa não, Doroty...

Ó vós que um dia chegardes
ao cabaré de Curitiba,
dormi com Dorowa
que está dentro de Doroty

Dormi com Dorowa
ela está no fundo de Doroty.
Sabei arrancá-la de lá
na pureza dos 15 anos.

Não deixeis Dorowa morrer...
É a alma que sustenta os poetas.
Não deixeis Dorowa morrer
como rosa em peito de suicida.

Guizzo — *Qual a matéria de sua poesia?*

Manoel — Os nervos do entulho, como disse o poeta português José Gomes Ferreira. Tudo aquilo que a nossa civilização rejeita, pisa e mija em cima, é também matéria de minha poesia, eu já disse. Só bato continência é para árvore, pedra, cisco. O cisco semovente e o propriamente cisco. Em

estudo sobre o Processo, de Kafka, o humanista Gunther Anders observa o amor de Leni pelos processados. Leni acha que a miséria da culpa os torna belos. Sua compaixão pelas vítimas é que a leva ao amor. De muita dessa compaixão é feita a poesia de nosso século. Um fundo amor pelos humilhados e ofendidos de nossa sociedade, banha quase toda a poesia de hoje. Esse vício de amar as coisas jogadas fora — eis minha incompetência. É por isso que eu sempre rogo pra Nossa Senhora da Minha Escuridão que me perdoe por gostar dos desheróis. Amém.

PEDIDO QUASE UMA PRECE

Senhor, ajudai-nos a construir a nossa casa
com janelas de aurora e árvores no quintal —
árvores que na primavera fiquem cobertas de flores
e ao crepúsculo fiquem cinzentas como a roupa dos pescadores.

O que desejo é apenas uma casa. Em verdade
não é necessário que seja azul, nem que tenha cortinas de renda.
Em verdade nem é necessário que tenha cortinas.
Quero apenas uma casa em uma rua sem nome.

Sem nome, porém honrada, Senhor. Só não dispense a árvore
porque é a mais bela coisa que nos destes e a menos amarga.
Quero de minha janela sentir os ventos pelos caminhos e ver o sol
dourando os cabelos negros e os olhos de minha amada.

Também a minha amada não dispense, meu Senhor.
Em verdade ela é a parte mais importante deste poema.
Em verdade vos digo e bastante constrangido
que sem ela a casa também eu não queria e voltava pra pensão.

Ao menos na pensão eu tenho meus amigos
e a dona é sempre uma senhora do interior que tem uma filha alegre.
Eu adoro menina alegre, e daí podeis muito bem deduzir
que para elas eu corro nas minhas horas de aflição.

Nas minhas solidões de amor e nas minhas solidões do pecado
sempre fujo para elas, quando não fujo delas, de noite,
e vou procurar prostitutas. Oh Senhor, Vós bem sabeis
como amarga a vida de um homem o carinho das prostitutas.

Vós sabeis como tudo amarga naquelas vestes amassadas
por tantas mãos truculentas ou tímidas ou cabeludas —
Vós bem sabeis tudo isso, e portanto permiti
que eu continue sonhando com a minha casinha azul.

Permiti que eu sonhe com a minha amada também, porque:
— de que me vale ter casa sem ter mulher amada dentro?
Permiti que eu sonhe com uma que ame andar sobre os montes descalça
e quando me vier beijar o faça como se vê nos cinemas...

O ideal seria uma que amasse fazer comparações de nuvens com vestidos
e peixe com avião;
que gostasse de passarinho pequeno, gostasse de escorregar no corrimão
da escada;
e na sombra das tardes viesse pousar
como a brisa nas varandas abertas...

O ideal seria uma menina boba, que gostasse de ver folha cair de tarde...
que só pensasse coisas leves que nem existem na terra
e ficasse assustada quando ao cair da noite
um homem lhe dissesse palavras misteriosas...

O ideal seria uma criança sem dono, que aparecesse como nuvem,
que não tivesse destino nem nome — senão um sorriso triste,
e que nesse sorriso estivessem encerrados
toda timidez e todo o espanto das crianças que não têm rumo...

Senhor, ajudai-nos a construir a nossa casa
com janelas de aurora e árvores no quintal —
árvores que na primavera fiquem cobertas de flores
e ao crepúsculo fiquem cinzentas como a roupa dos pescadores...

Guizzo — *Como é que começou a fazer poesia; que elementos influenciaram a sua formação poética?*

Manoel — Acho que foi minha inaptidão para o diálogo que gerou o poeta. Sujeito complicado, se vou falar, uma coisa me bloqueia, me inibe, e eu corto a conversa no meio, como quem é pego defecando e o faz pela metade. Do que eu poderia dizer resta sempre um déficit de oitenta por cento. E vinte por cento que consigo falar não correspondem senão ao que eu não gostaria de ter dito, o que me deixa um saldo vital de angústia. Mesmo desde guri, no colégio, descobri essa barreira em mim que não posso vencer. Sou um bom esportador e um vedor melhor. Mas só trancado e sozinho é que consigo me expressar. Assim mesmo sem linearidade, por tranços, por sugestões, ambíguo — como requer a poesia.

Sobre elementos que influenciaram a minha formação, fora essa inaptidão para o diálogo, talvez um sentimento dentro de mim do fragmentário, laços rompidos, o esborço da crença ainda na adolescência, saudade de Deus e de casa, anistralidade bugra, nostalgia da selva, sei lá. Necessidade de reunir esses pedaços decerto fez de mim um poeta. A incapacidade de agir também me mutila. Sou pela metade sempre ou menos da metade. A outra metade tenho que desforrar nas palavras. Ficar montando, em versos, pedacinhos de mim, resentidos, caídos por aí para que tudo afinal não se disperse. Um esforço para ficar inteiro é que é essa atividade poética. Minha poesia é, hoje, e foi sempre, uma catação de eus perdidos e ofendidos. Sinto quase orgasmo nessa tarefa de refazer-me. Pegar certas palavras já muito usadas, como as velhas prostitutas, decaídas, sujas de sangue e esterco — pegar essas palavras e arrumá-las num poema, de forma que adquiram nova virgindade. Salvá-las assim da morte clichê. Não tenho outro custo maior do que descobrir para algumas palavras relações desusadas e até anômalas.

NOÇÕES DE RUA

As ruas inventam poetas que já nasceram tristes.

As ruas descobrem esses cachorros gentis puxando suas donas para debaixo dos postes.

De um modo geral os cachorros são bonitinhos e as donas não correspondem, o que é uma pena...

Há ruas que engendram casas onde teus joelhos crescem como nuvens...

Outras aguentam anos inteiros no subúrbio com a mesma pobreza e honradez de um homem só como Jó. Até que um dia chega um seresteiro, desonra uma colegial no e ela é encontrada no capim, de borco, terreno baldio, cheia de formiga nos olhos vidrados...

A rua pega fama e deita na cama.

Certa feita uma rua de subúrbio, há muitos anos, botou no meu encalço uma de suas casas com jardinzinho fronteiro só para me enternecer...

De fato: seu jardinzinho seu gato sua dona (os joelhos brancos à mostra) o pé de manacá

e mais aquelas grades tão roídas de ferrugem, quase me arrebatam de ternuras idiotas... Que descontrole louco, meu Deus. Se não me agacho me casava naqueles joelhos...

Essas doces ruínas mortas ou alamedas esquecidas em sua tranquilidade de coisas anônimas, — cuidado com elas — são infestadas de lobos solitários...

Guizzo — *Basicamente você pertence à geração/45? Quantas fases atravessou sua poesia?*

Manoel — Acho que não pertencço à Geração/45 senão cronologicamente. Não sofri aquelas reações de retesar os versos frouxos ou endireitar sintaxes tortas. A mim não me beliscava a volta ao soneto. Achava e acho ainda que não é hora de reconstrução. Sou mais a palavra arrombada a ponto de escombros. Sou mais a palavra a ponto de entulho ou traste. Li em Chestov que a partir de Dostoevsky os escritores começam a luta por destruir a realidade. Agora a nossa realidade se desmorona. Despençam-se deuses, valores paredes... Estamos entre ruínas. A nós, poetas destes tempos, cabe falar dos morcegos que voam por dentro dessas ruínas. Dos restos humanos fazendo discursos sozinhos nas ruas. A nós cabe falar do lixo sobrado e dos rios podres que correm por dentro de nós e das casas. Aos poetas do futuro caberá a reconstrução — se houver reconstrução. Porém a nós, — a nós, sem dúvida — resta falar dos fragmentos, do homem fragmentado que, perdendo suas crenças, perdeu sua unidade interior. É dever dos poetas de hoje falar de tudo que sobrou das ruínas e está cego. Cego e torto e nutrido de cinzas. Portanto, não tenho nada em comum com a Geração/45. E, se alguma alteração tem sofrido a minha poesia, é a de tornar-se, em cada livro, mais fragmentária. Mais obtida pelo escombros. Sendo assim, cada vez mais, o aproveitamento de materiais e passarinhos de uma demonstração...

DESARTICULADOS PARA VIOLA DE COCHO

Compadre Amaro: — Vai chovê, irmão
Compadre Ventura: — Pruquê, irmão?

Compadre Amaro: — Saracura tá cantando
Compadre Ventura: — Uê, saracura é Deus? Se fosse imbusi sim...

NETO BOTELHO, in Psicologia das mulatas do catete, o vaqueiro metafísico, rosa escalafóbica e outras estórias demais.

— Cumpadre antão me responde: quem coxa exerce alguma raiz?

— Sapo, cumpadre, enraiza-se em estrumes de anta.

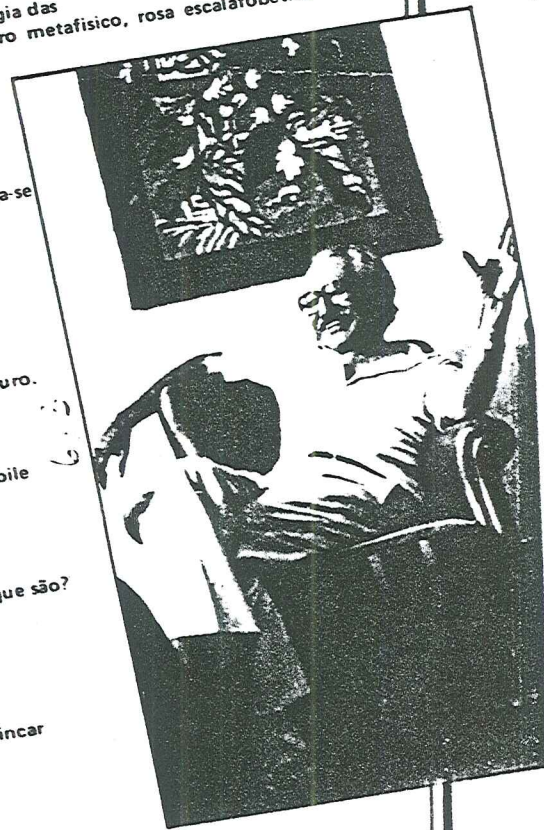
— E lagar tixa, que no muro anda come o que?

— Come a lagar tixa, o musgo que o muro. Senão.

— E martelo grama de castela mobile estrela bridão lua e campão vulva e pilão elisa valise nurse pulvis e aldrabas, que são?

— Palabras.

— E máquina de dor é de a vapor? brincar de amarelinha tem amarelo? as porteiras do mundo varas tem? →



— Têm conformes.

— E o que que greta
greta
lapa e lura são?

— São aonde o lobo
o coelho
e o erótico

— Cumpadre, e longe
é lugar nenhum
ou tem sitiante?

— Só se porém.

— E agora vuncê confirme: pardal
é o esperto? roupa
até usa
dos espantalhos?

— É esperto, cumpadre,
não cai
do galho.

Guizzo — Mestre Drummond não acredita em inspiração e o célebre Mário de Andrade dizia: "Desapareceram os artistas do verso, e o que é pior, poesia virou inspiração". Como se dá em você o processo criativo de um poema?

Manoel — Acho que inspiração é um entusiasmo, um estado anímico favorável à poesia, mas que não chega a ser arte. Seria, quando muito, uma erupção sentimental, esguicho romântico, soluço de dor de corno, etc., etc. Seria talvez material sobre que trabalhe o artista como para o oleiro é o barro. Poeta tem de imprimir sobre esse barro informe a sua técnica, escolhendo, provando, cortando as palavras, até que as coloque à sua feição e ganhe uma estrutura própria, com um sentido, um som e um ritmo. Poesia não é feita de sentimentos, mas de palavras, de palavras, de palavras — já se repetiu tanto.

POEMAS CONCEBIDOS SEM PECADO

5
No recreio havia um menino que não brincava com outros meninos
O padre teve um brilho de descobrimento nos olhos

— POETA

O padre foi até ele:

— Pequeno, porque não brinca com os seus colegas?

— É que estou com uma baita dor de barriga desse feijão bichado

8

— Sou uma virtude conjugal
adivinha qual é?

— Um jambo?

— Um jardim outonal?

— Não

— uma loucura

as ruínas de Pompéia?

— Não

— És uma estátua de nuvem

o muro das lamentações?

— Não

— Ai, entonces que reino é o teu, darling?
me conta te dou fazenda
me afundo deixo o cachimbo

me conta que reino é o teu?

— Não
mas pode pegar em mim que estou uma sodoma...

10

Pela rua deserta atravessa um bêbado comprido e oscilante
como bambu
assobiando...

Ao longo das calçadas algumas famílias ainda conversam
Velhas passam fumo nos dentes mexericando...
Nhanhá está aborrecida com o neto que foi estudar no Rio
e voltou de ateu

— Se é prá desaprender não precisava mais estudar.

Pasta solitário um cavalo solto no fim escuro da rua
O rio calmo lá em baixo pisca luzes de lanchas acordadas
Nhanhá choramingava:

— Tá perdido, diz que negro é igual com branco.

Guizzo — Você acredita na falência das palavras como forma de comunicação? Que pensa a respeito da poesia

semiótica?

Manoel — Enquanto o mundo parir uns tipos hipobúlicos feito, por exemplo, Fernando Pessoa, resguardados pela timidez e incapazes de uma ação — as palavras não morrerão. Estas criaturas não têm outra forma de ação que em cima das palavras. Obsessiva e sadicamente as trabalha, do-brando-as até seus pés, arrastando-as no caco de vidro, até que elas sejam eles mesmos. Até que elas dêem testemunho da presença deles no mundo. Quase sempre as criaturas que nascem repositórios de chão e de estrelas, só sabem fabricar poesia com palavras. E ainda outras que moram ruínas viçosas por dentro, se agarram nas palavras para sobreviver.

PANTANAL

Viajando...

Apear à margem dos banhados
beber água dormida nos balcados
dos aguapezais...

Viajando...

Despir-se à margem dos corixos
dar cangapés nas águas virgens, na ferrugem
das pedras-cangas...

Viajando...

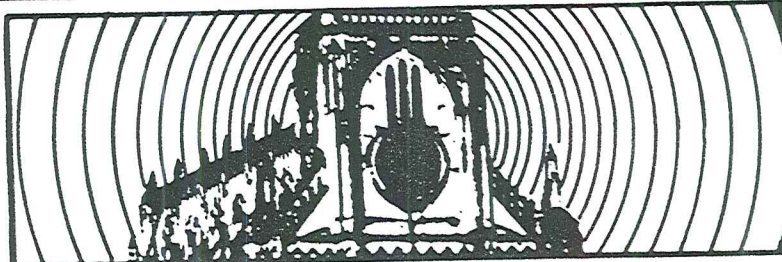
Apear descalço à margem de uma sanga
aberta no cerrado
e adormecer a um tronco recostado...

Viajando...

Curvar-se até o chão
para sorver a água que irrompe de olheiros
na estrada...

Viajando...

morder pitanga!



**O melhor veículo para
sua mensagem publicitária**
Rádio Difusora Bom Jesus de Cuiabá
Praça do Seminário - Fone (065) 321.1012
Cuiabá-MT

B

E tudo acaba em música

José Rezende Jr.

BRASÍLIA — E o Festival de Cinema acaba em música. Depois de seis dias de competição, debates, seminários e mostras paralelas — onde a organização nem sempre esteve em cartaz —, o 21º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro encerra-se, oficialmente hoje, com a entrega dos troféus Candango aos vencedores e um concerto musical que reúne Dori Caymmi, Jards Macalé, Sérgio Ricardo e David Tygel, entre outros, interpretando trilhas sonoras de filmes que vão do clássico *Deus e o diabo na terra do sol* e *O mentiroso*, passando por *O amuleto de Ogum* e *Dona Flor e seus dois maridos*.

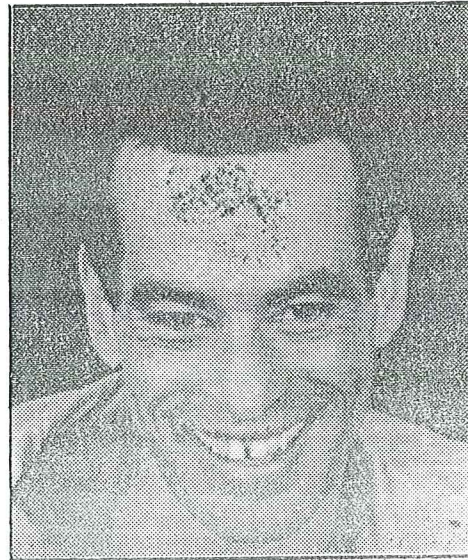
Mas não é só aí que a música invade o cinema. Na ausência da dama do Cine Shangai, Maitê Proença, que deveria ser a estrela maior deste Festival, Ney Matogrosso reina absoluto na piscina do hotel Saint Paul. E faz questão de ironizar o seu próprio papel. "Pra você ver: a maior estrela do festival de cinema não é de cinema", ria-se.

Modéstia. Na verdade, depois de estrear em *Sonho de valsa*, de Ana Carolina, Nei veio

a Brasília acompanhar seu desempenho no curta *Caramujo flor*, do matogrossense Joel Pizzini Filho, exibido ontem à noite no encerramento da mostra competitiva de 35mm, juntamente com o curta *Mais luz*, de Reinaldo Pinheiro, e o longa *Presença de Marisa*, primeiro filme do "mestre da Boca do Lixo" John Doo a não ter o sexo — explícito ou implícito — como protagonista.

Com um comportamento, diga-se de passagem, muito pouco estelar, Nei Matogrosso praticamente não sai à rua. Não entende porque tickets-refeição distribuídos aos convidados não valem no restaurante do próprio hotel. E, já que adora gente, mas detesta muita gente reunida, evita os restaurantes, come no hotel e paga as refeições do próprio bolso. O prejuízo não chega a ser muito grande, já que a ajuda de custo é de Cz\$ 6 mil por dia.

"Até que dá. Eu, por exemplo, não almoço e capricho no jantar. Mas, por exemplo, uma bacalhoadinha no restaurante Cachopa (especializado em cozinha portuguesa) custa Cz\$ 8 mil", assusta-se Werner Schunemann, diretor de *O mentiroso*, um dos favoritos ao candango de melhor filme, juntamente com *Romance*, de Sérgio Bianchi.



Ney Matogrosso, sem ser propriamente ator, é a maior atração do Festival de Cinema de Brasília

Outro ativo frequentador da minúscula piscina do Saint Paul é Jards Macalé, autor de importantes trilhas sonoras, como *Macunaima*, *O amuleto de Ogum* e *Tenda dos Milagres*, onde também viveu o personagem principal, Pedro Arcanjo. Ganhou em 78 com a trilha sonora de *O amuleto de Ogum*. Macalé participa do seminário sobre trilha sonora e anuncia para hoje "um documento forte, endereçado às pessoas certas".

Os autores de trilhas para filmes queixam-se principalmente da questão do direito autoral. Em 86, por exemplo, Macalé finalmente recebeu os direitos autorais pelas trilhas de *O amuleto...* e *Macunaima*, compostas mais de dez anos antes. Valor total: exatos Cz\$ 2,37.

Enquanto isso, o Sindicato dos Trabalhadores na Indústria Cinematográfica do Estado de São Paulo enviava uma carta aberta ao Congresso Nacional com uma advertência sombria: "Nosso cinema está morrendo!" O documento lembra que a pobre Índia produziu este ano mais de 700 filmes de longa metragem, enquanto o Brasil, que já chegou a produzir uma centena de longas por ano, há mais de dois anos não produz um único sequer.

Matéria de Poesia, de Manoel de Barros, Livraria São José. Antonio Houaiss, falando sobre a poesia de Manoel de Barros, diz que não sente nela "derrotismo nem nihilismo. Ela, para mim pelo menos, me é euforizante, no sentido de que, equiparando-nos à nossa condição mais real que as outras de tantas filosofias, teológicas ou antropológicas, nos situa num meio que parece muito mais lúcido do que o daqueles pólos". Volume de 69 páginas.

Concerto e Arquitetura, de

França Jr.

"Como um homem jogado fora" é ótima poesia. Meus agradecimentos por tê-la publicado, tornando o meu domingo bem melhor. Meus cumprimentos a você que a publicou e ao Paulinho Vilara que a fez chegar até o Jornal de Shopping. E meus parabéns ao Manoel de Barros, este grande poeta. (Oswaldo França Júnior)

1 — Do Rio G. do Sul, Maria Dinorah me remete "Catavento e Outras Estórias" (Editora Bels (S/A — Port Alegre), livrinho para crianças, colorido de sonhos, de bondade ingênua, da pureza da infância. A autora merece todas as nossas homenagens, uma vez que já fomenta os meninos que ela descreve admiravelmente. Além de poetisa e romancista, criou, tal um Monteiro Lobato, um literatura infantil da mais alta qualidade.

"Mas tio Joaquim, que havia feito aquele catavento não perdeu tempo. E no dia seguinte outro catavento girava na ponta da taquara, tal música de rua, ronco de besouro, estrela colorindo os olhos das crianças..." (P. 9)

2 — Do Rio, Manuel de Barros me manda "Matéria de Poesia" (Livraria São José) poemas originalíssimos revelando um poeta da família de Rimbaud, sensível:

As coisas que não pretendem/ como por exemplo: pedras que cheiram/ água, homens que atravessam período de árvore/ Se prestam para poesia./ Tudo aquilo que não leva a coisa nenhuma/ e que você não pode vender no mercado/ como por exemplo o coração verde dos pássaros. Serve para poesia.

3 — A Livraria José Olímpio Editora apresenta na coleção Brasil Moço uma Seleta de Marque Fabelo, o grande romancista de "A Estrada Sobe", também em nova edição pela José Olímpio. Organização, estudo e notas de Prof. Ivan Cavalcanti Proença. De Mário de Andrade "Na extraordinária floração de romances que vai este ano enriquecendo a literatura nacional, o livro de M. R. é por certo um dos padrões culminantes".

A seleção que ora faz Ivan C. Proença é esplêndida. Além das páginas escolhidas, apresenta um vocabulário especial e uma entrevista "gozada" de Marques Rebelo.

— O que acha da televisão? — A maravilha da ciência a serviço do cretinismo. — Do rádio? — Não ouço nunca. — Nem mesmo do vizinho? — Não, porque mandei impermeabilizar as paredes, que são à prova de novelas, rádio fônicas. Tijolo, aliás, caríssimo.

4 — Com "O Nariz do Morto" e "O Anel", "O Livro de Antônio", de Antônio Carlos Villaça forma uma trilogia de memórias. Livraria José Olímpio Editora-Rio). Wilson Martins, o famoso crítico testemunha: "Se o memorialismo de alta qualidade intelectual, que é, ao mesmo tempo, o depoimento de uma geração e uma criação de estilo for, como parece, a prova definitiva da maturidade literária de um país, cabe-nos felicitar a literatura brasileira por ter produzido um livro como "O Nariz do Morto", e Antônio Carlos Villaça por havê-lo escrito". Leio tudo o que esse homem escreve nos jornais do Rio. Agora vou lê-lo em livro, o que considero uma felicidade. Trata-se, sem dúvida, de um dos mais ricos prosadores do Brasil.

5 — Já estou lendo também para longo comentário "A Nova Economia Brasileira", de Mário Henrique Simonson e Roberto de Oliveira Campos (Livraria José Olímpio Editora). Diz o Ministro da Fazenda: "O primeiro requisito para a sustentação de uma alta taxa de poupança que permita financiar os investimentos necessários ao crescimento econômico do país; o segundo é o de um mercado ativo e em expansão, capaz de sustentar o interesse nos novos investimentos e nos aumentos de produção.

A Fortaleza 30/11/74

Um filme para poemas do caramujo-flor

Adélia Maria Lopes

Veio parar em minhas mãos, há alguns anos, um livro da mais bela poesia, **Arranjos para Assobio**, em que o autor me era completamente desconhecido, embora conterrâneo: Manoel de Barros. O mesmo não acontecia com o prefaciador, Antonio Houaiss, e o idealizador de capa, Millôr Fernandes. Confesso: a genialidade da poesia era tanta que li o livro suspeitando, tal qual havia alertado quem me recomendou a leitura, que Manoel de Barros fosse pseudônimo do humorista, que escondia sua veia poética com a cumplidade do filólogo.

Em 1983 o professor gaúcho Clóvis Assumpção havia escrito "Manoel de Barros — Conferência Crítica". Mas restrita a repercussões em meios universitários, a poesia de Manoel de Barros permanecia fora do alcance do consumidor desavisado. E autor nada se sabia. Dois anos após o lançamento de **Arranjos para Assobio**, Millôr reclamava numa edição da revista **Isto É** (3/10/84) do silêncio que a mídia havia submetido a poesia "única, inaugural, apogeu do chão" de Manoel de Barros. Então o poeta existia mesmo! Após o puxão-de-orelhas, jornalistas começaram a reportar a existência do mato-grossense: Fernando Gabeira, Fausto Wolf, José Hamilton Ribeiro, Washington Novaes...

Quando Millôr reclamava, Manoel de Barros já estava com outro livro pronto, que saiu pela Philobiblion (de Ênio Silveira) em 1985: **Livro de Pré-Coisas**, em convênio com órgãos oficiais de Mato Grosso do Sul. Esta sua última obra (vem aí seu nono livro **A Arte de Infantilizar Formigas**) tem um título a mais, "Roteiro para uma excursão poética no Pantanal", pois realmente ali se viaja sem limites dividindo "aquele morro bem que entorta a bunda da paisagem", pelo rio Taquari "cheio de furos pelos lados, torneiral, — ele derrama e destramela à-toa", pela "incrível alegria do capim", e verificando que "vaca não aceita outro que não seja touro mesmo" ou que o pantaneiro "anda na terra como quem desabrocha" e ainda que "minhocas arejam a terra; poetar, a linguagem".

Para Manoel de Barros, "vagalumes driblam a treva", "os rios começam a dormir pela orla", "sapo nu tem voz de arauto", "flores engordadas nos destritos até falam!", "bicho acostumado na toca, encega com estrela", "ovos de lobisomem não têm gema", "no lodo, apura o estilo, o sapo", "raiz de caracol, no lodo, dilui-se", "um rio tomado banho pelos tordos, depura-se", "formiga de bunda principal em pé de fedegoso anda entortada".

Por tudo isto e pela poesia que anda com ele desde que em 1932 sofreu "desca-



Joel Pizzini, filmando a estética da poesia de um "sábio demiurgo".

baçamento literário", o escritor João Antônio, garante: "... Este Manoel de Barros, mistura monumental de construtor subversivo, bandido, anjo e São Francisco de Assis, poeta talvez concebido sem pecado ou com todos eles..., é o maior poeta brasileiro vivo"; Reynaldo Jardim observa: "Ele se trabalha quando trabalha um texto e a natureza trabalha nele o ócio e o prazer da vida em germinação"; Antonio Houaiss saúda: "Salve, poeta!"; Clóvis Assumpção verifica: "Manoel de Barros está livre do mal do seriassismo. Jamais fechou a cara deliberadamente, porque sabe abrir o coração"; o crítico Sérgio Medeiros declara: "Manoel de Barros não é um divisor de águas porque antes dele não houve absolutamente nada", e o poeta paranaense Sérgio Rubens Sosséla exalta: "Ele está para a poesia brasileira, talvez mais do que Guimarães Rosa possa estar para a prosa e a ficção. Ele é o próprio espanto".

Nascido cuiabano em 1916, bem antes da divisão de Mato Grosso em Norte e Sul, publicou pela primeira vez em 1932 no Boletim da Nhecolândia uma crônica e um soneto. Nhecolândia? Lá ele passou a infância, lá onde "animal que dá pêlo, bentevi caga nele", "insetos compostos de paisagem se esfarinham a luz" e as borboletas amarelas sugerem um "buquê de rosas trêfegas". Nhecolândia, pantanal. Este "bugre" pantaneiro foi, entretanto, beber outras águas: morou no Rio de Janeiro, onde tornou-se marxista de 1935 a 1945, "para contestar apenas", e formou-se em Direito. Esteve em Nova York fazendo curso de pintura e de como ver cinema e onde redescobriu Elliot e Ezra Pound. (Manoel de Barros, o poeta:

— Sou fuga para flauta e pedra doce.

A poesia me desbrava.

Com águas me alinhavo.)

Manoel de Barros aprendeu ver cinema. E agora, aos 70 anos, vai para as telas. Foi decretado o fim do anonimato do poeta. Ninguém há mais de pensar que este "sábio demiurgo", como Houaiss o saudou



Na capa, detalhe de tela de Miró: criação de Fernando Freitas.

em "Arranjos para Assobio", é pseudônimo. Manoel nasceu Manoel Wenceslau Leite de Barros e existe tanto quanto seus seis netos.

E vai para as telas através do filme — de belo e apropriado título — "O Inviável Anonimato do Caramujo-Flor", um curta em 35 mm do cineasta Joel Pizzini, que após formar-se em jornalismo pela Universidade Federal do Paraná colaborou em diversos jornais de Curitiba, entre eles **O Estado do Paraná**, Mas que trocou a prosa pela linguagem cinematográfica e que hoje, em Campo Grande (MS) coordena o Núcleo de Cinema da Fundação Cultural.

O roteiro foi aprovado, entre 200 projetos inscritos, pela Embrafilme, que pela primeira vez investirá em um trabalho de autor sul-matro-grossense.

— Filmar Manoel de Barros significa revelar com um certo atraso o itinerário criativo do nosso maior poeta, cuja técnica única de composição tem extrema intimidade com a técnica de montagem cinematográfica. Avisa de Campo Grande, Joel, pronto para iniciar as filmagens dentro de duas semanas. A produção (Eliane Bandeira, Maria Lonesco e Sandra Menezes) pesquisou locações em Campo Grande, Gruta do Lago Azul (em Bonito) e pelo Pantanal, além de Copacana.

Um cuidado especial no som, para tanto, nada melhor que Geraldo Ribeiro, ("Das tripas coração", "jango", "Anos JK", "Asa Branca"), e na fotografia, que coube a Pedro Farkas, o mesmo de "O Rei da Vela", "Inocência", "A Marvada Carne", e, entre outros, "Cinema Falado". Afinal, o emprego de imagens neste filme está intimamente ligado às palavras, cores e sons. Já que Joel Pizzini pretende "um poema **sob** cinema".

Assim, outro zelo fundamental: a concepção plástica, sob a responsabilidade de

“cheio de furos pelos lados, torneiral, — ele derrama e destramela à-toa”, pela “incrível alegria do capim”, e verificando que “vaca não aceita outro que não seja touro mesmo” ou que o pantaneiro “anda na terra como quem desabrocha” e ainda que “minhocas arejam a terra; poetas, a linguagem”.

Para Manoel de Barros, “vagalumes driblam a treva”, “os rios começam a dormir pela orla”, “sapo nu tem voz de arauto”, “flores engordadas nos destritos até falam!”, “bicho acostumado na toca, encega com estrela”, “ovos de lobisomem não têm gema”, “no lodo, apura o estilo, o sapo”, “raiz de caracol, no lodo, dilui-se”, “um rio tomado banho pelos tordos, depura-se”, “formiga de bunda principal em pé de fedegoso anda entortada”.

Por tudo isto e pela poesia que anda com ele desde que em 1932 sofreu “desca-

a infância, lá onde “animal que dá pêlo, bentevi caga nele”, “insetos compostos de paisagem se esfarinham a luz” e as borboletas amarelas sugerem um “buquê de rosas trêfegas”. Nhecolândia, pantanal. Este “bugre” pantaneiro foi, entretanto, beber outras águas: morou no Rio de Janeiro, onde tornou-se marxista de 1935 a 1945, “para contestar apenas”, e formou-se em Direito. Esteve em Nova York fazendo curso de pintura e de como ver cinema e onde redescobriu Elliot e Ezra Pound. (Manoel de Barros, o poeta:

— Sou fuga para flauta e pedra doce.

A poesia me desbrava.

Com águas me alinhavo.)

Manoel de Barros aprendeu ver cinema. E agora, aos 70 anos, vai para as telas. Foi decretado o fim do anonimato do poeta. Ninguém há mais de pensar que este “sábio demiurgo”, como Houaiss o saudou

os insetos, penosamente, que pela primeira vez investirá em um trabalho de autor sul-matro-grossense.

— Filmar Manoel de Barros significa revelar com um certo atraso o itinerário criativo do nosso maior poeta, cuja técnica única de composição tem extrema intimidade com a técnica de montagem cinematográfica. Avisa de Campo Grande, Joel, pronto para iniciar as filmagens dentro de duas semanas. A produção (Eliane Bandeira, Maria Lonesco e Sandra Menezes) pesquisou locações em Campo Grande, Gruta do Lago Azul (em Bonito) e pelo Pantanal, além de Copacana.

Um cuidado especial no som, para tanto, nada melhor que Geraldo Ribeiro, (“Das tripas coração”, “jango”, “Anos JK”, “Asa Branca”), e na fotografia, que coube a Pedro Farkas, o mesmo de “O Rei da Vela”, “Inocência”, “A Marvada Carne”, e, entre outros, “Cinema Falado”. Afinal, o emprego de imagens neste filme está intimamente ligado às palavras, cores e sons. Já que Joel Pizzini pretende “um poema **sob** cinema”.

Assim, outro zelo fundamental: a concepção plástica, sob a responsabilidade de um artista matogrossense também com ligações paranaenses, Humberto Espíndola. Mas o detalhe especial, e com maior penetração junto ao público, está por conta do elenco: os principais intérpretes têm raízes em Mato Grosso: Ney Latorraca, Tetê Espíndola, Ney Matogrosso, Ivan Albuquerque, Almir Sater, Rubens Corrêa, Aracy Balabanian, Emmanoel Marinho e Jayme del Cueto.

Nesta leitura cinematográfica da obra de Manoel de Barros, Rubens Corrêa encarnará o “sábio demiurgo”, Ney Matogrosso será uma espécie de “corpo poético” e Tetê fará a “locução cantante”.

“O projeto — diz Pizzini — vem no bojo de uma nova mentalidade emergente no Estado, que busca colocar Mato Grosso do Sul no mapa cultural do país”. E nada melhor para esta pretensão do que começar pelo universo poético de Manoel de Barros. Que assim é:

De tarde, iminente de lodo, ia sentar-se no banco do jardim. (Diminuíram o seu jardim de 40 roseiras e uns vermes).

Lesmava debaixo dos bancos. O homem

sentia-se em ruínas: um lanho em vez de torso era

sua metáfora.

As ruínas só serviam para guardar civilizações e bosta de sapo.

Amava caracóis pregados em palavras.

Adélia Maria Lopes



COMENTÁRIO LITERÁRIO

Compêndio Para Uso Dos Pássaros

STELLA LEONARDOS

DEVO-O à Eneida. Eneida quem me levou: — Você tem de conhecer o poeta de Mato Grosso! — Qual? — O do «Prêmio Orlando Dantas», do «Diário de Notícias». E' ótimo. Vamos!

Fui. Confio no bom gosto de minha querida, talentosa amiga.

Peguei o livrinho. Os desenhos da capa, deliciosamente infantis, são de João Venâncio de Barros, de cinco anos. — Meu filho — esclarece o poeta sorrindo. E apresentando a garotinha de olhos grandes e vestido azul — Mas são dela as letras do título, na capa.

Olhei a caligrafia-ternura, aquele Compêndio para uso dos pássaros com um uso jeito de passarinho levantando vôo e fiquei simpaticando com Manuel de Barros. Cheguei a dizer-lhe: — Não quer pôr seu endereço aí dentro? Logo que puder darei impressão sobre os versos.

Ele escreveu na letra miúda, «rio indo embora de andorinhas»: Em Mato Grosso na rua Rui Barbosa, 334 — Campo Grande.

Só vi o endereço dias depois. Porque tivesse tido muita febre era preciso arejar, espalhecer. O Compêndio para uso dos pássaros havia de fazer bem. Aí dei com a palavra Campo Grande e me lembrei da cidade, e minha verde adolescência viajando às margens do Rio Verde, pousando em Três Lagoas.

O resto Manuel de Barros desvendou na poesia brasileira mais gostosura dos últimos tempos. Tudo é genuíno no livro — nenhuma sofisticação, nenhuma cópia de nenhuma escola, nada que lembre outro poeta. O que há, de fato, é inspiração, autenticidade. Uma poesia como que captada em plena inocência primitiva. Companheira, pela sintaxe e o sentimento, dos vaqueiros de alma poeta de Guimarães Rosa (de quem, por sinal, Manuel de Barros transcreve um belo trecho: «Sabia na muda: ele escurece o gorgelo... Pássaro no mato em toda parte voa tonto — por causa de acostumado com as grades das árvores»).

E o Compêndio para uso dos pássaros me curou mais depressa: «Nas ruas do vento/brincavam os passarinhos/perto

do meu quarto/junto do pomar»./Olhei pela janela-poesia: «Pedro veio na calçada — ele recuava/as mãozinhas da praça e as punha/no bolso — era flor!/quando aparecia mais perto/estava escorrendo de sol pelas pernas».

Compêndio para uso dos pássaros: sábio, leve e alado como o nome sugere. Todo «raiz entrando em orvalhos». «Água madura. Com penas de garça». Corgo cheiro de estrelas que ficasse à beira de um menino.

Meninos e pássaros fluem na lírica desse Poeta coração-criança e córregos que escorrem pássaros. Isto na primeira parte, com «Poeminhas pescados numa fala de João», «A menina avoadada muito de ouro de manhã», «salto muito leveza, muito pró vento e no bico de um sabiá tornada de ouro a cantar a cantar». Menina que vê o vento com cara de alma, irmã do belíssimo «Menino e o córrego»; amiga de um João-ferreiro de «pios enramados de muito se sonhar»; ou de um cardeal «passarinho de atravessado»; ou de um amarelo bentevi-cartola pinga de sol.

A segunda parte do Compêndio, tão original quanto a primeira, ainda é melhor. Trata-se de «Experimentando a manhã nos galos», onde «coisas mansas, de sela, andam por lá bebendo água, e há vento «sobre azaléas e municípios». E o Poeta monta no vento de pêlo e sente que o azul das pedras tem cauda e canto. E indo o Poeta «na garupa com os frios da noite» descobre o amor. E a tentação. E coisas lindas acontecem. Aquela madrugada «cheiros de frutas, esses começos de coisas indistintas, o que a gente esperou dos sonhos». E voltando o Poeta à fazenda «barulhinho vermelho de cajus e o riacho passando no fundo do quintal «compreende tudo melhor». E confessa: «As plantas/me ensinavam de chão./Fui aprendendo com o corpo. Hoje sofro de gorgelos/nos lugares puidos de mim./Sofro de árvores».

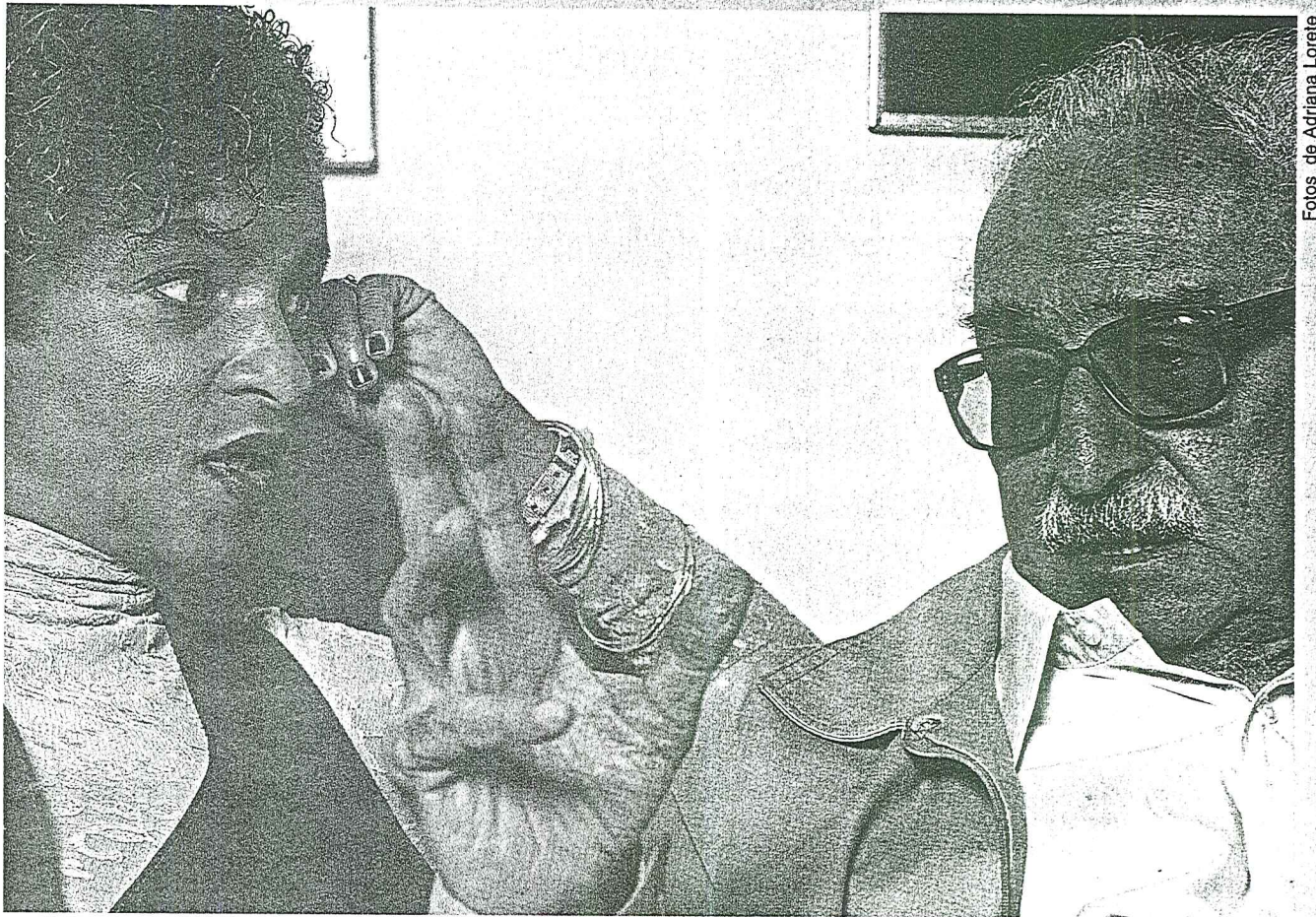
Boniteza de livro, o de Manuel de Barros. Se quiséssemos porém definir este Artista tão ele mesmo citaríamos a poesia que fecha seus poemas, «Um novo Job». Poesia que traz, de epígrafe, Jorge de Lima: «Porquanto como conhecer as coisas senão sendo-as?».

JORNAL LITERÁRIO

VALDEMAR CAVALCANTI

NOTÍCIAS EM POUCAS LINHAS

NO RIO o escritor Luís da Câmara Cascudo (que acaba de publicar, em Natal, «Vida Breve de Aute de Souza»). — Saiu o oitavo volume de «Sejeja», antologia de poetas novos, com Luís Corrêa de Sá, Almir Ayala, Pedro Tamen, Primo Castrillo e Manuel Pinillos. — A Livraria São José lançou o «Compêndio para Uso dos Pássaros», poemas de Manuel de Barros (prêmio Orlando Dantas de 1960). — Nas livrarias «A Semente» peça de Gianfrancesco Guarnieri (Edições Massao Ohno). — «Em Busca da Claridade», é o título do livro de Gustavo Lessa, publicado pela Fundo de Cultura. — A Difusão Europeia do Livro prepara uma seleção de páginas do Marquês de Sade, com prefácio de Simone de Beauvoir e introdução de Lívio Xavier. — Nicolas Rorr escreveu «Argélia, Guerra e Paz no Magreb» (Ed. GRD).



Poesia em comunhão

Quando conheci Manoel fiquei tão abismada, tão iluminada, tão nutrida da poesia rara dele, que achei que ele era uma coisa muito distante, lá onde moram os mitos, lá onde mora Deus. Aí concluí: Deus existe. Essa poesia com grandeza de caracol, com pressa de lesma por dentro do sentido das coisas, esse encostamento na parede – alma da gente – que os versos dele realizam, põe imediatamente meu pensamento para brincar enquanto me ensina. A poesia de Manoel desde então me garante. Eu amo o cotidiano, que também é Lua, tarde, chuva, Sol. As pessoas quando querem xingar o cotidiano chamam ele de rotina. Mas não é. Manoel me deu *padrinagem* para esse sentimento. Tudo nele comunga e muda de cor e de *acon-*

tecência. Minúsculo movimento diário que o macrocósmico olhar desse menino amplia para ver o direito torto que ele gosta. Por essas coisas que eu saí da casa dele chorando, a primeira vez que o vi com olhos de fora. Chorava de uma alegria lírica. E quando veio essa história de entrevistar o Manoel para a **Domingo**, entendi como uma tarefa de muita responsabilidade, embrulhada com papel de presente. Me veio um cheiro de lápis de cor e de caderno novo igual quando minha mãe me levava a papelarias. Pensei: que honra! Será que Deus além de estar jogando a favor dos poetas está roubando para mim?

Elisa Lucinda

(atriz e poeta, em cartaz com o show O semelhante, no Café Teatro do Shopping da Gávea)

DOMINGO 3

Rio, J.B, caderno de Domingo, 22/06/97
nº 1.103

222

Hoje ao telefone você disse: "Fala, grande poeta do Brasil." E eu o xinguei: "Engraçadinho!" Eu lhe pergunto, Manoel, você não se enxerga, não? Escute a palavra enxergar sem metáfora, tá?

Sem metáforas, eu me vejo assim: um fazendeiro do Pantanal, de bota e chapéu. Que anda no cerrado como quem anda na rua. Que desvia da cobra como quem desvia do carro. Que acha tristeza funda em berros de boi. Mas sem metáforas nós não somos poetas – nem você nem eu.

Você é bicho e é refinado, você é sapo e é Proust ao mesmo tempo, existe formação para poeta?

Penso que não há formação para poeta. O fato de eu ser um caipira de linguagem refinada há de ser coisa inata. O que posso adiantar é que tenho uma fascinação irresistível pelo primitivo. Nasci e vivo encostado à natureza. Depois viajei vendo coisas criadas pelo homem. Minha linguagem se equilibra nessas fontes. Sou por isso Proust e sapo. Ou vice-versa.

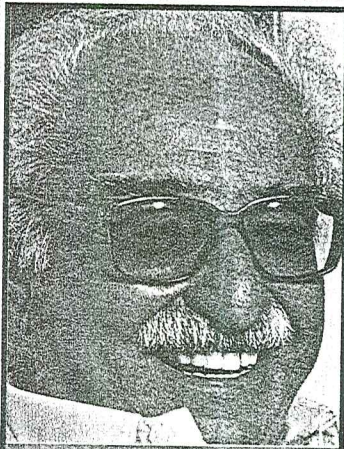
Eu fico totalmente impressionada com você. O homem que beira todos os perigos e sai lindo e ileso: é simples sem ser óbvio; quando parece óbvio, é profundo; é fácil sendo sofisticado; difícil sendo cru. Sem contar que é poeta do Pantanal sem ser dono de uma poesia pantaneira folclórica. Não enche o saco da gente com uma exaltação contemplativa da exuberância daquela maravilha. Eu acho que você faz isso de propósito e sem querer. Vai explicar?

Não sou simples, sou complicado, contraditório. O que faço são truques com o idioma. Deixo um pouco falar o moleque, deixo um pouco falar o vaqueiro, deixo um pouco falar o menino, deixo um pouco falar o bocó. São todos minhas fontes.

Fiquei muito emocionada quando fui a sua casa em Campo Grande e lhe perguntei o que havia entre a sua poesia e a minha, já que somos tão diferentes na forma, e você me respondeu: "Comunhão". Lembra? É isso o que ocorre entre a sua poesia e a fala do coração do leitor?

Acho que poesia é comunhão, sim. Não deve nunca ser informação. Poesia não presta para dar informação. Só presta para dar néctar. Quem sorve o néctar comunga o mundo.

Naquela ocasião, quando fui a sua casa, eu tremia. Mito, né? Gente, eu pensava, o homem é um senhor todo sério, todo caladão, que não sai de casa. Cheguei nervosa e encontrei sabe o quê? Um menino. Aí indaguei e você respondeu: 'É que eu sou um menino.' A tarde passou feito um corisco e eu acabei nem vendo o tal bicho do mato de que tanto falavam. É folclore?



"Botaram em mim fama de caladão. Como um ser de linguagem, sou sério, sim. Mas como pessoa de osso, prefiro o vulgar ao solene"

Manoel de Barros, poeta, vencedor do Prêmio Nestlé com Livro sobre Nada

Botaram em mim essa fama de caladão, de um senhor sério. Como um ser de linguagem, sou sério, sim. Mas como pessoa de osso, gosto de brincar. No fundo prefiro o vulgar ao solene. No fundo e no raso.

Manoel, você não agüenta a glória? É verdade que foi sua filha, Martha Barros quem o descobriu?

Agüento a glória, sim. Não sou tão fraco. Só tenho 80 anos. É muita infância pra ter. Acho que a Martha me descobre sempre, pois eu não sou o pai dela?

Você disse que não gosta de falar para "ferro" (gravador) e agora está prestes a gravar um CD com sua voz. Quais foram as suas exigências para isso, poeta das esquisitices?

Eu disse a uma jornalista que não falo com ferro. Ela tinha posto na minha frente aquele microfone. Mas a jornalista me respondeu que o microfone era de plástico. Mudei a frase. Pois então eu não falo com plástico. E sobre o CD, pedi ao Ivo Barroso (produtor da série A voz dos poetas) que me deixasse ler os poemas sozinho. Só na presença dos técnicos. Minha

inibição é pra falar em público.

Você, que é totalmente avesso a entrevistas, como se comportaria diante de uma televisão?

Pois na televisão eu empedro mesmo. E a partir de uma pedra, só sei falar de lagartos, de sol, de vento. Posso inventar uma árvore a partir de uma pedra. E até posso ver essa árvore soltar folhas no outono.

Esse seu último livro é um estouro editorial, em um ano vai para a quarta edição. Já foram vendidos mais de 15 mil exemplares. Inutilidade dá prêmio Nestlé, meu amigo? Que chique isso! Como é que você se sentiu? Fala a verdade, poeta...

Fico inchado que nem um sapo brabo. Claro que tudo isso é bom. Você sabe até melhor do que eu qual o sentido que dou à palavra inutilidade. Ela é tudo que seja útil à poesia. Que nem voar sem asa.

Você vê: e é um Livro sobre nada. Cheio de quê? O Livro sobre nada é cheio de tudo que é nada.

Você acha que agora a poesia vai parar de significar encalhe, coisa que não vende? Vai dar pra viver só de poesia?

Confesso: não sei de poeta no mundo que tenha vivido de poesia. Poesia pode enriquecer a alma, mas o alforje, não. Você consegue porque você junta a poeta e a atriz e sai falando por aí. O valor das gratuidades é pequeno.

Antes de ser publicado, você tinha medo de se tornar póstumo, aquela sina de Fernando Pessoa?

Juro que nisso nunca pensei. É chato ser póstumo. Deve ser. Ser reconhecido em vida deve ser mais alegre. Não sou alegre nem triste, sou poeta – como dis-

se Cecília Meireles.

Você me disse uma vez que, quando leu Antônio Vieira, descobriu que era um frasista e que tinha descoberto, aí, pra que você servia nesta vida. Como é que foi essa história?

Meu pai achava graça quando eu dizia pra ele que só prestava para as gratuidades da palavra. Que em Vieira, no colégio interno, eu descobrira em mim esse dom de gostar de frases. Vieira não seria para mim nunca um aluno de Deus, mas um aluno do "mi-lagre estético" – como Borges diria.

Você viveu preso uma vez quando foi interno num colégio. Estou falando isso porque você mesmo me disse que estar interno é o mesmo que estar preso. Quem o libertou de lá? Vou arriscar: foi ela, a poesia?

Ao falar em prisão, eu me referia a ser interno, entre grades de um colégio. Passei 10 anos interno em colégio de padres maristas. Mas foi lá que descobri a liberdade. Descobri que no fechado a imaginação se solta.

Você fala muito que a poesia é uma inutilidade, que sua matéria é o que não tem uso, serventia. Será, Ma-

noel? Não serão esses ciscos, essas lesmas, esses "prendedores de silêncio" que você cria, esses "abridores de amanheceres", os restolhos, os musgos, enfim, todas essas "grandezas de chão", a essência dessa poesia?

Eu não desprezo as gratuidades lingüísticas, as coisas que criamos com palavras. É preciso lembrar que as palavras puxam nossas raízes para fora de nós. Nos expõem. Isso já não é uma riqueza? Ouvir um canto azul não é riqueza?

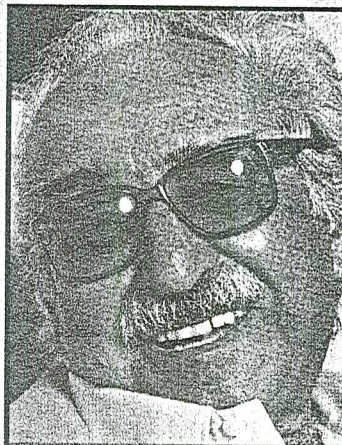
Você fala em *molecar* o idioma. Você consegue repetições inéditas, tem amor pelos pleonasmos, como se sua brincadeira principal fosse mudar os cargos das palavras, a usual tarefa delas. Você tanto substantiva verbo como verba substantivo. Como é isso?

Falo de *molecar* o idioma no sentido de desobedecer as regras de gramática. Tenho medo do *mesmal*. Amo a sintaxe da insensatez. Escrever por trancos me apraz mais que por trilhos. É como se eu botasse rabo de papel nos príncipes.

Já está se falando de uma gramática *Manoel de Barros* ou *Manoel Barresca*, sei lá. O que você sabe das teses sobre sua obra?

Antes melhor uma *Agramática Manoelina*. Seria mais conforme. Estou criando agora um *Dicionário do ordinário*. Entre os verbetes se encontram latas, pobres diabos que ambulam por ruínas, cisco, borboletas etc...

O que é a rima para você? Ela balança o verso? Muitas vezes eu sinto que preciso daquela palavra



"Não uso computador. As vezes tenho medo dele. Sou escravo do lápis com borracha. Depois tem outra: sempre imagino que na ponta do meu lápis tem um nascimento. (...) As bobagens criam raízes"

como um som, ali, naquele lugar. Sem ela o verso parece manco: é assim para você?

Gosto mais da rima interna, a que faz ressonância no corpo inteiro do verso. A rima que estala na última sílaba do verso, tenho a impressão que apaga um pouco o silêncio das entrelinhas.

Drummond, num poema belíssimo, *Procura da poesia*, diz: *Não forces o poema a desprender-se do limbo/ não colhas do chão o poema que se perdeu/ que se dissipou, não era poesia/ que se partiu, cristal não era*. Você corta sem pena as sobras do poema? Joga fora?

Acho lindo esse poema do Drummond. Porém eu cato no chão o que já caiu de mim. O que se partiu, eu junto, eu boto no poema. Sei que ele está falando de palavra. Eu corto sim. Eu sofro de não cortar e de cortar.

Você escreve no computador ou tem que ser naqueles caderninhos lindos coloridos manoelescos?

Não uso computador. As vezes tenho medo dele. Parece que teria que deixar ali o que ele já escreveu. Sou escravo do lápis com borracha. Depois tem ou-

tra: sempre imagino que na ponta do meu lápis tem um nascimento. Sei que isso é bobagem da minha parte. Mas as bobagens também criam raízes.

Tem muita gente que o chama de gênio, o Pessoa brasileiro, e por aí vai. Não sei se sua timidez vai se acostumar com o sucesso, mas querendo ou não você é inspirador de várias gerações de poetas de agora. A poesia está em alta e você não vai agora clarear de nós, vai? (*Clarear, na linguagem dos vaqueiros do pantanal, quer dizer deixar alguém. Deixar a namorada é, então, clarear dela*)

Como clarear de você, ó poeta, se eu também tenho esse estigma, se sou feito desse amor, dessas tardes, dessa dor, desses ventos?

Você já tinha pensado na sua poesia virar sofá ou cadeira de balanço? Pois sabia que lá em casa as pessoas sentam em você? Mas só as especiais.

Sei que a Martha confecciona forros para sofás em que transcreve versos meus. Acho os forros lindos. Sentar-se neles seria talvez se aconchegar ao poeta.

Você para mim é um cristal, morro de orgulho de ser sua amiga. Lá em casa, tem um monte de fotos, mas só a sua mora na cristaleira. Por isso não lhe pedi um texto para abrir meu próximo livro. Pedi um verso, se te inspirasse. Verso seu é prefácio meu.

Isso muito me orgulha. Ser escolhido um verso meu para abrir um livro seu. Fico que nem sapo. Inchado.■

Leia a íntegra da entrevista no
JB Online: <http://www.jb.com.br>

obras completas este mês e prepara um novo livro para o próximo ano

úrio das palavras

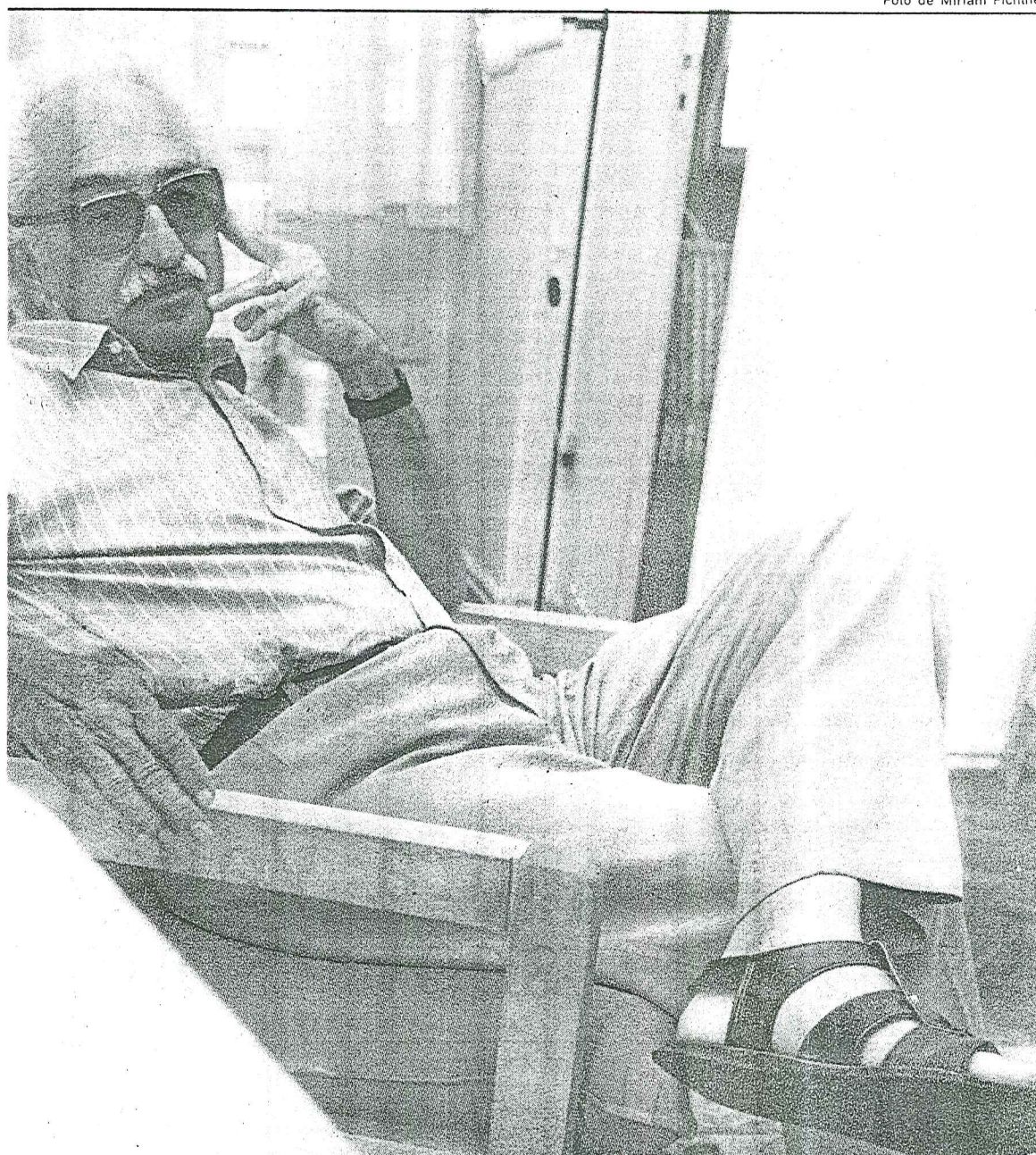


Foto de Miriam Fichtner

de público, é considerado "o melhor" por nomes consagrados como Antônio Houaiss e Millôr Fernandes

OEL — Comigo até prego na. Uma folha me planeja. io encosta as margens na voz. É isso que a poesia migo. Ocupo novas partes m com as palavras.

OBO — O que significa a ra para você?

OEL — A partir dos defei-uma pedra é que o escul-meça o seu trabalho. A de um visgo de borboleta a, Miró podia começar al-deslumbramento plástico.

A partir de uma palavra torpe, pode chegar-se ao balbucio dela, ao seu murmúrio nupcial. Isto é: quando ela esteja ainda na origem da fala e não saberia o torpe. O lado torpe do lírio é um lado novo e apto à poesia. É preciso que as palavras nelas mesmas se inaugurem. Essa é a melhor maneira de dizer pouco sobre as palavras — ou menos. O puro da palavra é sua primeira vez. Não é o liso das palavras que seduz o poeta, mas as suas reentrâncias e doenças. Por isso

que os defeitos de uma pedra são mais importantes para o escultor. E é por isso que um visgo de borboleta na tela branca de Miró pode trazer a ele o seu melhor azul. As fontes que murmuram por dentro das letras eu não sei. Mas sei as vertigens do subsolo. E sei que nenhuma flor protege o dia como as avencas. Isso por escutar a voz das águas.

O GLOBO — O que te atrai nas coisas miúdas, desimportantes, desprezíveis?

MANOEL — Olha, vai ali um besouro com uma nódoa de osga na voz... Acho que invento essas coisas a partir de um atavismo bugral que existe em minhas latências. O índio, o bugre, vê o desimportante primeiro (até porque ele não sabe o que é importante). Vê o miúdo primeiro. Vê o ínfimo primeiro. Não tem noção de grandezas. Aliás, a sua inocência vem de não ter noção. Bugre não sabe a floresta; ele sabe a folha. Enxerga o movimento das formigas e tem devaneios. Uma formiga puxou um pouco do rio para ela e tomou banho em cima... Ele sorri. Por atavismo vi aquele besouro com uma nódoa de osga na voz... Botei na minha linguagem e estou sorrindo. O ente que recebeu do bugre uma carga primal, ele quer um gosto casto. Quer dar à palavra *vileza* um gosto de inocência. De resto, não haverá nos poetas uma aura de ralo?

O GLOBO — Por que o poeta escreve?

MANOEL — Acho que um poeta usa a palavra para se inventar. E inventa para encher sua ausência no Mundo. E inventa quase tudo, sendo que só falta o começo e o resto. Fala que já foi agraço de musgo. Fala que a palavra pode sair do lado conspirado de uma boca e entretanto ser pura. Fala que gosta de harpa e fêmea em pé. E acho que o poeta escreve por alguma deformação na alma. Porque não é certo ficar pregando moscas no espaço para dar banho nelas. Ou mesmo: pregar contigüidades verbais e substantivas para depois casá-las.

O GLOBO — Como é o seu novo livro?

MANOEL — É assim. É um velho que mora numa árvore e fica ali se assistindo acabar... Ele tem um caderno de apontamentos em que deixou seus últimos delírios. Ele sofria da moral, está claro, para morar em uma árvore...O livro deverá se chamar "Concerto a céu aberto para solos de aves". Não fico certo se os apontamentos são meros delírios ônticos ou mera sedição de palavras. Sei que o autor está promíscuo da Natureza. Dou de amostra os primeiros apontamentos:

"Deixei uma ave me amanhecer".

O encanto luxuoso de Manoel de Barros

ANABELA PAIVA

É coisa de seduzir até os que só lêem bula de remédio. Trata-se do livro *O encantador de palavras*, o primeiro editado pela Sociedade dos Bibliófilos do Brasil. Em capa dura de linho vermelho, 132 páginas soltas de especialíssimo papel *strathmore*, impressas uma a uma em serigrafia. Combinados no claro do papel, desenhos do artista plástico Siron Franco e poemas escolhidos de Manoel de Barros. São apenas 165 exemplares, impressos especialmente para os integrantes da Sociedade – um grupo de amantes dos livros que custeou toda a edição. Hoje, às 18h, no Museu Histórico Nacional, os confrades da sociedade presidida pelo empresário e colecionador José Mindlin vão receber cada um seu exemplar, pelo qual pagaram R\$300, além do valor da anuidade de R\$150. “Acho bonita a idéia de um livro objeto. Isso recupera o valor que era dado ao livro na Idade Média. Mas acho que deveria haver uma edição popular”, diz Siron Franco.

Por enquanto, só os integrantes do grupo, muitos deles remanescentes da Sociedade dos Cem Bibliófilos, que funcionava no Rio de Janeiro, vão receber *O encantador de palavras*. Gente como o pintor Carlos Seliar, o colecionador Gilberto Chateaubriand, o empresário Roberto Paulo Cesar de Andrade e o consultor de opinião pública Homero Icaza Sanches. “A idéia é fazer um livro por ano, sempre procurando unir o texto de um autor de expressão ao trabalho de um artista

plástico”, informa Guilherme Rodrigues, um dos bibliófilos e dono da editora Lythos, que imprimiu o volume.

Manoel de Barros acha graça na paixão de Mindlin e dos outros colecionadores. “O Mindlin tem um amor físico pelo livro. Quando ele foi ao meu escritório em Mato Grosso, levou um choque vendo o dicionário que eu uso há 50 anos, todo desbechado. Ele olhou assim com uma pena de mim. Fiquei com pena dele”, ri o autor do *Livro sobre o nada*. Logo ele, que ensina em *Matéria de poesia* que “Tudo aquilo que nos leva a coisa nenhuma/é que você não pode vender no mercado/como, por exemplo, o coração verde/dos pássaros, serve para a poesia”, virou tema de livro de luxo.

Siron Franco soube retratar o universo de coisas *desimportantes* de onde Manoel extrai significância: caracóis, cobras, peixes, passarinhos, velhos eletrodomésticos povoam as páginas. “Procurei mostrar os elementos do trabalho dele, a foto de formatura, o canto de parede, o rastro da lesma”, diz o pintor, que já tinha ilustrado o livro *Concerto a céu aberto para solos de ave*, editado pela Civilização Brasileira. “Siron é apaixonado por mim pela minha poesia. O trabalho dele ficou muito adequado”, elogiou o poeta, que se encontrou pela primeira vez com o pintor quando foram assinar os 165 exemplares. Embora ambos sejam grandes nomes da cultura do Centro-Oeste, Manoel não vê na origem um fator de aproximação dos dois artistas. “É com a palavra que trabalho, não é com o lugar”, ensina.

O ENCANTADOR DE PALAVRAS

Poemas escolhidos de
MANOEL DE BARROS
Ilustrações de
SIRON FRANCO

Manoel de Barros diz 'nada' e Cony faz entrevista na entrega do Prêmio Nestlé

O improviso dos discursos foi a marca da festa, apresentada por Marieta Severo

Daniela Name

Manoel de Barros pediu permissão para dizer nada. Carlos Heltor Cony fez uma entrevista no lugar do discurso. Luiz Alfredo Garcia-Roza agradeceu por terem confluído num "estreante de cabelos brancos". Uma sucessão de bem-vindas quebras de protocolo marcaram a entrega do primeiro Prêmio Nestlé de Literatura, quinta-feira à noite, no Teatro Municipal. A atriz Marieta Severo foi a mestre-de-cerimônias de uma festa que contou com a presença do ministro da Cultura, Francisco Weffort, da presidente da Academia Brasileira de Letras, Nélida Piñon, e do presidente da Fundação Nestlé de Cultura, Antônio Salgado Peres Filho.

— A festa aqui na Biblioteca Nacional é um momento excepcional de um prêmio que teve uma carreira brilhante — disse Weffort, que chegou meia hora adiantado, mas fez uma brincadeira com o tumultuado trânsito carioca. — Deve ter sido o prêmio que provocou o engarrafamento e parou a cidade...

Weffort lamenta que não tem tido tempo para ler

O ministro elogiou os seis vencedores (Manoel de Barros, Cony e Edla Van Steen, na categoria "Consagrados"; Antonio Cicero, Garcia-Roza e Antônio Fernando Borges, na categoria "Estreantes"), mas disse que não tem tido muito tempo para ler:

— Infelizmente, conheço-os de segunda mão, através de resenhas ou comentários de amigos.

Já o acadêmico Eduardo Portella, presidente da Fundação Biblioteca Nacional, não poupou elogios ao maior homenageado da noite: aplaudido demoradamente ao receber o prêmio de poesia por seu "Livro sobre nada", Manoel de Barros foi chamado por Portella de "a raiz dobrada sobre o universo, o homem que redimensionou nosso regionalismo". Constrangido com os elogios e o excesso de flashes, o poeta, que só dá entrevista por escrito e vive uma redescoberta pelo mercado aos 80 anos, pediu desculpas para a platéia:



MARIETA SEVERO e Manoel de Barros: tímido, ele só pediu para "dizer nada"

— Estou extremamente nervoso. E vou pedir licença para dizer nada.

A emoção contida de Barros emocionou tanto quanto o convencional discurso de Cony, premiado pelo romance "O piano e a orquestra". O jornalista, que voltou à ficção depois de 20 anos com o autobiográfico "Quase memória", lembrou os tempos de repórter ao receber o prêmio de Claudemir Alexandre Cabral. Em vez de seguir o protocolo, passou o microfone para o garoto de 16 anos, que improvisou uma biblioteca na favela de Paraisópolis, em São Paulo:

— Quero saber mais sobre sua história. Como tudo começou?

— Eu aprendi serviços gráficos

e comecei a imprimir livros de graça para minha comunidade — explicou Claudemir.

— E hoje sua biblioteca tem quantos sócios? — indagou Cony, na última de uma série de cinco perguntas.

— Calculo que uns 780 — disse o garoto.

— Esse é meu discurso — conclui o romancista, muito aplaudido pelo público.

Depois da cerimônia, Cony explicou que não via sentido em agradecer, mais uma vez, "à família, à editora, à Nestlé, a Deus e ao Espírito Santo":

— O Claudemir é que merecia um prêmio. Fiquei sabendo dele na hora da entrega, e o lado jornalista falou mais alto. ■

Marcelo Carnaval

A/C LUCIANO TRIGO

Jornal do Brasil - Caderno B.

Av. Brasil, 500 - RJ.

Perguntas para Manoel de Barros.

Pergunta - Depois de meio século de anonimato, sua obra começa a dar sinais de repercussão no meio literário. Do ponto de vista criativo, o que significa pra você esse tardio reconhecimento?

Resposta - Se for mesmo assim, reconhecimento e tal, vai ser bom. Quem escreve tem sede de ser lido e ser amado através. Se for assim, vou ter cuidado para não inchar de vaidade. Sucesso embriaga tem hora - dizem. Tenho medo e morro de alegria.

Pergunta - Certa vez você confessou que a inaptidão para o diálogo gerou o poeta e que sozinho fala com todos, e que nisso é um tanto plural. Manoel, essa forma encaramujada de ser, retardou a ressonância de sua poesia?

Resposta - Depois que releio algumas respostas que dei a meu respeito, noto que fiz pose. A gente faz pose. Poeta que se preze tem que arrumar imagem conforme. Uma boa imagem. Por exemplo : de bêbado, de tonto, de passar fome, etc. Isso não melhora o verso da gente, mas ajuda no resultado. Talvez por isso eu tenha feito essa pose de ente solitário a Baudelaire, andando pelas ruas. Mais : quando dizem que falo sozinho na rua respondo que isto é porque não enxergam os meus interlocutores; que sozinho eu falo com todos; e que nisso sou um tanto plural. O que também é uma posse. Nem é tão singular nestes tempos.

Pergunta - O que você elege como matéria de poesia?

Resposta - Elejo a palavra, o ser, o ente, a coisa. Qualquer pedacinho de parede onde os caracóis escurecem de chuva. Elejo o guspal e o vergel. Um homem de pé segurando um buquê de moscas. Tudo.

Pergunta - O cinema está latente em sua obra. Sua técnica de composição se identifica intimamente com a montagem cinematográfica. Que filmes você preferiu ler?

Resposta - Sou mesmo um montador de palavras. Só que primeiro eu elouqueço elas; ou as adoeço em mim. Pego um verbo enlouquecido e prego ao lado de um substantivo morto; subverto as regências; no colo de uma palavra elegante colo um esterco. E assim por diante. De forma que minha técnica é de colagem mesmo. Eu seria, em cinema da escola do Eisenstein. Mas ~~o~~ o que lei mais em cinema é Chaplin, Bunuel, Felini, Woody Allen, o Cinema Falado do Caetano, etc.

Verificar a grafia

Pergunta - Manoel, seu itinerário poético se situa essencialmente entre o Pantanal e o Rio de Janeiro. É da fusão dessas metade que resulta sua poesia?

Resposta - Creio bem que a fusão seria antes do ser com as coisas, com a natureza, através da imagem. Acho que sou um Imagista. Por isso que você me acha parecido com cinema. Poesia pode ser a ocupação da palavra pela Imagem. Itinerário meu, poético, é por desvios. Igual de bugre. Seja Rio, Pantanal ou um trecho de Sartre. Tem um índio em mim que fareja. Ele fareja a palavra nos meus entrelegamentos. Índio não procura; índio acha pelo faro. Concluindo: acho que não tem fusão de Rio com Pantanal; mas sim ~~tem~~ tem fusão do ser com as coisas.

Pergunta - Antônio Houaiss diz que não conhece poesia e poeta que desconfie tanto de si mesmo como Manoel de Barros ... (comente;)

Resposta - ~~Manoel de Barros não conhece poesia e poeta~~ Eu não tenho certeza ¹⁴ quase nunca do meu verso porque eu o faço com o corpo. Sensibilidade é treideira. E às vezes tapa a visão. Ainda mais que o corpo está muito coalescente às coisas - que nem dá pra tomar distância de julgador. Meu verso quase que só vem de meus escuros. Tanto quanto é o escuro que acende os vagalumes. Meu caro Antonio Houaiss falou certo como sempre.

Pergunta - A força rítmica e a sonoridade imprevisíveis intrínsecas à sua poesia, é que fazem com que ela não precise necessariamente ser entendida?

Resposta - Às vezes penso isso lendo versos meus. São tão ilógicos, que eu mesmo digo que se sustentam no fio do ritmo. Vou citar dois exemplos : Falando de um idiota de estrada que ronda meu Nadifúndio, digo : Seu ombro contribue para o horizonte descer / Aragem cor de roupa esplende ele. Se se trocar de lugar qualquer palavra nesses versos - eles despencam. E tem mais um negócio : os lógicos nunca os entenderão, senão que os tontos.

Pergunta - De quem você desconfia ter pescado sensíveis influências?

Resposta - Conheci um padre francês no Colégio São José, onde estudei interno 5 anos, que me ensinou sua língua e me dava livros pra ler. Primeiro Vieira todo. Depois Camões, Camilo, Machado de Assis. Aprendi em Camilo a errar a língua pra ficar mais bonita a frase. Camilo chutava a gramática com a maior grandeza. Depois vi nas notas de linguistas, que a gente podia justificar os erros indo nas autoridades. Se encontrasse sintaxe semelhante a gente estava principal também. Um dia li as anotações estéticas do Klee e admirei o esforço que fez para readquirir o traço inocente da criança. Ele adquiriu. A esse tempo tentei usar uma sintaxe torta de criança no meu Campêndio para uso dos Pássaros. Vi que era bom. Veio Guimarães Rosa, um mostro de cultura e sábio - e me deu força. Não esqueço Macunaíma de Mário de Andrade, que também me abonou. Acho que tenho influência ^{sensíveis} ~~alguma~~ dos dois.

Pergunta - Antecipe-nos o tom da curiosa Arte de infantilizar Formigas.

Resposta - A Arte de infantilizar formigas é pra ser o meu novo livro de poemas. Deverá ter 3 partes - : O Nadifúndio (Se trata de um tratal), onde a linguagem também se esgerça como as pobres coisas do chão, como os detritos humanos que ali vivem. A 2a. Parte tem um nome comprido : Relação de as-coisas que as formigas ^{as crianças} os nescios naturalmente sabem e que os doutos regularmente desdouram.

343
Esse título tem semelhança rítmica o tratado de filologia do
Frei Viterbo, que é assim : Elucidário das palavras, termos
e frases que em Portugal anti -
gamente se usaram e que hoje
regularmente se ignoram .

Tire-se que a semelhança rítmica é pura e proposital inci -
dência . E o que seria a 3a. parte de livro deverá constar
de 12 poses, sob o título de Poses de poeta. Enumero algu-
mas : De pé, ante um marrom atormentado; fingindo de lata ;
Imitando Ovídio; com a máscara tersa; Ao lado de seu amigo
Roupa-Grande.

....

Versos e visões que perseguem a simples natureza das coisas

Manoel de Barros é antídoto contra rigores do formalismo

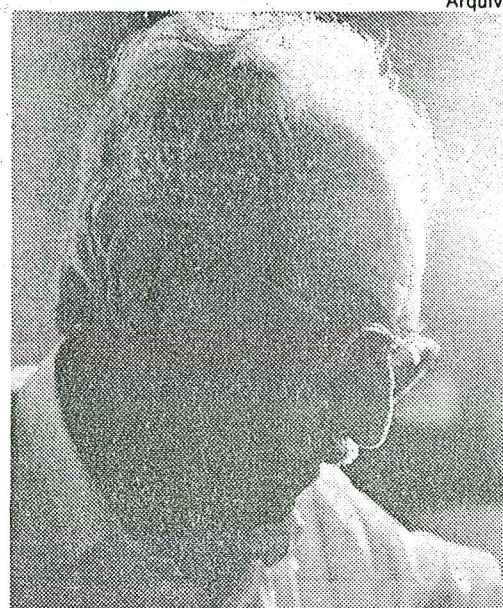
■ **O livro das ignoranças**, de Manoel de Barros. Civilização Brasileira, 108 páginas, CR\$ 4.675,00

CLAUFE RODRIGUES

Se você procura na poesia apenas o rigor formal; se entende o mundo através de uma ótica acadêmica; se prefere, ao invés de versos, intrincadas manipulações gráficas das palavras, não compre *O livro das ignoranças*. Mas se você busca a natureza simples das coisas, se espera ganhar com a leitura de um livro de poesia o prazer secreto das pequenas sabedorias, você escolheu o título certo. Manoel de Barros trabalha com a delicadeza de um ourives. Para ele, escrever é manejar palavras, transformando o nada em beleza: esculpir as pequenas jóias da língua.

Manoel de Barros, o "poeta pantaneiro", transcende a geografia e a palavra, recriando o vocabu-

Claufe Rodrigues é jornalista e poeta



Manoel de Barros: delicadeza de ourives

lário como um Guimarães Rosa da poesia. Em 62 páginas, ele nos oferece o melhor de sua lavra.

O livro é dividido em três partes: *Uma didática da invenção*, *Os deslindados da palavra* e *Mundo pequeno*. A proposta não poderia ser mais radical: "desinventar objetos", "usar algumas palavras que ainda

Arquivo

não tenham idioma", "botar aflição nas pedras".

Aos 77 anos, o poeta escreve com os olhos de uma criança, dando cor ao som, pele ao cheiro, orelhas ao vento abstraído. As reminiscências da infância respingam de tardes e rios toda a terceira parte do livro, mas estão presentes aqui, ali e acolá, na despreensão de versos como "Poesia é voar fora da asa", "Ontem choveu no futuro" e coisas singelas assim.

Em mãos pouco experientes, normalmente as palavras apanham bastante, sangram suor e lágrimas até adquirir *aquele bronzeado*. A poética de Manoel de Barros esbanja azul, pedra, limo, ave, todo o céu do Pantanal. São imagens deliciosas, que trazem à luz o rico universo (exterior e interior) de um poeta-caramujo, pouco dado a badalações e bajulações.

Na corda bamba entre o fortuito

e as coisas sérias, *O livro das ignoranças* põe a nu uma certa poesia praticada nos grandes centros culturais brasileiros, à base de jogos-de-palavras, que esconde sua esterilidade atrás de um vasto biombo de citações eruditas. Na pena de poetas complicados, uma definição simples e precisa como "as coisas que não existem são mais bonitas" viraria uma monografia. Em Manoel

rosidade de sua poesia. Mas Manoel de Barros está longe de se transformar numa unanimidade nacional. Mesmo recatado em sua fazenda do Pantanal, mesmo distante das polêmicas literárias, ele incomoda muita gente. Um jornal de São Paulo desceu o pau no livro. A forte reação se justifica: *O livro das ignoranças* abala os alicerces das estruturas de poder manipuladas

pelos poetas-arquitetos. Aqueles que tratam a palavra como um tijolo, e o poema como um projeto. Os intelectuais trazem sempre a língua presa a uma coleira. Manoel, pelo contrário, não tem medo de soltar os bichos. São como água e óleo: não se misturam.

O livro das ignoranças traz o sopro daquele espírito que vez por

outra retorna para nos salvar do deserto, levando-nos a um oásis de beleza — é poesia no seu estado mais puro de estranheza e fascínio.

Alguns já disseram que poesia é para poucos. Meus votos são de que esses poucos renasçam "engrandecidos de nadezas", depois de lerem este livro.

Para entrar em estado de árvore é preciso

partir de um torpor animal de lagarto às

3 horas da tarde, no mês de agosto.

Em 2 anos a inércia e o mato vão crescer

em nossa boca.

Sofreremos alguma decomposição lírica até

o mato sair na voz.

Hoje eu desenho o cheiro das árvores.

Poema IX de "Uma didática da invenção", em *O livro das ignoranças*

de Barros, até mesmo as citações fluem espontaneamente, como filhas de uma nova língua.

Desde que foi lançado, no final do ano passado, *O livro das ignoranças* não saiu da lista dos mais vendidos. O grande público gostou de descobrir o estilo do artista, e passou a reconhecer-se na serena gene-

CRÍTICA ► "Caminhos da sobrevivência"

Uma beleza

Cora Rónai

O ministro Paulo Brossard deve ter ficado nervoso demais — ao estreiar domingo, na Manchete, a série *Caminhos da sobrevivência*. Levou ao ar a melhor cena de cobra explícita jamais apresentada na televisão brasileira. Levou também, de quebra, magníficas cenas de garças, extraordinárias cenas de tamanduás-bandeira, arrepiantes cenas de jacarés e ternas cenas de veadinhos; mas a cena de cobra...

Não viram? Foi assim: a câmera, que filmava um matagal onde a cobra passeava feliz da vida, fechou o plano, e a cobra, uma sucuri pintada, foi passando. E foi passando. A câmera ali parada — e a cobra passando e passando, uma cena de matar qualquer Stallone de inveja, ocupando a tela de ponta a ponta, impávida, numa sucessão primeiro interminável, depois cômica, de segundos. Jamais se viu cobra semelhante.

Mas Pantanal, o episódio de estréia da série, teve muitas surpresas assim, a começar pelos balões utilizados na filmagem. Remotos e coloridos, eles são, possivelmente, as únicas engenhocas humanas que melhoram a paisagem do Pantanal. Uma paisagem espantosa, espalhada em quilômetros e quilômetros



Pantanal, de Washington Novaes: melhor do que a Amazônia, de Cousteau

de água e de uma vegetação praticamente intocada, habitada por bichos inacreditáveis: a maior reserva ecológica do planeta.

É fácil perder a dimensão exata de um universo tão rico e tão calmo. Mas a fotografia caprichadíssima de Lula Araújo e a direção impecável de Washington Novaes (responsável pela série *Xingu*, apresentada no ano passado) encontraram o equilíbrio certo entre o horizonte e o chão, entre o monumental e o detalhe. Eles perceberam que o Pantanal é ao mesmo tempo a revoada de milhares de garças e a sucuri pintada que passa tão devagar; a profusão de lagoas formadas pelo baixar das águas e a florzinha do lodo branca, tão delicada, menor que a unha de um dedo mindinho.

Os dois contaram com a ajuda

de um time da melhor qualidade, em que se destacam Egberto Gismondi, autor de uma bela trilha sonora, e o pintor Siron Franco, responsável pela direção de arte. Siron, que sempre fez da pintura um ato de protesto contra a destruição do meio ambiente, trabalhou em estado de graça. A câmera o mostrou em flashes ao longo da viagem, pintando freneticamente, o eterno fone de um walkman no ouvido. Para quem assistiu ao programa e ficou mordido pela curiosidade, informo: dali saía Mozart.

O Balé Stagium e o escritor Carmo Bernardes apareceram em participações especiais, o escritor contando "causos" da região na sua linguagem gostosa de homem do campo, e o balé interpretando, à sua maneira, a coreografia natural dos animais. Sem nenhum deméri-

to para o Stagium, os bichos foram melhores — mas eles costumam ser mesmo insuperáveis. Como observou Manoel de Barros, "o branco e a elegância devem muito às garças".

A presença dos versos deste excelente poeta — que não quis, por timidez, aparecer em carne e osso — foi outro acerto de Washington Novaes. Perdido (ele diria achado) em sua fazenda do Mato Grosso, Manoel de Barros é hoje, sem dúvida, um dos grandes escritores do Brasil. Quase desconhecido, como já é de se esperar num país que sabe perfeitamente o que está acontecendo em Nova Iorque, mas ignora por completo o seu próprio e possante interior.

Programas como Pantanal são passos importantes no caminho do autoconhecimento. Até como prova de que, dispondo dos recursos necessários, nós somos — modestia à parte! — ótimos: comparado com a Amazônia de Jacques Cousteau, que a Globo apresentou na semana passada, o Pantanal de Washington Novaes fez bonito. Em termos de imagem foi certamente melhor.

O diabo é que a gente está tão desacostumada que estranha. Depois de assistir ao programa, o cineasta Silvio Tendler, autor do quarto episódio de *Caminhos da sobrevivência*, ficou boquiaberto:

— Que coisa bonita, impecável! Na televisão, ainda por cima... Parece até que a gente está na Inglaterra.

Mas não está não. A segunda parte de Pantanal só vai ao ar daqui a um mês, dentro da brecha que *Caminhos da sobrevivência*, uma das melhores produções da tevê brasileira, encontrou na programação da Manchete. Ninguém é perfeito.

De mais e de menos

OTTO LARA RESENDE

"Minhocas arejam a terra; poetas, a linguagem." Manoel de Barros

Numa entrevista à televisão, Rubens Gershman disse que há artistas de mais hoje em dia. E não apenas artistas. Há tintas de mais, há material de mais. Qualquer supermercado tem uma seção que vende tudo que é preciso para quem quiser se meter a desenhar ou a pintar. Poucos dias depois, no mesmo programa da TVE, entrevistado por Neila Tavares, o editor Alfredo Machado contou que um escritor de suas relações entende que há escritores de mais no Brasil. A tal ponto que as vocações literárias, longe de ser estimuladas, deviam passar por uma espécie de prova de resistência. Dois anos de lavoura, por exemplo. Os que são mesmo escritores continuariam de qualquer maneira. Os que não são e apenas cultivam uma veleidade, ou um equívoco, logo bateriam em retirada.

Rilke sustentava que se uma coisa é difícil de fazer, a dificuldade é mais uma razão para fazê-la. Isso está dito em suas "Cartas a um jovem poeta". Rilke aconselhava o jovem Kappus a só escrever se de fato lhe fosse imprescindível. Propunha-lhe que fizesse um exame de consciência: morreria se deixasse de escrever? O teste de Rilke tem sido muito citado por poetas e escritores, mas pouquíssimos terão deixado de escrever. Um ou outro, aqui e ali, silenciou, sabe-se lá por quê. Doideira, neurose, bloqueio, ou até bom senso mesmo. No Brasil temos vários exemplos. Mas o silêncio mais famoso no mundo é o de Rimbaud, que provou cedo que era gênio e se mandou para a África. Foi fazer contrabando de armas. Nunca mais piou.

Há exemplos opostos, isto é, gente que calou por anos a fio e depois escreveu. Todos nós que conhecíamos Pedro Nava sabíamos de seu extraordinário talento. E talento para tudo — poetava, proseava, desenhava, pintava, etc. Manuel Bandeira incluiu-o na Antologia dos Poetas Bissexto, na categoria dos que escrevem de raro em raro. Depois de uma longa carreira de médico, pesquisador pioneiro no campo da reumatologia, como há pouco o demonstrou o Dr. Caio Villela Nunes, Nava desandou a escrever e

Um cascalhal pavoroso e raríssimas gemas. Quando apareceu "A Bagaceira", de José Américo, em 1928, ele abriu com desdém aquele livreco provinciano, editado na Paraíba. Chamou-o de patinho feio e logo se encantou a ponto de dar o seu famoso grito: "Romancista ao Norte".

Alvaro Lins que, como Tristão, também abandonou a crítica semanal de rodapé, escreveu que a compensação do crítico, para o tremendo esforço de leitor obrigatório, é a descoberta de um bom livro. A única alegria do crítico, dizia ele, é a revelação de um escritor de verdade. Gustavo Corção, engenheiro e finíssimo prosador, estreou tarde, quase cinquentão, com uma obra-prima — "A Descoberta do Outro". Corção dizia que encontrar um bom poeta equivale a descobrir uma nova estrela. O crítico e o astrônomo têm nisso a sua alegria máxima. Foi como uma nova estrela que ele viu a estréia do poeta Alvaro Pacheco.

Há dias, li uma entrevista de Josué Guimarães em que ele diz que não gosta de participar de concursos literários. Ele próprio é um autor mercedamente premiado. Mas desconfia da lisura dos concursos. Eu também desconfio. E desconfio com suspeitas que têm o seu forte fundamento. Mas passemos. Todo julgamento é precário. O mais honesto julgamento literário é precaríssimo. Antes de sua estréia, Guimarães Rosa mandou "Sagarana" para um concurso que tinha entre os julgadores ninguém menos do que Graciliano Ramos. Pois bem. Rosa perdeu. Ganhou Luis Jardim, que também é escritor de verdade. Graciliano, voto vencido, identificou a força do candidato desconhecido e previu que ele seria mais tarde um grande romancista. Não deu outra. Proust foi recusado pelo editor Gallimard. E recusado por decisão de quem? Do leitor André Gide.

Há tempos, fui jurado de um concurso de contos. Apresentaram-se quase 14 mil candidatos. Alguém de juízo pode admitir que haja 14 mil contistas no Brasil? Um grande contista como Dalton Trevisan não vende uma edição de 14 mil exemplares, o

FILOSÓFICOS de Adélia Prado e Manuel de Barros

JORNAL do BRASIL
domingo, 21/6/92

QUANDO Carlos Drummond de Andrade tecia rasgados elogios aos versos de Cora Coralina, não imaginava que do interior sairia a mais nova vertente da literatura brasileira: a poesia da terra, que agora chega à mídia, às edições e às letras da música popular brasileira. São os netos líricos de Coralina, os filhos poéticos de Adélia Prado e Manuel de Barros que estão mostrando que a poesia brasileira não se faz apenas nas grandes cidades. Os novos poetas ainda são desconhecidos. As edições são alternativas, de circulação minúscula. Os anos



*Cora Coralina (E) .
e Adélia Prado
inspiram os
versos da
poesia da terra*

90, porém, estão arrancando Pedro Terra, Chico dos Bonecos, Ricardo Rezende, Inês Ethne, Paulo Gabriel, Cícero Gomes, Zé das Trovas, Rodolfo Inácio (o Cascão) ou Francisco dos Santos (o Diá) do silêncio que costuma cercar os poetas populares no Brasil.

Não se pode dizer que os poetas da terra sejam grandes. Não se está descobrindo no interior, por enquanto, nenhum Drummond, nenhum Cabral. Os novos fazem uma poesia marcadamente política,

reinvenção rural da dicção de protesto dos anos 70. Têm um vocabulário simplório, uma sintaxe que desafia as regras do português castiço, métrica e rima de gosto popular, repletas de imagens de morte. Para um público urbano, beiram a pieguice. É uma poesia que se faz no difícil aprendizado da sobrevivência, que mistura a cantilena do cordel nordestino com imagens dos cenários alagados pelo Rio Araguaia. Nem todos são originários da região central. Mas, em algum momento, todos passaram pelas lutas camponesas desse interior sem lei.

Esses poetas partilham com Manuel de Barros o fazer poesia da vida pequena que allora do chão; falam de um universo poroso, natureza bruta, onde o humano, o animal, o vegetal e o mineral se interpenetram e a linguagem se impregna de matéria viva. Esses poetas partilham com Adélia Prado a insistência religiosa em fazer da poesia arma para matar um monstro, esse que nos faz incapazes de converter a vida num destino humano. Mas esses Vandrés do Araguaia subvertem o mundo com a vivência da violência dos coronéis e seus capatazes. Abandonam a contemplação poética dessa natureza abismal e transformam a poesia na memória viva de tempos de guerra, num exercício de militância política.

Porém, para além da discussão sobre a qualidade dessa poesia da terra, há o fato de que esses novos poetas estão ganhando uma repercussão inusitada para iniciantes. A leitura desses textos é a prova de que, nas margens da cultura autoritária brasileira, a poesia de protesto ainda sobrevive. A nova poesia de protesto dos anos 90 se revela talvez mais contundente do que a dos anos 70 porque, mais do que protesto, ela é uma forma de se repensar o Brasil dos sem-terra. (M.M.)

...e depois escreveu. Todos nós que conhecíamos Pedro Nava sabíamos de seu extraordinário talento. E talento para tudo — poetava, proseava, desenhava, pintava, etc. Manuel Bandeira incluiu-o na Antologia dos Poetas Bissexto, na categoria dos que escrevem de raro em raro. Depois de uma longa carreira de médico, pesquisador pioneiro no campo da reumatologia, como há pouco o demonstrou o Dr. Caio Villela Nunes, Nava desandou a escrever e deixou a obra monumental que se sabe. Outro médico viveu no interior de Minas quietinho, fez concurso para o Itamaraty e foi servir em silêncio na Alemanha. Perto dos 40 anos, em 1946, apareceu o seu livro de estreia — "Sagarana". Já se vê quem é: João Guimarães Rosa.

O escritor que Alfredo Machado citou, e cujo nome teve a bondade de manter em sigilo, sustenta que no Brasil há concurso literário de mais. Digo logo que estou de acordo. E não apenas com esse escritor amigo do Alfredo. Estou de acordo com o próprio Alfredo e com Rubens Gershman. Há artistas e escritores de mais no Brasil. O Estado não tem que incentivar a vocação literária de ninguém. Com o risco de passar por besta, ou por elitista, que é o xingamento da moda, acrescento que o que há é gente de menos que entende e gosta de arte e literatura. Faltam leitores. Mesmo considerando a taxa de analfabetismo que ainda nos envergonha, o número de leitores — e de compradores de livros — é muito pequeno. Muito menor do que poderia ser. Procure quem quiser fazer um exame, não tão rigoroso como o de Rilke. Uma pesquisa sumária. E veja quantas famílias, das que podem, inclusive as da burguesia, têm o hábito de comprar livros e de manter uma biblioteca em casa.

Já concurso literário é o que não falta. Ainda agora tomei conhecimento da notícia de concursos que se vão realizar nas capitais dos Estados, para revelar todo ano novos romancistas, novos contistas, novos poetas, novos ensaístas. Tristão de Athayde, que fez crítica regular durante anos numa época fecunda, e é considerado o crítico do Modernismo, queixava-se da massa de livros pouco interessantes que era obrigado a ler. Muito joio e pouco trigo.

que ele seria mais tarde um grande romancista. Não deu outra. Proust foi recusado pelo editor Gallimard. E recusado por decisão de quem? Do leitor André Gide.

Há tempos, fui jurado de um concurso de contos. Apresentaram-se quase 14 mil candidatos. Alguém de juízo pode admitir que haja 14 mil contistas no Brasil? Um grande contista como Dalton Trevisan não vende uma edição de 14 mil exemplares, o que é uma pena e demonstra que há leitores de menos. Aproveito para dizer que Dalton está estreando no romance com "A Polaquinha". De primeira ordem. Com raríssimas exceções, as tiragens no Brasil são pequenas. Quem quiser saber a história do livro entre nós leia "O livro no Brasil", de Laurence Halliwell. Saiu este ano. Ortega y Gasset, que leu tudo em várias línguas, queixou-se do excessivo número de livros que se escrevem e se publicam no mundo. Ortega morreu em 1955. De lá para cá, o fenômeno da massificação multiplicou tudo. Até gente há de mais e já se prevê que o mundo vai arrebentar com a explosão demográfica. Livros então, nem se fala. E a coisa vem de longe.

Segundo o Eclesiastes, não há fim de fazer muitos livros. Está, pois, na Bíblia, o livro dos livros. Paulo Rónai informa que a produção em massa de livros começou em 1520, com a vulgarização da tipografia e com a Reforma. Hoje, com o livro de bolso e outros macetes, foi preciso inventar a máquina para "déchi-queter" o encalhe. E como dizem os franceses. O "déchi-queteur" destrói a livralhada, que volta a ser papel. Denunciando "a vasta mediocridade de nosso mundo intelectual ostensivo", Millôr Fernandes sustenta que no Brasil "é muito raro os donos do poder artístico-intelectual descobrirem alguém". Millôr diz isso a propósito de Manoel de Barros — e a meu ver tem razão. Mas a mim me parece também que nenhum valor verdadeiro deixa de encontrar o seu lugar. Luz nenhuma se esconde. Os exemplos são miríades. E insisto: não nos faltam escritores. Nem concursos literários. O que o Brasil reclama é alfabetização. Escola, ensino, instrução. O resto virá por acréscimo.

VASP. Tudo para ter você a bordo.

O DO CINEMA SP

Manoel de Barros, o poeta pantaneiro, agora em filme



Manoel de Barros, o poeta, Eliane Bandeira (produtora executiva), Joel Pizzini (diretor) e o cantor Ney Matogrosso

O poeta sul-mato-grossense Manoel de Barros — um dos maiores criadores literários brasileiros — “deixará” o anonimato que manteve por meio século. Sua obra (oito livros publicados a partir de 1937) vai para as telas no filme do cineasta e jornalista Joel Pizzini Filho, um curtametragem intitulado “O Inviável Anonimato do Caramujo-Flor”. As filmagens previstas para as cidades de Campo Grande, Bonito e Corumbá (todas no Mato Grosso do Sul) e Rio de Janeiro terão lugar também no Interior de São Paulo, num sítio nas redondezas de Itu. Hoje, a cantora e compositora Tetê Espíndola grava as primeiras cenas.

Pizzini escolheu um elenco especial com um referencial comum: artistas que nasceram ou viveram no Mato Grosso. Além de Tetê Espíndola, estarão participando Ney Matogrosso, Aracy Balabanian, Ivan Albuquerque, Ney Latorraca, Almir Sater, Humberto Espíndola e Emmanoel Marinho.

O filme que será uma leitura cinematográfica das obras do escritor vai mostrar o que já foi reconhecido por nomes da literatura e do

jornalismo como Millôr Fernandes, João Antonio, Washington Novaes e Antonio Houaiss. Para eles, Manoel de Barros é um dos maiores escritores e poetas do Brasil. Para Pizzini, também sul-mato-grossense, da cidade de Dourados, trata-se de “fevelar com um certo atraso o itinerário criativo de nosso poeta maior, cuja técnica única de composição tem extrema intimidade com a técnica de montagem cinematográfica”.

O POETA

Manoel Wenceslau Leite de Barros nasceu em 1916, em Cuiabá. Depois de uma breve passagem por Campo Grande, mudou-se para o Rio de Janeiro em 1929, onde cursou Direito a partir de 1934. Manoel de Barros foi marxista ativo de 1935 a 1945, “apenas para contestar”, como ele mesmo diz. Em 1947, foi para Nova Iorque e estudou pintura e cinema, época em que já havia lançado dois livros. Também em NY teve os primeiros contatos com os principais nomes da literatura mundial.

A primeira obra de Barros que chegou ao público foi “Poemas Concebidos sem Pecado”. (1937). Depois vieram “Face Imóvel” (1942); “Poe-

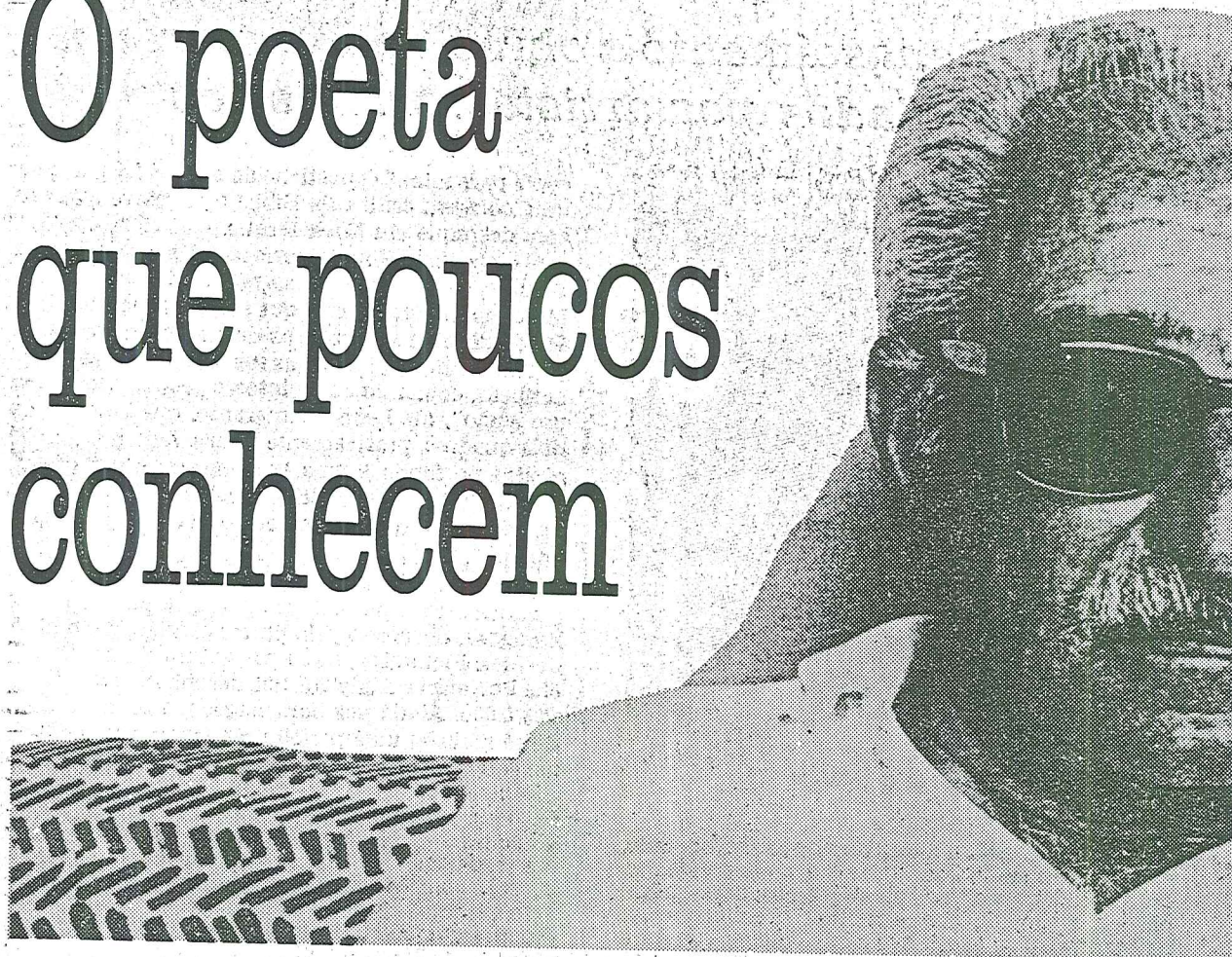
sias” (1956); “Compêndio para o Uso dos Pássaros” (1961); “Gramática Expositiva do Chão” (1969); “Matéria de Poesia” (1974); “Arranjos para Assobio” (1982); e “Livro de Pré-Coisas” (1985). No momento, o poeta conclui “A Arte de Infantilizar Formigas”.

“O Inviável Anonimato do Caramujo-Flor” é um dos quinze projetos selecionados entre duzentos apresentados à Embrafilme em 1986. O filme está orçado em três milhões de cruzados e será viabilizado numa co-produção Pólo MS e Embrafilme com apoio do Governo de Mato Grosso do Sul e do Banco Bamerindus, Sudeco e Projeto Rondon.

O roteiro e direção são de Joel Pizzini; produção, Eliane Bandeira (“A Hora da Estrela” e “País dos Tenentes”); direção de fotografia, Pedro Farkas (“Inocência” e “Cinema Falado”); engenharia de som, Geraldo Ribeiro (“Das Tripas Coração”, “Jango” e “Céu Aberto”); direção de arte, Clóvis Bueno (“Beijo da Mulher Aranha”, “Hora da Estrela” e “Feliz Ano Velho”, inédito).

Edson Silva

O poeta que poucos conhecem



Eva Spitz

QUEM é Manoel de Barros? Acerta quem diz "um dos maiores poetas do país." Sua especialidade: "injetar insani-
dade nos verbos para que transmi-
tam aos nomes, seus delírios." Uma
revelação de 72 anos, com oito li-
vros publicados. Como explicar is-
so?

"Negligência minha. Não tenho
boa convivência com a glória. Acho
que ela me perturbaria. Preciso
muito do escuro", arrisca o poeta. É
que Manoel de Barros nunca fez
parte dos círculos literários. Mas o
que é bom transborda. E em menos
de um ano o poeta já serviu de tema
de filme premiado no último Festi-
val de Cinema de Brasília (O inviá-
vel anonimato do Caramujo Flor) e
assunto de uma reportagem de 15
páginas na revista espanhola El
Paseante, uma das publicações lite-
rárias mais respeitadas da Europa.
Já foi o tempo de anonimato para o
poeta Manoel de Barros, que parte
para o nono livro, O guardador de
águas.

Timidez que encarcera, auto-
suficiência que libera, paixão des-
vairada pela palavra e, sobretudo, a
consciência de que tudo já foi dito.
"Por isso temos que molecar o idio-
ma para que ele não morra de cli-
chês. Subverter a sintaxe até a cas-
tidade", afirma.

Impossível, entretanto, escapar ao
cliché: Manoel de Barros é o maior
poeta vivo do Brasil. Quem disse foi
um poeta dos grandes, Carlos
Drummond de Andrade. E no seu
rastro vieram outros admiradores:
Antonio Houaiss, Millôr Fernandes,
Geraldinho Carneiro. Em priscas
eras, seus poemas foram considera-
dos "doce de côco" por Guimarães
Rosa. O grande público há que se
contentar com a chance de encon-
trar em raras livrarias, como a Dazi-
bao, no Rio (que tem Arranjos para
assobio), alguns dos oito livros já
publicados do poeta e esperar o
lançamento, em janeiro, do nono,
até que ele autorize a Companhia
das Letras a publicar suas obras

completas. Bem que a editora
tentou.

Esbarrar eternamente em pala-
vras como "lesmas", "musgos",
"caracol", "árvores", obstinar-se
em "frinças" e "nas águas", tomar
guaraná em pó ralado pelos índios,
contar histórias do Pantanal, fazem
parte do desvendar do onírico uni-
verso desse poeta. Nele, a idéia de
que "o inconsciente é estruturado
como uma linguagem", como des-
cobriu o psicanalista Jacques La-
can, é translúcida. "As palavras
adocem em mim", escreveu Ma-
noel de Barros como que para pon-
tuar a constatação.

"É preciso que a palavra recolha
você dentro dela. Enquanto ela não
aceitar você totalmente, enquanto
você não for agasalhado, não vai
sentir que conseguiu se expressar,
ela diz a gente", ensina o poeta com
humildade, por trás dos óculos de
lentes escuras, no apartamento em
que mora quando vem ao Rio para
assistir peças e filmes — ultima-
mente gostou da economia de lin-
guagem do cult-filme Stranger
than paradise.

Manoel de Barros se esconde no
Pantanal. Herdeiro de uma fazenda
no Mato Grosso do Sul, ele tem sido
um bom administrador de seus
bens, e um discuti-vel promotor de
si mesmo. Profundamente tímido,
avesso, por isso, a entrevistas, ele é
dos que precisam ser descobertos.
E quando isso acontece, dá-se o
assombro. Como aconteceu com
Millôr Fernandes, a pedido do ami-
go Antonio Houaiss, aceitou a enco-
menda da capa do livro de Manoel
de Barros, Arranjos para assobio,
coisa que não gosta de fazer habi-
tualmente. Ficou impressionado
com a qualidade dos poemas. A
ponto de usar, na sessão que man-
teve durante anos na revista Veja,
um poema de Manoel de Barros.
Millôr repetiu o gesto de pura admi-
ração pelo poeta no JORNAL DO
BRASIL. Ficou impressionado com
o número de cartas de leitores inte-
ressados em conhecer os poemas de
Manoel de Barros.

"Eu quis comparar a poesia de

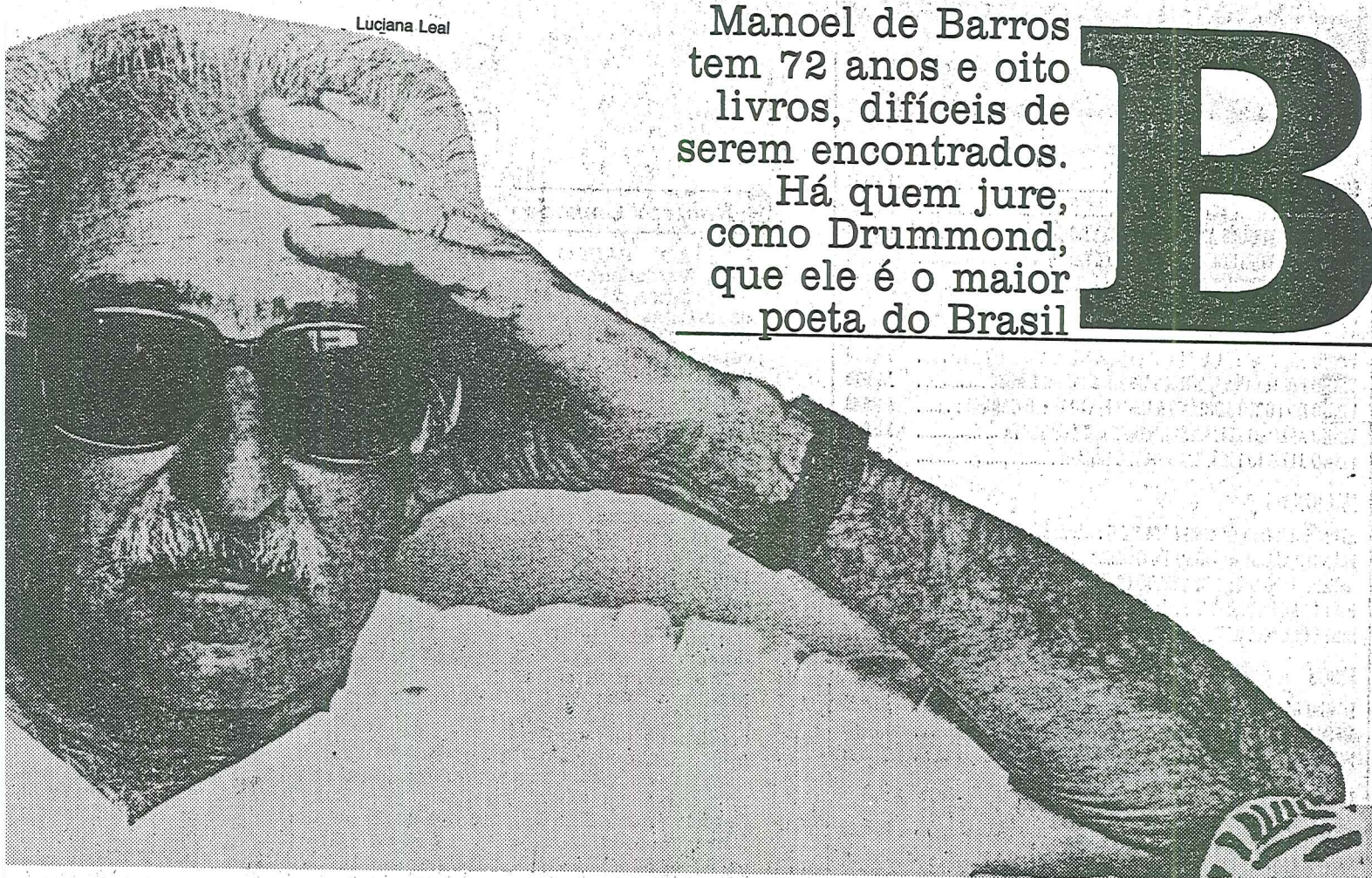


**“O que é
surpreendente
nele é a
instabilidade
semântica
extremamente
original que ele é
capaz de criar”**

Geraldinho Carneiro

No seu Glossário — que
inspirou Geraldinho
Carneiro a fazer o seu Pan-
glossário —, Manoel de Bar-
ros explicita sua relação com
as palavras. Trata-se de um
Glossário de Transnomina-
ções em que não se explicam
algumas delas (nenhumas)
ou menos, incluído no livro
Arranjos para assobio, de
1982.

Poeta, s. m. e f.
Indivíduo que enxerga se-
mente germinar e engole
céu(...)



Manoel de Barros tem 72 anos e oito livros, difíceis de serem encontrados. Há quem jure, como Drummond, que ele é o maior poeta do Brasil

B



“Recebo a poesia de Manoel de Barros em estado de graça, me comprazo com ela e, graças a ela, com o mundo”
Antonio Houaiss

“O que é surpreendente nele é a instabilidade semântica extremamente original que ele é capaz de criar”
Geraldinho Carneiro



seu Glossário — que inspirou Geraldinho a fazer o seu Pantano — Manoel de Barros ilustra sua relação com as palavras. Trata-se de um rio de Transnominado que não se explicam as delas (nenhumas) nos, incluído no livro os para assobio, de

s. m. e f.
íduo que enxerga se-
germinar e engole

Cisco, san.
Pessoa esbarrada em raiz
de parede
Qualquer indivíduo ade-
quado à lata.
Quem ouve zoadas de bre-
nha. Chamou-se de O cisco
de Deus a São Francisco de
Assis
Diz-se também de homem
numa sarjeta.
Lesma, s. f.
Semente molhada de cara-
col que se arrasta sobre as
pedras deixando um cami-
nho de gosma. (...)”

alto nível de Manoel de Barros com o bestialógico formalista que existe por aí”, explica Millôr, que não se espanta com o fato de Nequinho (apelido do poeta) passar tanto tempo desconhecido do público “Para cada pessoa que aparece brilhando, dez ou mais com igual ou mais valor jamais apareceram ou aparecerão, isso em todos os campos”, diz Millôr.

El Paseante, por exemplo, foi achá-lo no Pantanal matogrossense. Lá ele passa a primeira parte do dia cuidando de fazer poemas, preenchendo cadernos e mais cadernos de anotações e pesquisas de palavras. A tarde, administra a fazenda de gado que herdou do pai.

Escreveu o poeta, certa vez: “Vou mais com o som áspero das cigarras do que com as melodias celestiais. Entre o ordinário e o insigne, prefiro o ordinário. Gosto dos de louco de água e estandarte.”

“O que é surpreendente em Manoel de Barros é a instabilidade semântica extremamente original que ele é capaz de criar”, diz dele outro poeta, Geraldinho Carneiro, que dedica a segunda parte do seu Pic nic em Xanadu, detentor recente do Prêmio Lei Sarney (destaque literário), ao poeta. “Desde João Guimarães Rosa não surge um escritor que perturbe tanto a língua do ponto de vista semântico” acrescenta.

Autor da apresentação de Arranjos para assobio, o filólogo Antonio Houaiss chega a homenageá-lo em texto emocionado. Acompanha a poesia de Manoel de Barros humildemente. Recebo-a como se em estado de graça, me comprazo com ela e — por instantes graças a ela — me comprazo com o mundo e até comigo”. Tímido, ele mantém relações epistolares com seus admiradores.

“Noventa por cento do que escrevo é invenção. Mas eu garanto que dez por cento é mentira”, brinca Manoel de Barros, quando é instado a revelar como foi o seu encontro com Guimarães Rosa, quando o grande escritor mineiro esteve no

Pantanal matogrossense, nos anos 50. A versão desse encontro, Manoel escreveu para uma revista literária de Brasília, a Bric a Brac, que mantém com ele uma espécie de correspondência literária, uma vez que o poeta é avesso a entrevistas. “Palavra é uma coisa que escrevo e canto”.

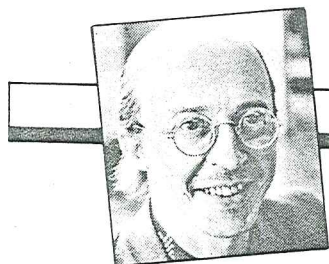
Manoel de Barros é original até em história de vida. Ao contrário da maior parte das pessoas, ele garante que seus melhores anos foram os que passou internado em colégios católicos, no Rio, sem ver pai e mãe, só livros.

Nesse período Nequinho leu muito a obra do padre Antônio Vieira, Camilo Castelo Branco, enfim, os clássicos portugueses, destacando-se Camões. Nossa Senhora da minha escuridão foi o primeiro livro a escrever. Nele já manifestava uma vontade de subverter a linguagem, “de adotar uma sintaxe libertina”, de insubordinar-se:

“Sempre achei que, para que saia alguma coisa nova, é preciso que a gente escreva com volúpia pela liberdade”, diz. Manoel de Barros acha que o choque de sair do interior do Mato Grosso para viver no Rio de Janeiro — “o bicho do mato que recebe banho de civilização” — produziu o que ele chama de “desencontro favorável” à sua poesia.

Ler Rimbaud e depois Baudelaire ajudou-o a transgredir os sentidos. A ponto de o editor Enio Silveira compará-lo ao mestre da transmusica Eric Satie, especialmente na maneira de titular seus trabalhos). O livro das pré coisas, Poemas concebidos sem pecado, Arranjos para assobio, Compêndio para uso dos pássaros e agora esse Guardador de águas são títulos tão inusitados quanto Trechos sob a forma de pera, de Satie. E é como um compositor que Manoel de Barros escreve: “Poesia não é para compreender, é para incorporar. Entender é parede. Procure ser uma árvore.”

Para bom entendedor, três versos bastam.



Manoel de Barros: poetíssimo!

Manoel de Barros, "pessoa saudavelmente insana de poesia" (p. 26), é um caso raro de estado de graça. Emprego a palavra "graça" no sentido de intercambiabilidade, de co + respondência, atribuído por Jacques Guillet no "Vocabulário de Teologia Bíblica", p. 386, 2ª col. (Editora Vozes Ltda., Petrópolis, RJ, 1972), ou seja, "para designar ao mesmo tempo a fonte do dom naquele que dá e o efeito do dom naquele que recebe". Mas não se preocupe o leitor: está fechada, aqui, qualquer discussão em torno das velhas e revelhas questões sobre a inspiração e a transpiração. Afinal de contas, cada criador sabe, melhor do que ninguém, se procurou ou se foi procurado, ou se. O que me interessa,

"Arranjos para assobio", poesia, de Manoel de Barros. Coleção Poesia Hoje, vol. 62. Capa: Millôr Fernandes. Orelha: Ênio Silveira. Apresentação: Antônio Houaiss. Civilização Brasileira/Mafra Produções Gráficas Ltda., Rio de Janeiro, 1982. 61 pp.

nesta resenha: assinalar a extraordinária qualidade da comunicação elaborada pelo receptor dessa graça, o seu notável nível poético. Que assobiem os anjos e os demônios da insubmissão, da rebel- dia forjadora de coisas novas e belas a partir do simples. Embora não contenha a mínima partícula desesperante e nem se ouça nenhum grito (ao contrário, todos os poemas se espriam numa espantosa placidez), "Arranjos para assobio" surge com a necessária força da revolta. Re + volta, ou o enfoque "olhoso" (p. 17) de tudo o que se acha torcido, dobrado, retorto, curvo para baixo e se movimentando de baixo para cima, "caminho- so" (p. 15). Os versos, freqüentes vezes alongados, são fotogramas de um Dziga Vertov que reencarnou, com algum espanto, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Ao dirigir as lentes de sua câmara para as esquinas da vida, rente ao solo, ele amplia, na afirmativa de Osip Brik, a extensão que ordinariamente abarca o olho humano ("Kino: Historia del film ruso y soviético", de Jay Leyda, p. 215. Editorial Universitaria de Buenos Aires, Argentina, 1965), a fim de obter o reflexo da realidade.

Porque o olho "é uma coisa que participa o silêncio dos outros" (p. 40), Manoel de Barros explora o que o chão lhe ensina: "A partir do inominado/e do insignificante/é que eu canto" (p. 30). Assim, nesse inegável e natural centro de existência, nada escapa ao olhar comungente dessa pofesis cinematográfica: aranhas, ralo de bueiro e menino obrando atrás de Cuiabá; caracóis, besouros e pedras; árvores, sapos e cestas de roupas sujas; lama, formigueiro

e pássaros; raízes, musgos e paredes; monturos, folhas e lagartixas; sarjetas, moscas e galos; ervas rasteiras, muros e caramujos... De posse do "roteiro do luar com o mapa da mina" (p. 21) dos reinos vegetal, mineral e animal, nas "fendas do insignificante ele procura grãos de sol" (p. 28), ouvindo "com a boca no chão seus rumores/dormidos" (p. 37). Daí, nessa topografia de fundo de quintal e adjacências do mundaréu, esbarrado "em raiz de parede" (p. 35), o poeta "habita os próprios desvãos" (p. 38), "experimenta a lascívia do ínfimo" (p. 36), "enxerga semente germinar e engole céu" (p. 37). Suficientemente apodrecido "para a poesia" (p. 30), nos "resíduos das primeiras falas" ele cisca o seu verso (id.). Tal e qual o galo do fabulista Krylov ("Ciscando num monte de lixo, / Um galo encontrou uma pérola..."), Manoel de Barros também localiza "grãos de sol", ou o que os seus versos encerram de invenção (p. 38). Eis um exemplar ("O pulo", p. 60) da "réstia espantada que sai pelas frinchas de um homem" (p. 35), trazendo o "visgo tátil do canto" (p. 52):

"Estrela foi se arrastando no chão deu no sapo
sapo ficou teso de flor!
e pulou o silêncio"

O modo com que o autor de "Arranjos para assobio" atua no plano do real, através da integração do seu cosmo na pequenez e na grandeza dos outros seres, configura a possibilidade de limpar as portas da percepção e revelar a infinitude do homem. Discorrendo acerca do efeito da mes-calina, em histórica experiência a que se submeteu, comentou Aldous Huxley ("As Portas da Percepção e O Céu e o Inferno", p. 10) que consumiu minutos ou vários séculos não apenas admirando os pés de bambu de uma cadeira, "mas em verdade sendo-os, ou melhor, sentindo-me neles" (6ª ed., Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1971). Que isto se alcance por meio do sono hipnótico, ou de drogas,

ou do sonho, ou do transe, ou da santidade, convém registrar, inobstante constitua matéria pedindo estudo em separado. O que cabe abordar nesta recensão é a *feitura*, o tratamento, a notação literária desse "ver o mundo exterior transfigurado" aludido por Huxley (*op. cit.*, p. 69), conferindo a sublinhada reflexão do real no *plano estético*. Para tanto, devo me circunscrever à primeira parte do título da obra: tratar da natureza dos arranjos e não dos arranjos da natureza, cuidar das versões e não do original, pois na linguagem da música o arranjo consiste na *versão diferente* da original.

O barrismo, para me valer do vocábulo inaugurado por, Antonio Houaiss (p. 11), ou descida coexistente ao comum das criaturas logrando acesso ao subsolo do homem, na busca de uma identificação substancial, enseja a lembrança de Joan Miró, por um somatório de fatores. Efetivamente, Jacques Dupin observou ("Miró", 1ª ed., Editorial Hermes, S.A., México-Buenos Aires/Unesco/Amilcare Pizzi S.p.A., Milão, 1967) não se lhe poder comparar com nenhum outro pintor, "a tal ponto sua escritura é pessoal, vigorosa e expressiva" (p. 18), destacando no artista catalão um humor, um frescor, uma nova liberdade e um potencial emblemático ou simbólico (p. 11) que detecto no vate sul-mato-grossense, respeitados os seus diferentes códigos. Nele, "a alegria e um certo encanto feérico constituem a nota dominante", na óptica de Gaëtan Picon ("Pintura Moderna", p. 129. Editorial Verbo, Lisboa-São Paulo, 1981), o que se ajusta a Manoel de Barros: o seu amargor é exceção, e transparece em trabalhos isolados (pp. 15 e 58, principalmente). Aliás, sem nenhum exagero polissêmico ou lapso semântico, Raymond Queneau publicou um ensaio intitulado "Joan Miró ou le poète préhistorique" (Skira, Genebra, 1949). Poesia pictórica/pintura poética, na distinção de Jean Cocteau. Depreendo, em ambos, assemelhada *claridade* na composição, à base de um *mínimum* de "coisinhas" (p. 25), canalizando simplezas estonteantes e formas rudimentares aos seus repertórios de sinais. Frank Elgar ("Dicionário da Pintura Moderna", p. 220. Edimax, s. 1., 1967) ressaltou em Miró a fala da língua que esqueceu, mas cuja nostalgia conserva.

O sonho e a averbalidade. Nessa praia de ninguém predominam as imagens visuais, com "situações pictóricas" semelhantes às do *discurso poético*, conforme enxergou Freud ("Sobre os Sonhos", Obras Psicológicas Completas, vol. V, p. 698. 1ª ed., Imago Editora Ltda., Rio de Janeiro, 1972). Se o característico de averbal da tessitura onírica deságua nas imagens plásticas — substituidoras dos conteúdos conceituais —, infere-se que o sonho é um discurso significativo redigido metaforicamente. E mais: que o verda-

deiro poema vem a ser o *duplo* desse universo. Decifrando-o, Manoel de Barros informou as suas produções com as palavras que as imagens do sonho plasticizam, para cifrá-lo de novo. Uma amostra ("Sabia com trevas", I, p. 15):

"Caminhoso em meu pântano,
dou num taquaral de pássaros

Um homem que estudava formigas e tendia para pedras,
me disse no ÚLTIMO DOMICÍLIO
CONHECIDO: Só me preocupo com as coisas
inúteis

Sua língua era um depósito de sombras retorcidas, com
versos cobertos de hera e sarjetas que abriam asas
sobre nós

O homem estava parado mil anos nesse lugar sem
orelhas"

Longe das aparatosas milagrosidades formais, "Arranjos para assobio" implode conteudisticamente, à margem das estilizações inanes e fora das fôrmas mirabolantes. Basta-lhe o mérito de mapear os lugares (in)comuns palmilhados pelo poeta, servindo de proclama dos seus achados. Re + voltar-se, ou o caminhar na direção contrária, "de olhos ajoelhados" (p. 17), subverte, felizmente, a ordem estabelecida. Manipulando "palavras imagens cores sons etc." (p. 35) com a incensura típica das "crianças pessoas esquisitas loucos e bêbados" (id.), ele construiu e armou os objetos lúdicos expostos na coletânea. Inutensílios da máxima utilidade *contra* a doxa. O único aspecto negativo e vulnerável reside no uso de comparativos. Curiosamente, o erro de impressão, no índice, relativo ao "glossário de transnomações em que não se explicam algumas delas (nenhumas) ou menos", acerta uma recriação: as *transnomações* são minas, minações e/ou transminas dentro dos nomes. Creio que doravante mágicos e prestidigitadores fingirão a autoria desse livro.

Manoel de Barros, sem bairrismo

■ Apesar da tentação constante, procuro sempre não falar do nosso grande - e bota grande nisso - poeta.

Por um lado para não caracterizar bairrismo, pelo outro para não parecer "se mostração".

Espremido entre estes dois dilemas, sigo rabiscando estas crônicas. O que é uma pena, pois a vida do Manoel tem passagens lindíssimas, de dar água na boca em qualquer cronista.

Perdoem-me os que acharem que cometo um dos delitos acima (ou os dois, quem sabe), mas desta vez posso deixar passar em branco este episódio.

Tudo começou em dezembro de 1993, dia 31, quando o articulista da Folha de S. Paulo, Marcelo Coelho escreveu um artigo (crítica?) intitulado: "Barros tem sabor artificial de caipira". No subtítulo continuava: "O talento do poeta é fazer passar uma originalidade autocomplacente por "qualidade literária"".

No texto, longo por sinal, ele continua:

"Minha vontade é dizer simplesmente: Manoel de Barros é uma fraude, um conto-do-vigário. O leitor tropeça em cada página com tolices, com ridículos, com falsidades e pretensões".

"Deus do céu. Vá ser "Poééta" assim em outro lugar..." A tentação persiste, atrás das dicções populares: "há réstias de dor em teus cantos, poeta, como um arbusto sobre ruínas tem mil gretas esperando chuvas..." Pior ainda: "A aranha que urde sua doce alfombra nas orvalhadas vaginas das violetas".

Isso é mais do que kitsch. É amadorístico, no sentido em que um sujeito claramente se engana ao achar "lindo" o que escreveu.

Satisfeito com esses achados, Manoel de Barros articula uma teoria do "poético". E aqui entramos na segunda consequência de seus acertos: o autor sente-se "Poeta", com P maiúsculo. Há todo um jogo entre sua despreensão falsamente "popular" (apelo aos loucos e mendigos, elogios dos dementes de Corumbá), e

o imenso narcisismo com que se dispõe a dar "lições de poesia" ao leitor desavisado. Sob o pretexto de fazer exercícios de metalinguagem".

E por aí segue, contrariando tudo o que todos os intelectuais do País já disseram.

Incoerente afirma:

"O pior é que Manoel de Barros é de fato um poeta. Trata-se de um escritor capaz de grandes inspirações, de admirável feitos da sensibilidade. Só que se estraga a si mesmo".

Algumas vezes, ele nos surpreende com versos cheios de mistério. Impossível não se render a Manoel de Barros quando ele fala, por exemplo, de "algumas reses, deitadas na aba do mato". Há uma despreensão, um "silêncio", um cuidado admirável nessa fase. É também "mágico", pelo poder de simples descoberta, um verso como "escurecer acende os vaga-lumes".

No meio de um poema, aparece esta imagem feliz. "A gente é rascunho de pássaro". Em outro texto,

Manoel de Barros explica seu intento como escritor: "Ficar parado diante de uma coisa/até sê-la". E não deixa de ser bonito, ou inventivo, dizer que uma lagarta sente "precisão de escuros para seu desmusgo".

Pena que o espaço não seja suficiente para publicar na íntegra o artigo. É muita baboseira reunida num só lugar.

Mas, enfim, é um direito que lhe cabe criticar, pois "A crítica é fácil e a arte é difícil", como já dizia Des-touches, em 1726.

Penso que este moço deve ter sido incomodado pela unanimidade do poeta junto a intelectualidade nacional e mundial e resolveu torpedeá-lo, só ser diferente.

Quatro anos e meio depois, na coluna Ombudsman, da Folha de S. Paulo do último domingo, sob o título "Os críticos se explicam", o sr. Marcelo Coelho se explica:

"Me arrependo do que escrevi sobre Manoel de Barros. Saiu com uma estridência maior do que eu esperava".

196
"Saturação" do verde que segue...

Sequência 18:

(parceria com o videotexto)

...Com o verde obtido na "viragem" ou "saturação", Tetê Espíndola, o ator/poeta e o videotexto compõem uma parceria.

...videotexto (com uma foto computadorizada do poeta) diz no painel:
- faz miséria

...A câmera nesse instante enquadra apenas o painel do videotexto:
- "Agora eu peço desculpa, estou arrumado para pedra."

Sequência 19:

Cenário: Um "Ferro-Velho" abandonado com mato crescido entre as ferragens. Atmosfera enferrujada. A câmera esta colocada rente ao solo e filma para cima. Vê-se um garotinho de óculos (caracterização do poeta-criança), vestido de colegial de pé sobre um carro antigo. Sem respeitar vírgulas, declama:

- "Os caramujos-flores são um ramo / de caramujos que só saem de noite para passear / De preferência procuram paredes sujas onde se pregam e se pastam / Não sabemos ao certo, aliás, se pastam eles essas paredes ou se são por elas pastados / Provavelmente se compensem..." (com o livro "Arranjos para Assobio" na mão)

...Em panorâmica, a câmera, achando logo adiante, o ator/poeta catando matéria para sua poesia. Dentro de uma pá carregadeira desbotada, ele, a meio corpo, pega seus "eus perdidos e ofendidos"-simbolizados por peças e objetos.

Off: Tetê - "A palavra"

...

...Off. ator: "inclusive música".

...tema de Arrigo Barnabé (curtíssimo)

...! Le Píège de Meduse' de Erik Satie (variações)

guntas incômodas, que invadem:

Off: que você faz em favor da poesia? (voz/real de M. de Barros) -
-Esfregar pedras na paisagem. Esconder-se por trás das palavras para mostrar-se...

*Qual é o seu processo de criação? (tom clichê)

-Como quem lava roupa suja no tanque dando porrada nas palavras. A espuma que restou no ralo vai / ser boa para o começo...

*Difícil entender sua poesia. (certa ironia)

-Poesia não é para compreender mas para incorporar. Entender é parede. Procure ser uma árvore.

*Qual é a função social / da poesia? Da sua? (ceticismo na indagação)

-"Os governos mais sábios deveriam contratar os poetas para restituírem a v/ virgindade às palavras. Só o poeta pode salvar o idioma da esclerose!...

...À medida em que a resposta chega ao fim, começa a ser revelado o ator, que sob impacto das luzes dos "flashes", aparece em posição fetal de / costas para a câmera. Ele está acuado, em cima da cadeira de frente sua escrivaninha. Por / um momento, nota-se que ele / está vestido de "São Francisco de Assis".

Sequência 15:

Close de uma cuia de tere-ré, enquadrando a água que é despejada na erva, o movimento da 'bomba' e o barulho de quem

...Acordes de Satie...

105

com o ator/poeta que se abaixa para apanhar uma foto do "Pierrot" de Picasso (o ator está / vestido igual ao Pierrô). Em seguida ele encontra no chão, como uma pista, 2 reproduções fotográficas de motivos de Mi-ró e Paul Klee. O ator/poeta/ chega assim à boca de uma gruta. Vestido agora com adere- ços de pássaro ("rascunho de pássaro") ele entra instintiva- mente no buraco. Corta para o interior da Gruta do Lago A- zul (Bonito-MS), com a câmera enquadrando a entrada. Sensa- ção de uma cratera iluminada com o vulto do poeta que des- ce, rastejando...

...Ao alcançar o coração da gruta, o ator/poeta cruza com o Manoel de Barros/real de / volta à superfície. Eles não se vêem...

Sequência 13:

"Flashes" do ator/poeta 'ro- çando' oclôdo, musgo, limo com / os pés e as mãos. Deitado nas águas transparentes dos rios / de Bonito. Em mimetismo com a vegetação:

(legenda corre na tela):

- "Caramujo é ficar parado dian- te de uma coisa até sê-la".

A câmera descobre o caramu- jo, e do ponto de vista dele, o ator/poeta confessa:

- "Eu te amo!".

Sequência 14:

Bichos fogem assustados. Le- vantam vôo, rastejam apressada- mente. Jacarés mergulham preo- cupados. Reagem enfim às per /

...sons extraídos da ba- tida de pedaços de esta- lactites na parede da / Gruta.

Off: "Estou apto a tra- po ! (voz do ator com es- cos contínuos)...

...frases vocais de Tetê imitando passarinhos...

...sons de pirilampos...

...Na medida em que manipula o material, lança-o do alto / para o chão. Primeiro um chapeu côco e uma bengala (Cha-plin), depois - livro de Fernando Pessoa, Rimbaud, cartaz de "Un Chien Andaluz" (Bunuel); um crucifixo; etc...

...Por fim, um papagaio que tudo assistia, pousado nas / velharias, repete:

- "Sabiá com trevas, sabiá com trrrevas..."

Sequência 20:

Seguindo a "gosma" do cara mujo, cabe a câmera/olho re-gistrar a intimidade dos pe-quenos seres - os insetos - / que na percepção de Manoel de Barros, "são aqueles a quem De-us gratificou com a sensuali-dade...". PPPs.

Sequência 21:

Noturna. "Vagalumes driblam a treva...". Insetos seduzidos pela luz, circulam por um velho lampião que, ao anoitecer, é conduzido pelo ator/poeta, aqui não identificado.

Sequência 22:

Corta. Ao amanhecer, um espe-lho bóia no brejo com o reflexo do rosto de Manoel de Barros. Há insetos pelas imediações. No contra-plano percebe-se um garotinho pantaneiro que corre p/se / esconder no mato. Planos fixos de árvores, bichos e do ator/poeta/ (traje de universitário) que ob-servam...

...Off: continua o poema declamado pelo garoto..

...(dublado por Tetê Es-píndola)...

..."Jaguardarte/Galadriel"
de Arrigo Barnabé/Tetê (ins-trumental no piano)

...continua "Jaguardarte" c/ inserção de ambiente...

168

A IDENTIDADE ENTRE MANOEL DE BARROS, NEY MATO GROSSO
E TETÊ ESPÍNDOLA

Manoel de Barros, Tetê Espíndola e Ney Matogrosso são três artistas com muita coisa em comum. Tetê Espíndola é também compositora e o poeta é (porque não poderia deixar de ser) cantor. A coincidência de alma e voz entre eles talvez indique que estamos diante dos verdadeiros intérpretes da alma e voz sul-mato-grossenses. Seja como for, não há dúvida que ambos provém / da mesma raiz. Como Manoel de Barros escreveu bem antes de Tetê ter começado a cantar, deveríamos dizer que ele é o precursor dela; tudo bem, mas como Tetê canta com a garganta (a música do poeta é verbal), ela vive na realidade da canção aquilo que antes fora apenas "enunciado", sendo, além de herdeira provável, responsável por uma realização que dá outro alcance à obra escrita do poeta.



Manoel de Barros é aquele poeta que escreveu que os homens são rascunho de pássaro e, que, enquanto não retornarem à natureza, serão seres inacabados. A partir do reconhecimento da 'finitude' da existência normal, o poeta passa a propor a 'metamorfose' como / 'saída': o homem, além de pássaro, será pedreiro, árvore, etc. Enfim, é a utopia da reconciliação do homem com a natureza. Tetê usa esse mito para explicar ~~sua~~ a sua maneira de / cantar: segundo ela aprendeu a cantar ouvindo os pássaros da Chapada dos Guimarães. Ela poderia ter dito, parafraseando Manoel de Bar -

5-11-91
B. Horizonte

Manoel de Barros

ANDRÉ PESTANA

A poesia de Manoel de Barros é um verdadeiro diálogo. O poeta dialoga com os opostos, com todos os elementos e até cria um quinto elemento, um elemento conciliador, que une o fogo e a água, numa síntese surpreendente. Manoel de Barros é, assim, um poeta cósmico.

Como Murilo Mendes, ele é um bicho de seda, quer dizer, retira tudo de dentro de si mesmo. Há nele uma endogenia, já notada pela crítica. Seu poder está em arrancar de cada coisa uma significação secreta, original.

"Olhar com ternura a criação e ver-se pago de tudo"... Está no longo poema Olhos Parados, que dedicou ao diplomata Mário Calábria. É uma meditação sobre a vida total, o abandono, a entrega, a luminosidade presente em tudo, em cada instante da vida de nosso poeta.

"Gostar de ver as coisas todas"... "Agradecer a Deus, que a gente ainda não sabe amar direito, a harmonia que a gente sente, vê e ouve"... Até parece São Francisco de Assis, o mais lírico, o mais puro franciscanismo. "Olhar para as coisas mais pequenas, e descobrir em todas uma razão de beleza"...

"Ó Deus, amparai-me. Os limites me transpõem". Ele está para a poesia como Guimarães Rosa está para a prosa, como observou muito bem Berta Waldman, na sua introdução à Gramática Expositiva do Chão, livro que reúne a poesia quase completa de Manoel de Barros.

A obra reunida, lançada agora pela Civilização Brasileira, é um dos mais importantes acontecimentos literários do Brasil. No ápice da poesia brasileira de hoje, estão estes quatro nomes — Manoel de Barros, Mário Quintana, Abgar Renault, Dante Milano.

"Senhor, ajudai-nos a construir a nossa casa com janelas de aurora e árvores no quintal", pede ele no poema Pedido quase uma prece, que bem podia ser de um Jorge de Lima. Manoel de Barros é um irmão de Raul Bopp, com a sua Cobra Norato, Mário de Andrade, com Macunaíma, Cassiano Ricardo, com Martin Cererê. E até Drummond com o seu lirismo despojado.

A sua poesia é uma poesia ao rés do chão. Uma poesia de um hiper-realismo que só os poetas sabem ter. "Não sou biografável. Ou talvez seja. Em três linhas. Nascei na beira do rio Corumbá. Passei a vida fazendo coisas inúteis. Aguardo um recolhimento de conchas. E que seja sem dor"...

É um heraclítico. E cita ex-

pressamente Heráclito, numa epígrafe do seu Livro de Pré-Coisas — "Tudo, pois, que rasteja, partilha da terra". Uma epígrafe poderosíssima. Já Manuel Cavalcanti Proença notara que há um erotismo criador genésico, na poesia de Manoel de Barros. E Lúcia Castelo Branco se referiu aos elementos úmidos, coleantes, viscosos, numa incorporação do ambíguo, do descentrado, ou difuso.

Manoel de Barros influencia a nova geração de poetas. E basta citar o nome de Geraldinho Carneiro. Esse grande poeta, que se esconde lá no Mato Grosso do Sul, cercado pela floresta, pelo silêncio, pela solidão, pelas águas, íntimo dos bichos, íntimo de Deus, é uma natureza tímida e detesta os rumores da glória.

Desde o primeiro livro, editado em 1937, Poemas Concebidos sem pecado, Manoel de Barros vive a aventura de ser poeta, de buscar o silêncio que se disfarça na palavra, de respirar cada verso como se fosse uma rajada de eternidade. Alquimia de chão e céu, de simplicidade e sutileza.

A força telúrica de Guimarães Rosa está na poesia de Manoel de Barros. A fraternura, de que falou o autor de Grande Sertão: Veredas, que nos deixou um livro inédito de poemas, Magma. Sua poesia é feita com o corpo. Isto é, com a sensibilidade.

O fazedor de inutensílios

Íntimo das palavras, Manoel de Barros despe-as sem medo, buscando seu significado original ou emprestando a elas novo sentido. Tira-as para dançar, com toda a delicadeza. E seqüestra-as das casas dos pais, com todo o respeito. Invade suas janelas à noite. Descasca-as. Toda essa aventura com as palavras rendeu ao mato-grossense pantaneiro um pequeno e fiel círculo de leitores. Entre eles Carlos Drummond de Andrade, que colocou Manoel de Barros no pedestal de maior poeta vivo do Brasil. Pronto, está aí um departamento do qual o tímido poeta prefere encaramujar-se. Palavras, tudo bem, é o seu habitat. Mas fama, pessoas, admiradores, ora, para isso ele não tem jeito não. De jeito maneira. E assim, mais de cinquenta anos depois de *Poemas Concebidos sem Pecado*, Manoel de Barros segue seu destino de eterno escritor a ser descoberto pelo público. Está certo que ele é conhecido e respeitado nos meios literários. É elogiado por Millôr Fernandes e Antônio Houaiss. Com a edição de seu *Gramática Expositiva do Chão (Poesia Quase Toda)*, no ano passado, começou uma trajetória em direção à fama. A passo de lesma, mas vá lá.

No pequeno escritório em sua casa de Campo Grande, Manoel de Barros está pouco ligando para a fama. Passa os dias a preencher em letra miúda, a lápis, pequenos caderninhos dos quais destila depois preciosidades como:

"Poeta, s.m. e f."

Indivíduo que enxerga semente germinar e engole céu/ Espécie de vazadouro para contradições/ Sabiá com trevas/ Sujeito inviolável: aberto aos desentendimentos como um rosto"

Ele não só acredita como proclama que "bicho acostumado na toca encega com estrela". Com Paul Klee, no início dos anos

60, aprendeu a buscar formas ingênuas, sem vícios. E passou um bom tempo utilizando-se da gramática tatibitate de seu filho João, então bem pequeno. Deu ao livro o título de *Compêndio para Uso dos Pássaros*. Recebeu cartas de criadores de sabiás pedindo informações sobre alpistes. Manoel riu muito com isso tudo. E continuou a pregar a inutilidade e a enxergar o belo no desimportante: "Todas as coisas cujos valores podem ser disputados no cuspe a distância servem para a poesia", sentenciou em 1974. "Tudo que explique o alicate cremoso e o lodo das estrelas serve de mais da conta." Entre besouros, lesmas, caramujos, líquenes, frestas de parede e o que mais pudes-

se ser desprezado, Manoel de Barros encontrou motivo para sua poesia. Em 1982 foi taxativo ao incluir entre os bens do poeta um fazedor de inutensílios, uma teologia do traste, um parafuso de veludo e, importante, um lado primavera. Na mesma época sentenciou:

"Poesia não é para compreender, mas para incorporar/ Entender é parede: procure ser uma árvore"

O próprio Manoel de Barros já disse que não é biografável. Entendê-lo? Só lendo sua poesia. Há dois meses, quando terminava a re-

visão de *Concerto a Céu Aberto para Solos de Ave*, seu próximo livro, a sair pela Editora Civilização Brasileira, no mês que vem, Manoel de Barros aceitou o convite de *Veja Centro-Oeste* para escrever um texto sobre o homem pantaneiro. "Engastei umas frases poéticas numa prosa cambaia", concluiu o sempre modesto Manoel. "É coisa meio edênica esse pantanal, por isso nele os homens são continuação da natureza", explica. O texto publicado a partir da página 6 comprova que "Minhocas arejam a terra; poetas, a linguagem", como diz o próprio Manoel. Nele o chão exuberava.

CACO DE PAULA



Manoel de Barros: cuspe a distância

Brasília

Lenise Pinheiro abre no Instituto Goethe a individual de fotos *Cena Muda*, que registra momentos de espetáculos teatrais de 1990 a 1991. Pág. 16

Shows

O Projeto Sarau, que acontece no Teatro Nacional de Brasília, apresenta uma série de espetáculos de música popular, com chorinho, seresta, samba e até blues. Pág. 27

Para as Crianças

O espetáculo infantil *A Casa do Bode*, de J. Carlos Lisboa, inspirado na lenda da onça e do bode do folclore brasileiro, é o cartaz do Teatro da Caixa, em Brasília. Pág. 27

Campo Grande

Obras de Humberto Espíndola e Neri Wega integram a mostra coletiva *Cores e Formas do MS*, que ocupa a Galeria A e B do Centro Cultural até o final do mês. Pág. 28

Goiânia

O grupo vocal carioca A Garganta Profunda leva à cidade o show *Memórias, do LP ao CD*, em sessão única no Teatro Goiânia, com entrada franca. Pág. 34

Teatro

O clássico de Bertold Brecht *Terror e Miséria no III Reich*, sobre a constituição do fascismo alemão, é encenado pela Antrophos Companhia de Artes no Teatro Goiânia. Pág. 34

"Matéria de poesia"

De que matéria é feita a poesia? É uma pergunta oportuna e feliz nesta era avançada da história humana, em que o homem pisa o solo lunar com a mesma sem cerimônia e indiferença aos tabus com que o nauta do século XVI recorria ao astrolábio para pesar o Sol. A indagação vem a propósito do último livro do consagrado poeta matogrossense, residente em Campo Grande, Manoel de Barros, intitulado "Matéria de Poesia", editado no ano passado pela Livraria São José, com apresentação de Antônio Houaiss. Sim, de que matéria é feita a poesia?

Jorge Luis Borges, que este ano provavelmente ganhará o Prêmio Nobel de Literatura, afirma ter sido excelente a ideia de Walt Whitman, ao romper com a rima e adotar o verso branco. Na verdade, não poderia durar muito uma concepção formal que aprisiona em cárceres de convenções estéticas intransigentes e inalteráveis o produto de criação literária mais livre e espontâneo: a poesia. O poeta gosta do pássaro, da amplitude, não admite peias, justamente expandindo o incontido anseio de liberdade, de que foi um paladino e um exemplo inofensível o piloto Antoine de Saint Exu-

pery. O grande Poeta das Américas, Ruben Dario, consagrara o princípio, tão justamente louvado: "Cria teu ritmo, e criarás o mundo".

A rima e o ritmo estatuidos nos tratados de versificação não nasceram com a poesia; foram criados pelo homem, resultaram de um labor didático e normativo e assim sujeito, como todas as obras humanas, às transformações e às lapidações do tempo. A evolução da poética, ao reconhecer o valor e a primazia do verso branco, descobriu nele maior mérito e melhor material para a revelação do talento criador, eis que o poeta, ao adotá-lo, é obrigado a elaborar seu próprio ritmo, do mesmo modo que o navegador sem cartas e sem aparelhos é obrigado a estudar a rota pela posição das estrelas.

MANUEL DE BARROS, Prêmio da Academia Brasileira de Letras e da Fundação Cultural do Distrito Federal, é um desses poetas novos e revolucionários. Não se contentou com a repetição servil do passado, com os métodos superados, com a linguagem que não exprime mais nada. Partiu para a criação de seu próprio mundo poético, com unidade, densidade e nível estético, não só quanto ao aspecto formal como

também em relação à substância. Sua poética não tem nada de superficial. Sabe que escrever poesia não é alinhar adjetivos bonitos ou dizer coisas tão batidas que até o espírito menos exigente em arte literária já está evitando. Compreende que a poesia hoje consiste em desvendar a natureza íntima das coisas, recolher a mensagem transmitida pelo universo das realidades simples, sondar os anseios e as aspirações da humanidade. Segundo o crítico Benedicto Luze Silva, os poetas sabem "...que as massas em geral não acompanham a criação poética e que o poeta corre o risco de 'escrever para a eternidade', seus exercícios dando a impressão momentânea de um jogo subjetivo gratuito. Acreditam que a poesia precisa ser criada como uma coisa viva, embora essa possa não se tornar perceptível para a grande maioria".

Por isso, MANUEL DE BARROS faz versos assim:

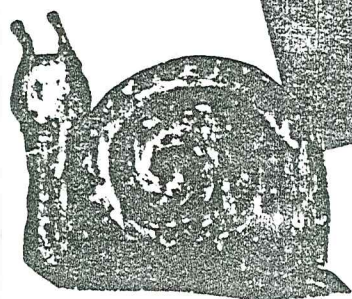
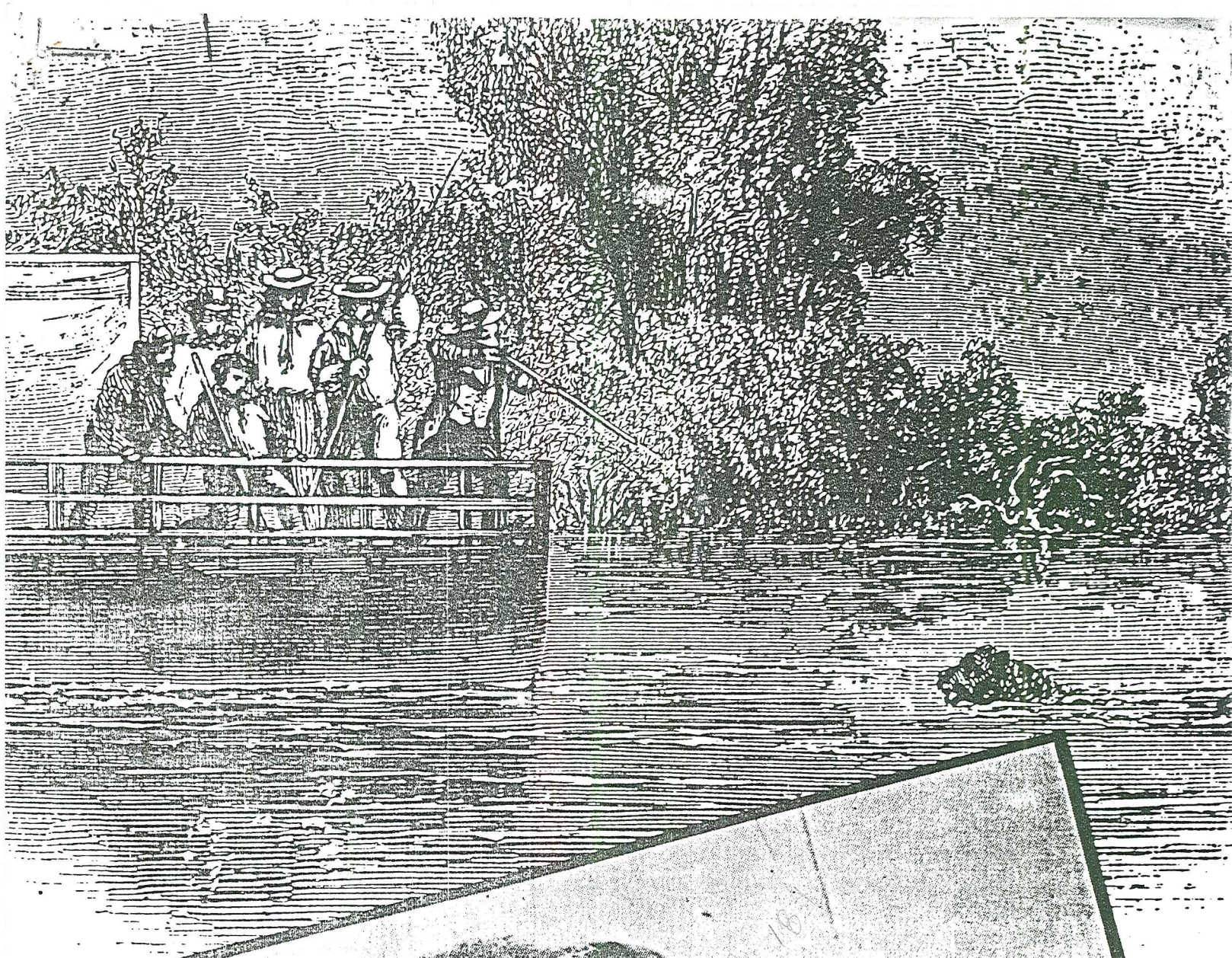
O que se encontra em ninho de João-
(ferreira:
caco de vidro, grampos
Retratos de formatura
Servem demais para poesia
Importante sobremaneira é a palavra

(repositório
A palavra repositório eu conheço bem
tem muitas repercussões
como um algibe entupido de silêncio
sabe a destroços
Tudo aquilo que nos leva a coisa nenhuma
e que você não pode vender no mercado
como por exemplo o coração verde dos
(pássaros
serve para poesia.

SABER de um impulso próprio para a criação, inaugurando novas formas e novas realidades semânticas, adotando uma linguagem castigada na mutilação do real, de modo a extrair a beleza oculta no contraditório e no incongruente, MANUEL DE BARROS instituiu o "chevrolet gosmento", "o bezouro abstermido", os "homens que atravessam períodos de árvore", o "lodo das estrelas", os "sapatos adjetivos", a notável "fala de furnas brenhentas de Mário-Pega-Sapo", o "homem riacho", o inusitado prazer de "desamarar os cachorros com linguça", o trabalho útil de "secar as palavras no sol", pois que, evidentemente, reconhece o ilustre poeta que "ser pedra depende de práticas", porque, a despeito de todo o nosso tpo orgulho "a gente é rascunho de pássaro".

José Couto PONTES

A. Coutinho



MATO GROSSO DO SUL

O INVIÁVEL ANONIMATO
DO CARAMUJO-FLOR, ou
A/C de Manoel de Barros

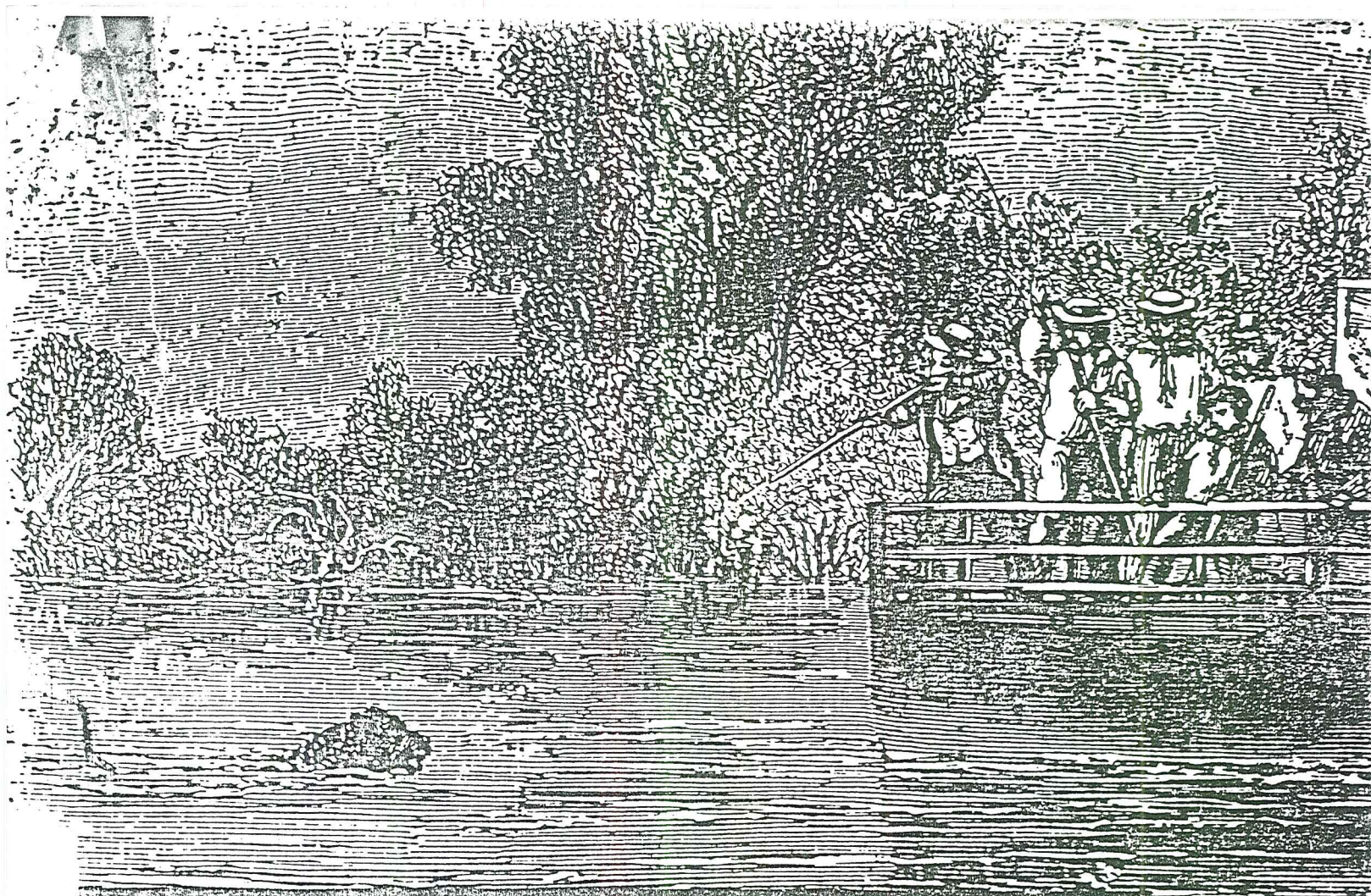
JOEL PIZZINI

Argumento:

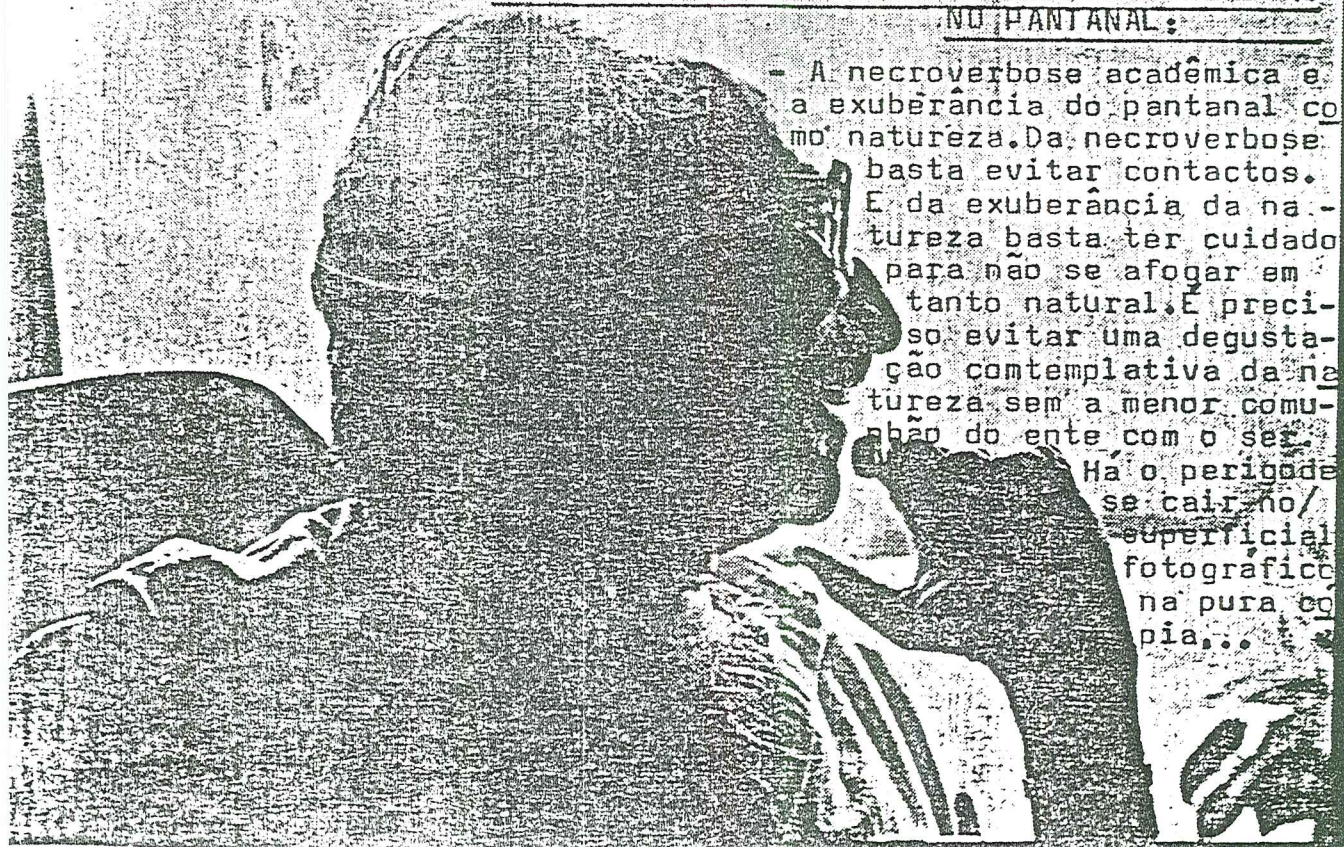
JOEL PIZZINI

CURTA-METRAGEM

SERGIO MEDEIROS



OS MAIORES PERIGOS QUE CORREM OS CINEASTAS
NO PANTANAL:



- A necroverbose acadêmica e a exuberância do pantanal como natureza. Da necroverbose basta evitar contactos. E da exuberância da natureza basta ter cuidado para não se afogar em tanto natural. É preciso evitar uma degustação contemplativa da natureza sem a menor comunicação do ente com o ser. Há o perigo de se cair no superficial fotográfico na pura cópia...

"... AOS POETAS É RESERVADO TRANSMITIR A ESSÊNCIA. VEM DAÍ QUE É PRECISO HUMANIZAR AS COISAS E DEPOIS TRANSFAZÊ-LAS COM VERSOS."

Manoel de Barros

A ESTÉTICA DO ORDINÁRIO

O INVIÁVEL ANONIMATO DO CARAMUJO-FLOR ou A/C de Manoel de Barros, ouse ser um ensaio em curta-metragem sob a 'poesis cinematográfica' de/e sobre o ilustre desconhecido Manoel de Barros. De olho antecipadamente na própria montagem - pois a obra de Barros é construída com fragmentos justapostos encerrando certa concepção cinematográfica de organização - o filme pretende realizar uma leitura interdisciplinar do universo temático deste poeta sul-mato-grossense, que encara a poesia como 'armação de objetos lúdicos com emprego de palavras, imagens, cores e sons.

Em primeiro plano, situar o incompreensível anonimato deste 'sábio demiurgo' ou 'sujeito inviável'-como se auto-define. Estratégia pessoal ou contingência do isolamento? Buscando o sujeito, a matéria, e refletindo o uso na poesia de Manoel de Barros, o curta documentará os principais interlocutores deste 'bruxo encantado' com comportamento de caramujo. Um tratamento que requer sutileza, pois recolhido pelas palavras, Barros nunca falou em público, resiste à entrevistas e detesta multidões. A hostilidade provinciana e a visão do Pantanal como laboratório da natureza; sugere uma síntese surreal à abordagem.

"O Inviável..." quer experimentar/desintegrar os conceitos de Barros, captar a sua "Estética do Ordinário" e abstrair ainda o diálogo do poeta com a pintura moderna, particularmente aquela realizada por Picasso, Klee e Miró. Filmar o percurso artístico de Manoel de Barros, mais do que um irreversível exercício de colagem, é revelar um dos criadores mais originais da literatura viva.

O ponto de vista cinematográfico de sua obra suscita a predominância por planos fechados e super-aproximados (relação íntima e erótica com a natureza/palavra) com a câmera dirigida sempre rente ao solo, atraindo os significados para o chão que, na ótica do poeta-é o apogeu. O repertório de imagens de Barros, exige uma fotografia sensorial e detalhista, voltada antes de tudo para a pequenez larval do Cosmo. A tonalidade deve resultar do abuso das cores vivas e a intensidade da luz descarta o sombrio e o angustiante.

Poeta da imagem falada e da poesia realizada na voz, Manoel de Barros instiga associações de formas extravagantes e inusitadas que levam o leitor/espectador à uma paisagem onírica, íntima região da linguagem-cinema.

Para compor o "Anonimato", optei -pelas razões já expostas- por uma narrativa (des)estruturada tipo um jogral de "flashes" surreais, pontuada pela música de Erik Satie (autor das "Gymnopédies"). A interpretação cabe perfeitamente ao timbre de Tetê Espíndola e à expressão corporal de Ney Matogrosso.

O INVIÁVEL ANONIMATO DO CARAPUJO-FLOR
ou A/C de Manoel de Barros

PRÉ ROTEIRO:

ação:

Sequência 01:

Plano fixo e aproximado de uma tela de TV, sem enquadrar as bordas do aparelho, Na tela, partículas de uma TV fora do ar. Fusão com imagens super-ampliadas/ de microorganismos em movimento. É a vida/poesia em estado larval. Sobreimpressão dos letreiros de/ apresentação do filme, desenhados p/ Millôr Fernandes.

Sequência 02:

Imagens de época (arquivo) Preto & Branco. Rio de Janeiro, década de 40. Areias de uma praia. Carros passando, bonde, etc... Câmera rápida

Sequência 03:

Beira-Mar. Areias de uma praia. Imagens preto&branco. Figuras na cena, vestidos à caráter: Fausto Wolff, Millôr Fernandes, João Antonio e Antonio Houaiss, além/ de nosso ator (Ney Matogrosso). Constituem uma turma de boêmios farristas. O ator/poeta, está / com seu traje mais dessarumado.

Fausto Wolff (enche seu copo com água do mar, agachando):

-Ao poeta que fala a língua/ dos bichos ! (posição de brinde)

João Antonio (enche seu copo com areia):

-Ao poeta do lixo, do lodo e das lesmas, para quem o apogeu é o chão !

Antonio Houaiss:

- À poesia de Manoel de Barros que tem a máxima perfeição na poesia de Manoel de Barros!

Millor Fernandes:

som:

...chiado característico

...entra a "Three Gymnopédies" de Erik Satie...

...Satie em ritmo mais acelerado...

opção: os intelectuais estão dispostos numa roda de tereré que / passa de voz em voz. Em plena praia...

obs: há em cena um músico bêbado que dedilha uma harpa.

-Aos donos do poder artístico-intelectual, com votos que descubram um novo talento...Ao Sabiá com trevas !

Cena 02:

O ator/poeta levanta lentamente o braço para brindar(de mãos vazias). Acontece aí um choque de copos...

Cena 03:

O nosso ator/poeta(meio distante) atravessa o grupo e caminha em direção ao mar. Dá alguns passos e logo percebe imagens passando numa TV, que é atingida pelo vai e vem das ondas. No ar, um documentário do cineasta sueco "Arne Sucksdorf" Imagens do Pantanal...

Sequência 04:

Planos próximos das pernas / das pessoas que caminham pelas tradicionais calçadas de Copacabana(praia)-PLONGÉ. Travelling/lateral aceleradíssimo, distorcendo a imagem. Imagens feitas hoje em preto & branco...

Sequência 05:

Corte brusco. Close da boca da cantora Tetê Espíndola:

-Bôca: Brasa-verdejante-que-se-usa-em-música...

...Chorinho de Ernesto Nazareth ao piano...

...Efeito sonoro de / "Rebentação de Ondas".

...Voz-off: "Porque deixam um menino que é do mato amar o mar com tanta violência !"(Voz real do poeta Manoel de Barros)...

..."Heures Séculaires et Instantanées" de Satie..



...silêncio ao fundo



Sequência 06:

Rio de Janeiro antigo (imagens/ de arquivo). Trechos de um documentário sobre o Estado Novo c/Getúlio ao centro, estão sendo projetados numa parede. A câmera enquadra toda a área de projeção, e registra o defeito intencionalmente, do projetor que dispara embaralhando as imagens. A câmera aproxima aos fotogramas onde estão Vargas...

...ruído do defeito
mixado ao som de /
trem sobre trilhos.

Sequência 07:

Imagens de trilhos a partir do trem em movimento. Planos fixos / das cercas de ambos os lados, que se enxergam do trem. (alusão ao / Trem do Pantanal)

..."Croquis et agaceries" de Satie dando
espaço para esparços
gritos infantis...

Sequência 08:

A câmera acompanha a aterrissa quase humana do pássaro "Jaburú", que se acomoda desengonçadamente.

...Em off (voz de Tetê Espíndola caricata) locução de rádio com / chiado de época: "Neste quinho acaba de receber da Academia Brasileira de Letras, o prêmio Orlando Dantas pelo seu livro "Compêndio para Uso dos Passaros". Hoje no almoço deve ter havido um suculento frango ao molho pardo com que Estela... (volume diminuindo)... (efeitos sonoros de sinais em código de rádio)...

Sequência 09:

Cenas documentais. Com a palavra "Bernadão" e o "Bugre Aniceto" (personagens e interlocutores de Manoel de Barros). Falam a seu

modo sobre o poeta e contam cau-
sos sobre "lobisomens"

...suave som ambiente.

...

Sequência 10:

Corta. Clima surreal. Acadê-
micos de Letras da província re-
unidos. Estão sentados ao redor/
de um curral, num gramado verdís-
simo, cercado com vasos repletos
de flores comportadas. A cena es-
tá contaminada pela tirania do/
"bom gosto". Todos usam trajes /
rigorosos e discursam seriamen-
te. Riem às vezes. Grande angular
do alto para baixo:

Acadêmico 1 - Falta-lhe espí-
rito associativo. Consciência de
classe...

Acadêmico 2 - Imagina que es-
se cidadão sai por aí dizendo /
"que tudo aquilo que a nossa ci-
vi-li-za-ção rejeita, pisa e mi-
ja em cima, serve para a poesia.

Acadêmico 3 - Ele tem a ousa-
dia de dizer aqui (livro do poe-
ta na mão) "Que o poema é antes/
de tudo um inutensílio e não o/
serve pra nada enquanto vida ou
ver'!.

Acadêmico 4 - É um sujeito /
inviável, apodrecido para a poe-
sia. Um indivíduo contaminado /
por árvores, pássaros e rãs...

...sons onomatopáicos
(imitação: Tetê)

Sequência 11:

Plano fechado numa mão que /
brinca de 'bater' figurinhas so-
bre um chão vermelho de terra/
batida. A cada 'paf', levanta-se
certa poeira. Ao desvirarem as
figuras, a câmera identifica: fo-
tos de infância e adolescência
de Manoel de Barros...

..."Gnossiennes 2&4" de
Erik Satie (ao fundo) ..

Sequência 12:

Fusão da sequência anterior

JOSÉ MINDLIN

Manoel foi uma revelação explosiva

Não é só a Metal Leve que faz do empresário paulista José Mindlin um nome sempre citado na imprensa nacional. Com muita frequência ele é notícia dos cadernos e suplementos de cultura, aparecendo como bibliófilo possuidor da maior biblioteca do País e também como editor de obras de tiragem limitada e apresentação luxuosa. Em junho, Mindlin esteve em Campo Grande e no Pantanal para usufruir da convivência do poeta Manoel de Barros, de quem vai editar "Livro das ignoranças" neste setembro.

Mindlin, que veio a Campo Grande em companhia do jornalista João Borges (O Globo), descobriu Manoel de Barros por meio da Bric a Brac. Corria o ano de 1989 e a entrevista do poeta naquela revista brasiliense despertou de imediato o interesse do editor: "Em matéria de leitura, uma das coisas que mais me seduzem é a surpresa provocada pela descoberta de um autor. Foi o que aconteceu com Manoel, que foi uma revelação explosiva para mim".

João Borges, então da Bric a Brac, promoveu a aproximação entre os dois, daí surgindo uma amizade temperada por eventuais visitas e cartas frequentes. Embora reconheça ser muito difícil definir poesia, Mindlin afirma que "sem sombra de dúvida, Manoel é um dos grandes valores da poesia brasileira atual e sua obra vai permanecer, ao contrário de outros valores que pareciam grandes mas que desapareceram com o tempo. Diria até que quase a maioria dos que publicaram livros de poesia neste século, hoje estão esquecidos".

Com programação visual da artista gráfica e arquiteta Diana Mindlin, a edição de arte do "Livro das ignoranças" terá tiragem limitada para ser distribuída a amigos e bibliófilos.

Igual apuro estético e conceitual cercou as edições de Mindlin que traziam trabalhos inéditos de Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Mello Neto (com ilustrações de Fayga Ostrower) e outros nomes de peso da poesia brasileira. Mindlin comenta divertido: "Cada louco tem sua mania e achei que a poesia de Manoel devia ser incluída numa edição desse tipo, só de grandes textos".

Mindlin também estende seu prazer de editar para a Metal Leve, que foi a primeira empresa brasileira a publicar livros. Os 25 anos da organização foram festejados com uma edição fac-similada da Revista de Antropofagia, que é um dos documentos mais importantes do Modernismo. "Era impossível encontrar essa revista, porque quando foi publicada (em 1928), ninguém a guardou já que o movimento não era levado a sério. A procura por nossa reedição foi tanta, que tivemos que reimprimi-la duas vezes", lembra o editor.

UMA PATOLOGIA
SAUDÁVEL

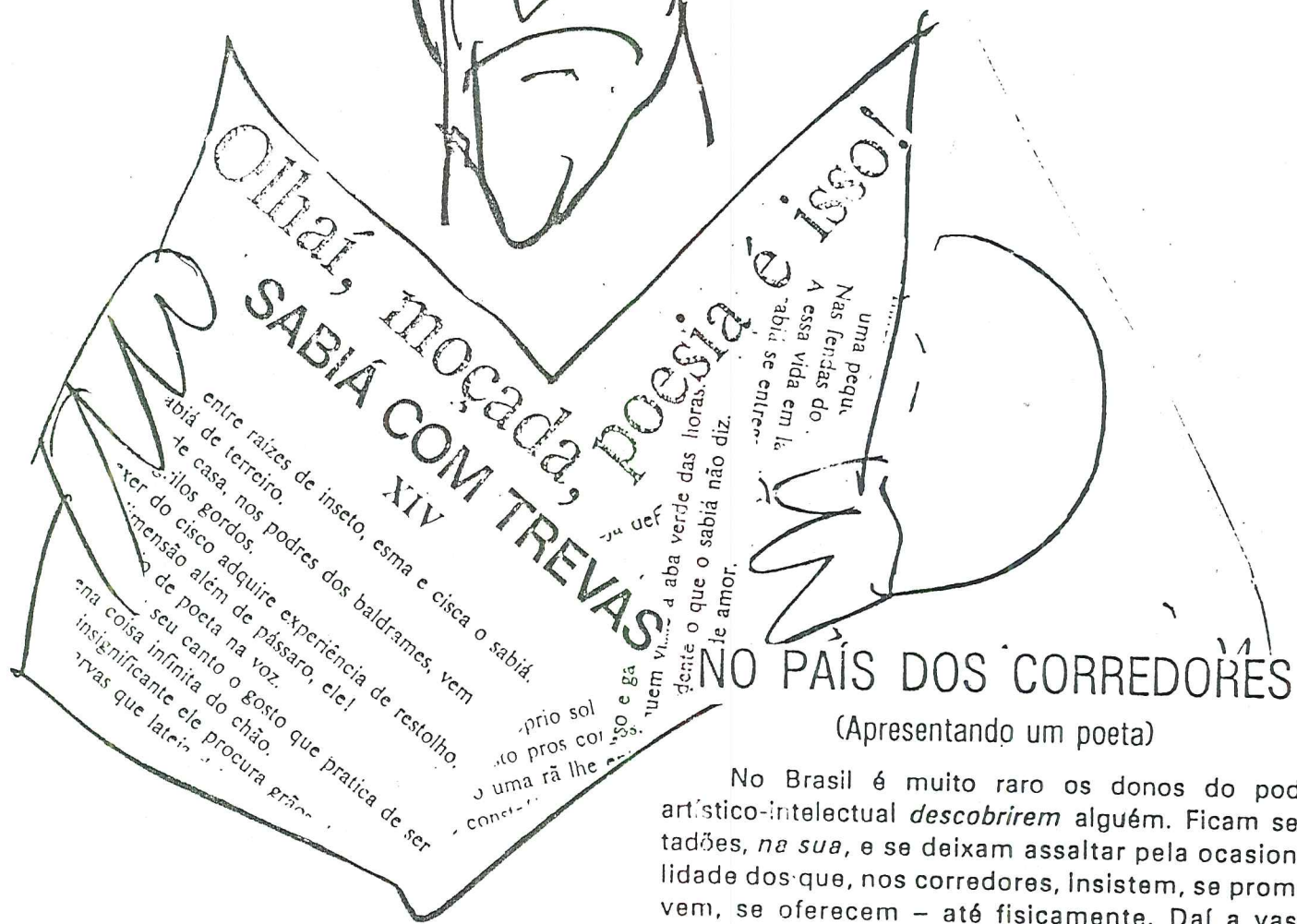
Herdeiro paterno do gosto pelas artes, Mindlin desde cedo revelou-se um leitor voraz e começou a formar sua biblioteca aos 13 anos de idade. Até hoje sempre mantém um livro em sua companhia, lendo em todas as brechas de tempo possíveis. Ele comenta que quando seus filhos eram pequenos, sala de casa antes das 7 da manhã para levá-los à escola e então encostava o carro debaixo de uma árvore aproveitando para ler até perto das 9, hora de entrar no escritório.

Com um acervo que ultrapassa 20 mil volumes ocupando sua casa toda e mais dois anexos, Mindlin analisa que em paralelo à formação da biblioteca, vai se desenvolvendo o amor pelo livro como objeto de arte. Nesse culto pesam fatores como a parte tipográfica, as ilustrações, a encadernação e o desejo de ter várias edições importantes de um autor que se admira.

Ao dissecar as razões de sua compulsão pelos livros, o bibliófilo revela seu refinado "sense of humour": "Reconheço que há um conteúdo patológico nisso, mas como é uma doença incurável que faz com que eu me sintam bem, não adianta a gente se preocupar".

199

MILÔR



NO PAÍS DOS CORREDORES

(Apresentando um poeta)

No Brasil é muito raro os donos do poder artístico-intelectual *descobrirem* alguém. Ficam sentados, *na sua*, e se deixam assaltar pela ocasionalidade dos que, nos corredores, insistem, se promovem, se oferecem – até fisicamente. Daí a vasta mediocridade de nosso mundo intelectual ostensivo, enquanto um sem-número de talentos jamais tem oportunidade.

Estou apresentando hoje, a vocês, um poeta, Manoel de Barros, de Mato Grosso do Sul. Não é um novato. De vida tem mais de 60 anos. De poesia, o dobro. Há dois anos fiz a capa de um livrinho seu, admirável: *Arranjos para Assobio*. Dois anos! Fiquei esperando que a *mídia* se manifestasse. Que escritores especializados se manifestassem. O *Suplemento Literário Minas Gerais* (honra ao jornal!) deu duas notas, elogiando. Foi só. "Não é um país sério" – já dizia o narigudo francês.

Transcrevo aqui um fragmento de poema desse Manoel de Barros, poesia única, inaugural, apogeu do chão.

Miller, Ito (7/10/91)

Miller Ito (7/10/91)

MILÔR

Olhaí, moçada, poesia é isso!

SABIÁ COM TREVAS

No chão, entre raízes de inseto, esma e cisca o sabiá.

É um sabiá de terreiro.

Até junto de casa, nos podres dos baldrames, vem apanhar grilos gordos.

No remexer do cisco adquire experiência de restolho.

Tem uma dimensão além pássaro, ele!

Talvez um desvio de poeta na voz.

Influi na doçura de seu canto o gosto que pratica de ser uma pequena coisa infinita do chão.

Nas fendas do insignificante ele procura grãos de sol.

A essa vida em larvas que lateja debaixo das árvores o sabiá se entrega.

Aqui desabrocham corolas de jias!

Aqui apodrecem os vãos.

Sua pequena voz se umedece de ínfimos adornos.

Seu canto é o próprio sol tocado na flauta!

Serve de encosto pros corgos.

Do barranco uma rã lhe entarda os olhos.

Este ente constrói o álacre.

É intenso e gárrulo: como quem visse a aba verde das horas.

É ínvio e ardente o que o sabiá não diz.

E tem espessura de amor.

(De Manoel de Barros, poeta de Mato Grosso do Sul.)

03/09/96

Coneio Brasiense

RESGATE SONORO DAS PALAVRAS

Mauro Mello Júnior
Coneio

Um livro que não diga absolutamente nada e que use as palavras por sua sonoridade, beleza e arte. A proposta nasceu na França, em 1852, e foi desejada por Gustav Flaubert. O francês queria um livro que não tivesse tema e se mantivesse apenas pelo estilo. Mas o projeto morreu numa gaveta qualquer.

O mesmo sonho invadiu os desejos do poeta pantaneiro Manoel de Barros. Só que ele queria algo além da mera falta de tema, e confessa: "o que eu queria era fazer brinquedos com as palavras. Fazer coisas destuídas. O nada mesmo. Tudo que use o abandono por dentro e por fora." O resultado é o *Livro Sobre o Nada*, lançado pela Editora Record, durante a 14ª Bienal do Livro de São Paulo.

O poeta parte do menino, da criança que não sabia bem qual o sentido das palavras e as usava apenas por sua sonoridade, pelo que elas pudessem resgatar de sentimento. A solução pode ser banal, mas não é nada fácil. A leitura dos textos vai demonstrar que a lírica de Manoel de Barros está muito além



O mais novo livro de Manoel de Barros é uma brincadeira com as palavras

do bê-a-bá desconexo. Nela existe a presença viva do pouco comprometido com o sentido, pois sua paixão primária está voltada para o sentimento mais íntimo. "O menino de ontem me plange", explica Manoel.

Sua temática, no entanto, continua a mesma. Dois assuntos se sobrepõem: a natureza e as solidões todas do Pantanal. O silêncio está em

cada canto, protestando contra os grilos. A necessidade de se ficar isolado, ouvindo somente pássaros longínquos, assobios de ventos, amplidões do campo, preenche o poeta, um homem cada vez mais próximo do menino que, para ficar senhor de si, busca no espelho o avô antigo. "Meu avô ampliava a solidão."

Manoel de Barros já disse várias

vezes que tem capacidade de falar com os bichos e as plantas. Vivente de uma das principais reservas ecológicas do planeta, é até natural que o sentimento ecológico termine por se refletir em sua poética. O original, entretanto, é que aqui nada tem do ranço pré-fabricado, daqueles gritos surgidos nos anos 70, em que a moda mais uma vez deu o tom da canção. Manoel de Barros é carne do Pantanal e é nesta condição que incorpora todo jeito telúrico do lugar.

Isso torna sua poesia universal, pois ultrapassa, em muitas léguas, a coisa mesquinha da província dizendo que o mundo é seu vizinho. Este tom, aliás, dá uma intensa profundidade aos seus personagens. Eles chegam ao livro despidos do estereótipo e plenos na originalidade de serem somente o homem puro. O homem sem qualquer mitificação.

O curioso, entretanto, é que o poeta retrata todo este jeito de sentir o universo num livro que se propõe a não dizer nada. Ou melhor, num livro que não diz absolutamente nada. As frases são soltas, formam caleidoscópios, chocam-se com o sentimento formal, com a pretensão que assola muitos literatos que sonham

ser donos da verdade. "Trabalho arduamente para fazer o que é desnecessário", diz o poeta retratando a falta de sentido da poesia, tornando o seu poeitar imprescindível.

A grande utilidade de *Livro Sobre Nada* é dizer que a função primária das palavras não é dizer, mas enfeitar a vida. Desta forma, Manoel resgata a poesia pura e conta a construção de seus sentimentos mais íntimos. Torna-se, enfim, um homem universal que sonha com a amplidão de Deus — "Quem ama exerce Deus."

— mas que sabe resguardar o segredo de se surpreender: "Com pedaços de mim eu monto um ser atônito."

Não é exagero dizer que Manoel de Barros é um dos gênios dentre os poetas brasileiros. Sua poesia transcendeu os espaços por sua força única e se mostra capaz de encantar gregos e troianos. O *Livro Sobre o Nada* é prova disso.



LIVRO SOBRE
NADA

Manoel de Barros, Editora
Record, 88 páginas, R\$
19,00.

Vagalumes driblam as trevas

AILTON MAGIOLI

A fraca "performance" da produção cinematográfica nacional dos últimos anos não impediu que a sétima arte tupiniquim resgatasse sua dívida para com um dos maiores poetas vivos deste País. Submetida ao anonimato pela burrice da mídia, a poesia de Manoel de Barros invade as telas brasileiras, a partir de janeiro, com o lançamento do curta "Caramujo Flor", de Joel Pizzini Filho.

Leitura cinematográfica da obra do escritor sulmatogrossense que se transformou numa espécie de "cult" de nomes como Antônio Houaiss, Chacal, Evandro Mesquita, Geraldinho Carneiro, Millôr Fernandes, Enio Silveira e João Antônio, dentre outros, o filme foi distinguido com dois Candangos (Melhores Direção e Fotografia) na 21ª edição do Festival de Cinema de Brasília, em novembro último, além de receber ainda a Bola de Cristal no mesmo festival.

Nem só a importância do resgate da obra de um escritor ignorado pela mídia faz de "Caramujo" um filme imperdível para cinéfilos. O elenco de grandes estrelas, liderado por Ney Matogrosso em sua segunda experiência cinematográfica, também dá à obra um toque especial. Em tempo: os atores são todos naturais do Mato Grosso e, além de Ney, estão no elenco: Rubens Corrêa, Tetê Espindola, Almir Sater, Aracy Balabanian e Marcos Oliveira.

Ambientado no Pantanal, Corumbá, Gruta do Bonito, Rio de Janciro e São Paulo, o "Caramujo Flor", de Pizzini, revela o itinerário criativo de Manoel de Barros, via colagem de textos e imagens suscitadas por sua "estética do ordinário", incorporando fragmentos de seu universo estético e temático. Situando o anonimato do criador, o filme cusa a experimentar

o cinema na poesia de Manoel de Barros, que, auto-definida "armação de objetos lúcidos com emprego de palavras, cores, imagens e sons", coincide com o próprio espírito da montagem cinematográfica. Para o diretor, trata-se de "um poema sobre cinema".

"Caramujo Flor" foi selecionado entre 12 de um total de 50 curtas apresentados no 21º Festival de Cinema de Brasília e desde o início foi considerado pela crítica como um dos melhores exibidos no evento, devido a sua acentuada ousadia estética. Os três prêmios no festival vieram confirmar a importância do trabalho de Pizzini, que, além de qualidade técnica indiscutível, se enquadra no que Sérgio Bazzani, do "Correio Brasiliense", ressaltou em artigo: "... Ele passou longe do modelo documental/biográfico, optando pelo ensaio poético, que parece ser mais adequado para focalizar o universo de um poeta do que o didatismo rançoso que predomina na produção nacional de curta-metragem".

"Fico feliz porque fiz um filme sem concessões, da maneira que idealizei. Dei ao trabalho um tratamento que possibilitará sua carreira internacional, na medida em que se exige um padrão técnico para isto", avalia o cineasta, prosseguindo: "Caramujo" não é um filme folclórico nem exótico. É um filme poético e autoral. Procurei usar o que tivesse timbre de nossa regionalidade, mas que fosse incorporado por outras pessoas. Na realidade, a universalidade no entendimento".

E o elenco, na opinião de Joel, contribuiu sobremaneira para isto. Atores como Ney Matogrosso, Rubens Corrêa, Tetê Espindola, Almir Sater e Aracy Balabanian conseguiram, em interpretações primorosas, mostrar que "vagalumes

driblam a treva" e que "um rio tomado de banho pelos tordos, depura-se", explica o diretor utilizando-se de fragmentos da obra de Manoel. Entusiasmado com a ficção poética que realizou, ele recorda que Manoel de Barros, "na verdade, propõe um novo olhar. Não o olhar grandiloquente; o que ele quer é que também sejam vistas e apreciadas as coisas "desimportantes".

O lançamento de "Caramujo Flor" no circuito comercial está previsto para janeiro e Belo Horizonte também está incluída na agenda do diretor. A ficha técnica do filme inclui: Joel Pizzini Filho (roteiro e direção), Pedro Farkas (fotografia), Idê Lacreta (montagem), Clóvis Bueno (cenografia), Lívio Tragtenberg, Miriam Biderman e Idê Lacreta (trilha sonora) e Lívio Tragtenberg, R.H. Jackson e Tetê Espindola (música original). A produção é da Pólo MS Cinema e Vídeo Ltda. e a duração de 20 minutos.

A estética da ousadia no universo de um poeta

Aos 27 anos, Joel Pizzini Filho faz parte da já reconhecida novíssima geração do cinema brasileiro, que inclui talentos premiados nacional e internacionalmente. Autor do roteiro do vídeo "Alma em revista", exibido em festivais de Roma e Barcelona, ele fez estágio na NBC-TV, nos Estados Unidos, e foi assistente de direção de "Guerra do Brasil", de Sylvio Back, que Belo Horizonte assistiu neste semestre.

Seu trabalho atual inclui a pesquisa histórica do filme "Vlado: O Caso Herzog", que vai levar às telas um dos momentos mais atrozes da ditadura militar brasileira, além do projeto que vai desenvolver com o apoio da UnB: uma co-produção em vídeo sobre a vida da atriz Glauce Rocha - uma das maiores que o País já teve, devido à sua capacidade em harmonizar técnica e emoção, em interpretações an-

tológicas. Teatro, cinema e tevê.

"Estou preparando o roteiro e fazendo contatos com as pessoas que conviveram com Glauce. Depois, o próximo passo será o levantamento complementar dos custos para a realização do filme", explica Joel. "Acostumado" à realidade do cinema brasileiro, apesar da pouca idade. Paralelamente, o cineasta pretende fazer um documentário sobre a vida do pesquisador e cientista Arn Sucksdorff, cujo título inclusive já está escolhido: "Ave Sucksdorff".

A trajetória do jovem diretor, como se constata, está fadada ao sucesso. "Caramujo Flor", além do lançamento previsto para janeiro, deverá participar de vários festivais internacionais em 89. Entusiasmado com "a riqueza temática do Brasil, especialmente no que diz respeito à sua História", Joel investe na sétima arte, revelando aspectos até então inexplorados.

Como faz agora com a obra de Manoel de Barros que, por sua qualidade, tem tudo para se transformar num dos curtas "cults" da temporada de verão. "Caramujo Flor" resgata a poesia, ausente das telas, e dá provas de que o cinema brasileiro tem futuro, apesar do descaso dos órgãos públicos. Em tempo, uma pequena mostra da poesia de Manoel de Barros: "Se no tranco do vento a lesma treme/ no que eu sou de parede a mesma prega/ se no fundo da concha a lesma treva/ no que em mim jaz de escuro ela se trava/ se no meio da náusea a lesma gosma/ no que sofro de musgo a cuja lesma/ se no vinco da folha a lesma escuma nas calçadas do poema a vaca empluma."

BRASIL
FUNDACAO
F1764
PESQUISA

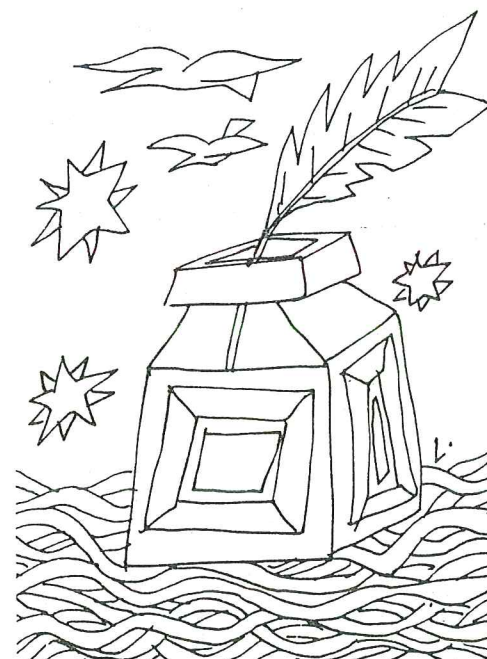
Extase da poesia de Manoel de Barros

O lançamento de *O Livro das Ignoranças*, último trabalho do poeta mato-grossense, reabriu o debate em torno de sua obra

SEVERINO FRANCISCO

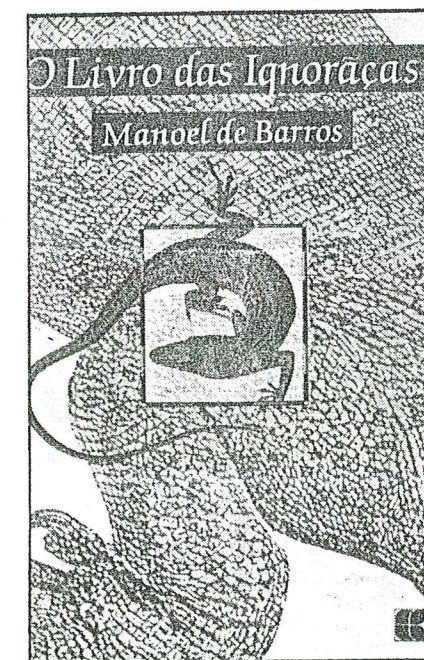
Em um ambiente marcado pelo marasmo da crítica, na universidade e nas páginas dos jornais, o lançamento de *O Livro das Ignoranças* (Ed. Civilização Brasileira), último livro do poeta mato-grossense, Manoel de Barros, teve a fortuna de ser alvo do debate. Ao articulista Marcelo Coelho, da *Folha de S. Paulo*, cabe mérito de ter dado o pontapé inicial na polêmica. As críticas que desfechou contra Manoel de Barros são, essencialmente, equivocadas. Mas, de qualquer maneira, elas funcionam como um excelente pretexto para tentarmos situar o valor e o lugar de Manoel de Barros na poesia brasileira e na poesia moderna universal. Entre outras restrições, o articulista rechaça o que considera traços de "irracionalismo" e qualifica os poemas de Manoel de Barros como produtos para quem consome macarrão Mijo e novela Pantanal.

Em primeiro lugar, é preciso lembrar que Manoel de Barros não é um mero exemplar de exotismo do pantanal. A sua poesia está em plena e viva sintonia com os dois grandes criadores da poesia moderna: Baudelaire e Rimbaud. Em um dos seus poemas mais célebres, que serviu como lema para o simbolismo, Baudelaire sugeria a possibilidade poética de uma correspondência ou uma sinestesia entre os sentidos: os perfumes, os sons e as cores. Não é por acaso que Rimbaud, em sua utopia de uma alquimia do verbo



(acessível a todos os sentidos), considerasse Baudelaire "um verdadeiro deus". Rimbaud radicalizaria ainda mais o projeto de Baudelaire, formulando um "Soneto das Vogais", onde cada letra corresponde a uma cor e sugere uma imagem: "A, velado voar de moscas reluzentes/ Que zumbem ao redor dos acres lodaçais; /E, nívea candidez de tendas e areais/ Lanças de gelo, reis brancos, flores frementes".

Pois bem, o mato-grossense Manoel de Barros enfrentou esta tradição e do embate resultou uma contribuição original. Vejamos: "Hoje eu dese-



inho o cheiro das árvores". Ou, então: "Não tem altura o silêncio das pedras". Ou, ainda: "Bernardo é quase árvore./ Silêncio dele é tão alto que os passarinhos/ ouvem de longe". Quem ignora esta tradição da alquimia do verbo de Baudelaire e Rimbaud corre o risco de entrar na poesia de Manoel de Barros como aquela madame-personagem de Nelson Rodrigues no Maracanã: "mas, afinal de contas, quem é a bola?".

Para os neo-racionalistas de hoje, o dilema é: razão ou barbárie. Mas esta tradição a que pertence Manoel de

Barros nos ensina que talvez seja possível uma terceira margem do rio, através da arte, onde o sensível e o inteligível não se excluem mutuamente. E Manoel de Barros tem uma contribuição a dar à tradição simbolista de Baudelaire, Rimbaud e Mallarmé. Enquanto a tradição simbolista tende ao nada, a poesia de Manoel de Barros está impregnada da umidade fértil do pantanal, do chamejamento de luxúria da terra, da promiscuidade dos elementos, da matéria pululante da vida. Ela tem a força que Rimbaud buscou na África. É a força do Brasil. A prova é que, aos 70 e lá vai fumaça, Manoel continua produzindo a pleno vapor, uma poesia de alto êxtase. É precisamente o contrário do que esperam consumidores de Mijo e da novela Pantanal. Manoel realiza a epifania das lesmas, das lagartixas, das paredes, do ínfimo, da escória. É certo que, nota-se, por vezes, o uso pouco feliz de advérbios como verbos. Mas são detalhes de somenos em uma poesia de grande audácia de imagens, que não encontramos nem em Drummond nem em João Cabral. É pena que o sentimento do mundo de Manoel não ultrapasse os limites do pantanal. Onde está o mundo urbano? Mas isto é outra história. A poesia de Manoel de Barros honraria a literatura de qualquer país do mundo: "As coisas não querem ser vistas por/ pessoas razoáveis/ Elas desejam ser olhadas de azul/ Que nem uma criança que você olha de ave". Continue mandando bala, Manoel!



Basta você se descuidar um pouco e,
pronto, cai no ridículo.
Mas você já viu coisa mais ridícula
do que viver se cuidando?

INÉDITO: Entrevistando o homem menos entrevistado do mundo

PLAHJI HARYO, UM GÊNIO MIMÉTICO



Se você disser que o conhece, você é um mentiroso. Mas se você disser que nunca o leu está redondamente enganado. Você o lê diariamente, em toda parte. Mas nunca viu uma foto ou opinião direta dele. Agora aqui está uma entrevista com Plahji Haryo.

Depois de seis anos de perseguições, o dobro do que o deputado constituinte Roberto da Vila (não é parente do

Martinho) levou pra entrevistar o menestrel americano Woody Allen, conseguimos afinal falar a Plahji Haryo, o genial escritor internacional e atemporal que, aos 70 anos, jamais tinha sido entrevistado antes. Plahji exigiu, para dar esta entrevista, que só o fotografássemos de costas, mesmo em desenhos. Plahji, acreditamos, é o único escritor vivo mais difícil do que o Dalton Trevisan.

MF — Por que esta entrevista, depois de tantos anos?

PH — Tudo cansa, até a solidão. (1)

MF — Como está encarando o tumulto, a promiscuidade do mundo moderno?

PH — Jamais percebi o mundo; o mundo é aquilo que eu percebo. (2)

MF — E o que o senhor percebe, agora?

PH — Estamos num limiar, abandonando uma fé e procurando um estado, temos um muro de lamentações entre a matéria e o espírito, somos as páginas brancas onde será, ou não, escrita a história. (3)

MF — A literatura sempre foi a razão de sua vida?

PH — A idéia que faço da literatura me parece mais certa: é uma atividade de morte. (4)

MF — Essencialmente, o que o senhor procura?

PH — Eu não procuro, eu acho. (4a)

MF — Vivendo há anos em N.York, que pensa desta cidade?

PH — Jornais muito grossos. Papel higiênico muito fino. (5)

MF — A esta altura da vida o senhor é um homem feliz?

PH — Uma pessoa feliz presta pouca atenção a isso. (6)

MF — Continua contestando o estado?

PH — Como não contestar um estado em que convivem uma concepção religiosa da política com uma concepção política da religião? (7)

MF — Isso não o coloca num ceticismo total?

PH — O verdadeiro ceticismo começa quando não acreditamos nele. (8)

MF — Mas então onde está o centro de sua filosofia?

PH — O centro em toda parte. A circunferência em parte alguma. (9)

MF — Sua vida reclusa indica uma recusa da humanidade?